



RISCO À SAÚDE

Obesidade e sobrepeso atingem 69,71% da população paraibana

Consumo de ultraprocessados, sedentarismo e fatores emocionais estão entre as causas do problema. **Página 5**

Gestores de escolas e especialistas unem-se contra o bullying

Aumento dos casos no país expõe a urgência de medidas efetivas para conter os episódios de violência entre os jovens.

Página 7

PB prepara-se para investimentos da Chamada Nordeste

Projetos aprovados prometem desenvolvimento por meio da reindustrialização no estado, com recursos de R\$ 2,5 bilhões.

Página 17

Botafogo enfrenta o Figueirense, hoje, em Florianópolis

Partida começa às 18h30, no Orlando Scarpelli, e é válida pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro Série C.

Página 24



Foto: João Pedrosa

Povos indígenas celebram tradições

Em dia dedicado a reconhecer e valorizar a riqueza cultural e histórica da população nativa, aldeias comemoram avanços na luta por direitos e convidam o país a conhecer seus costumes e vivências. A Paraíba conta com 95 etnias, com destaque para a potiguara.

Página 8

Escola Anthenor Navarro é referência no ensino da música no estado

Com quase 100 anos de história, a instituição atende, atualmente, 2.200 alunos, de forma totalmente gratuita. Localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, a escola oferece 20 cursos, com aulas que incluem técnica vocal e 19 instrumentos para alunos a partir dos seis meses de idade.

Página 3

Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes

Consumo de produtos à base de plantas medicinais requer atenção

Lambedores, chás e garrafadas são facilmente encontrados nas feiras e mercados, mas não podem ser comercializados como medicamentos.

Página 6



Pensar

A reportagem especial debate a longevidade da população brasileira, os desafios enfrentados nessa fase da vida e como se preparar bem para a chegada da velhice.

Páginas 29 a 32

■ “Com vinte e poucos anos, eu tinha minhas ideias, mas a visão histórica era mais dos livros do que própria”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Dalí não é somente um pintor genial, mas também um escritor de palavra forte, insólita e original. Escreve como um poeta”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Onde, de fato, se ‘descobriu’ o Brasil? Baseado numa leitura da carta de Pero Vaz de Caminha, a nossa resposta é que foi no Rio Grande do Norte”.

Claudio Furtado

Página 19

Editorial

O vírus da mentira

Um levantamento divulgado há poucos dias pela Agência Lupa mostrou que as ferramentas da inteligência artificial estão associadas de forma substancial não à difusão de informações precisas, mas, precisamente, ao contrário, ou seja, à disseminação da desinformação. O veículo notifica a necessidade de se ter cuidado com os conteúdos recebidos, de diferentes formas, para que a verdade não se transforme em agulha no palheiro da mentira.

O minucioso trabalho de pesquisa internacional, desenvolvido pela Agência Lupa, intitulado “O impacto da IA no Fact-Checking Global”, detectou que mais de 80% dos casos de desinformação, a partir da manipulação de tecnologias de inteligência artificial, foram constatados apenas no período de janeiro de 2024 e março de 2026, ou seja, nos últimos dois anos. Entre os assuntos alvos de adulterações, figuram eleições, guerras e golpes.

Está cada dia mais evidente que a inteligência artificial está moldando um universo de desinformação totalmente novo, ainda não devidamente monitorado e controlado, seja pelos poderes públicos, seja pela sociedade civil organizada, numa espécie de reengenharia global, na esfera da informação, no bojo de cujo processo a verdade tem dificuldade de ocupar um lugar de honra, portanto, de prevalecer sobre a distorção.

Em entrevista à Agência Brasil, a gerente de inovação e formação da Agência Lupa, Cristina Tardáguila, afirmou, por exemplo, que “a imensa maioria das peças que são analisadas pelos checadores acaba levando a etiqueta de falso ou de enganoso”. Ela ressaltou ainda que a inteligência artificial “dificilmente tem sido feita para impulsionar conteúdos verdadeiros”. Um perigoso consórcio entre a invenção e as tecnologias avançadas.

A gerente da Agência Lupa teme pela derrocada da democracia, no plano internacional, levando-se em conta que a desinformação toma de assalto a consciência de pessoas incautas de diversas formas, destacando-se, entre elas, não apenas os vídeos, mas também áudios curtos, fotos e textos. Nesse contexto, é preciso redobrar os cuidados, antes de levar a sério notícias sobre os partidos políticos e as pessoas que os representam.

A guerra que os Estados Unidos da América e Israel travam contra o Irã e o Líbano é um escancarado mostruário do poder de manipulação da informação por meio da inteligência artificial. Imagens de aeronaves abatidas por mísseis e depoimentos de governantes de países envolvidos no conflito, no fim das contas, não passam de mentiras. E o que é pior: ainda não se tem notícias de uma vacina contra o vírus da desinformação.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Quando pensar era crime

Durante a ditadura militar, o Brasil instituiu uma lógica perversa segundo a qual todo cidadão que ousasse discordar do regime era automaticamente rotulado de “subversivo”. Essa classificação não se limitava a um rótulo ideológico: ela funcionava como sentença.

Não existiam freios jurídicos, éticas ou morais para a ação do Estado contra aqueles definidos como inimigos internos. Sob o disfarce da chamada “legalidade autoritária”, o regime promoveu uma repressão sistemática sustentada pela censura, pela tortura e pelas prisões arbitrárias. O desaparecimento forçado tornou-se prática recorrente e muitos brasileiros seguem até hoje, sem nome, sem corpo e sem justiça.

A acusação de comunismo operava como instrumento de eliminação política. Não exigia provas, nem sequer coerência: bastava discordar, questionar ou resistir. As Forças Armadas foram convertidas em aparato policial-ideológico, empenhadas numa cruzada anticomunista que se consolidou como política de Estado. A crítica passou a ser tratada como crime; o pensamento autônomo como ameaça. Instalou-se uma guerra psicológica permanente, cujo objetivo era o medo, o silêncio e a obediência.

A violência empregada contra os chamados subversivos não conheceu limites. Homens e mulheres foram sequestrados, torturados e assassinados; grávidas e crianças também foram atingidas pela barbárie institucionalizada. A tortura não foi um desvio, mas um método; uma técnica deliberada de destruição física e moral, destinada a humilhar e desumanizar. Inúmeros inocentes sofreram suplícios atrozes, enquanto o Estado violava, de forma sistemática, o direito à liberdade política e à dignidade humana.

O mais alarmante, contudo, é constatar que esse passado não foi definitivamente superado. A extrema direita que hoje se organiza no país demonstra a inequívoca nostalgia do autoritarismo.

Reatualiza o discurso do ódio, chamando opositores de “esquerdopatas” ou comunistas, numa tentativa grotesca de manter viva a retórica do inimigo interno.

O objetivo permanece o mesmo: criminalizar a divergência e corroer os fundamentos da democracia. Voltam a ser tratados como subversivos aqueles que resistem às ilegalidades, denunciam abusos e se recusam a aceitar a normalização da violência institucional.

Promove-se, de forma deliberada, uma política do esquecimento. Estimula-se uma verdadeira esquizofrenia da memória coletiva, relativizando crimes, negando a tortura e tentando reescrever a história sob a ótica dos algozes. Nesse novo autoritarismo de feição ultraconservadora, pensar diferente continua sendo perigoso. E, mais uma vez, quem se recusa a se submeter passa a carregar o velho rótulo de comunista.

Esse tema aparece bastante na música e na cultura. Um exemplo clássico é o romance *1984*, de George Orwell. Na história, o governo controla tudo, até pensamentos das pessoas. Existe até o “crime de pensamento”, onde só pensar contra o sistema já é considerado crime. Na música é usado de forma crítica em duas canções brasileiras bem conhecidas: “Pra não dizer que não falei da flores”, do nosso conterrâneo Geraldo Vandré, e “Cálice”, de Chico Buarque e Gilberto Gil. Que esse tempo em que pessoas eram punidas, não só pelo que faziam, mas pelo que diziam ou até mesmo acreditavam, nunca mais volte.

“

A acusação de comunismo operava como instrumento de eliminação política. Não exigia provas, bastava discordar

Foto Legenda

Evandro Pereira



História pessoense

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O ofício e a hesitação

A leitura do mundo sempre me inibiu. São tantas, diversas e necessárias, que teimei em conter as minhas, quando afloram, para meu próprio uso. Daí a inibição ante assuntos fora do meu domínio, da minha vivência.

Cedo, embora a muito custo, consegui elaborar um texto que a chefia de redação julgara apto a compor a coluna de sueltos e mesmo o editorial do jornal. Não me seria fácil, sentia-me como ainda me sinto hoje: em desenvoltura no trato da maioria dos temas ou assuntos, eu próprio consciente da imaturidade profissional e desprovido de formação acadêmica.

A realidade das redações em que lograva ingressar mostrava-me isso. *O Norte* com José Leal, autodidata com anos e anos de trato com as luzes da História do seu estado, do seu país e mesmo das matrizes de nossa colonização. Ele, ao lado de Dulcídio Moreira, havia não somente acompanhado os lances da Segunda Grande Guerra, como vivido, dada a grande responsabilidade, através da radiotelegrafia de então, de captar e apurar o noticiário de cada dia de guerra europeia sofregamente acompanhada pelo Nordeste brasileiro com sede, em Natal, de uma base aérea cedida ao americano em troca do apoio à instalação de nossa siderúrgica pioneira.

Com vinte e poucos anos, eu tinha minhas ideias, mas a visão histórica era mais dos livros do que própria. Percebia muito bem esse desfalque, não por entre as páginas da historiografia, mas da literatura com sua prosa rica de tipos, de situações, do homem por fora e por dentro. *Os Thibault*, de Roger Martin Dugard, *O mundo que eu vi*, de Stefan Zweig, o mundo da Primeira Guerra Mundial.

Mas, quando Sá Leitão Filho, um dos edi-

“

Com vinte e poucos anos, eu tinha minhas ideias, mas a visão histórica era mais dos livros do que própria

torialistas, teve de se ausentar de **A União** para dedicar-se à advocacia, tremi nas bases ao ser chamado pelo velho Wilson Madruga, nosso redator-chefe, avisando que ia indicar-me para revezar o editorial com Juares Macedo. Era uma promoção, sem dúvida, mas lhe pedi pra pensar. Um ou dois anos antes, eu tinha sido levado ao governador, autoridade muito além dos meus cálculos, por conta de manchete meio engraçada que abrisse com o fracasso de um foguete interplanetário americano em cuja manchete, em vez de cair, saiu com o debochado “gorou” da nossa linguagem popular marcadamente paraibana. O foguetão que não explode gora; o ovo podre é goro.

Não é difícil que esse receio antigo tenha me trazido para a crônica, para a primeira pessoa do prosador que sonhei ser. Liberto do padrão, do autocontrole que o comentário impessoal, sem assinatura, minimizado como suelto, nos obrigava.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Roberto Guedes

Os cursos de musicalização infantil acabam sendo os mais concorridos quando a escola abre inscrições para novos alunos

ANTHENOR NAVARRO

Escola de música continua sendo referência na Paraíba

Quase centenário, educandário atende 2,2 mil alunos de forma gratuita, em JP

Bárbara Wanderley
 babiwanderley@gmail.com

Com quase 100 anos de história, a Escola Estadual de Música Anthenor Navarro (Eeman) tornou-se uma das principais referências para quem pretende estudar música na Paraíba. Localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, a escola atende atualmente 2.200 alunos, de forma totalmente gratuita.

É possível escolher entre 19 instrumentos disponíveis para aprender, além de técnica vocal, totalizando, então, 20 cursos ofertados. De acordo com o diretor da escola, Moézio Porfírio, é possível começar a partir dos seis meses de idade. “A gente fala aqui que é desde os seis meses de idade até enquanto puder subir a rampa [a escola fica no andar superior do Espaço Cultural]. A gente teve a alunos até na melhor idade. Com 90, acima de 90 anos, a gente já teve aluno que ingressou na escola”, afirmou.

No caso das crianças, a porta de entrada são as turmas de musicalização infantil, que contam com módulos que vão do um ao três, sendo o três recomendado para crianças a partir de 10 anos. É nessa idade que elas começam a aprender teoria musical para, em seguida, escolher o instrumento que querem aprender. “A gente trabalha com as crianças essa parte mais lúdica, trabalha essa parte de melodia, de harmonia, essas estruturas musicais básicas através de ludicidade, de instrumentos, de bandinha etc, até o aluno começar a tocar, a ter aulas individuais de instrumento, que ele vai ter lá para os 10 anos, 11 anos de idade”, explicou Moézio.

O curso completo de teoria musical conta com 12 semestres e dura seis anos. No primeiro semestre, o aluno aprenderá apenas teoria, sendo que, a partir do segundo, ele passa a ter também aulas práticas do instrumento escolhido. A escola tem instrumentos disponíveis para as aulas, mas o ideal é que o aluno adquira seu próprio instrumento para praticar em casa, como reforçou o diretor. “Ele tem aqui 45 minutos de aula semanal de instrumento e uma hora e meia de aula de teoria, então ele

tem que praticar o restante da semana em casa, porque é um exercício que tem que ter muita disciplina”, observou.

Turmas infantis

Moézio Porfírio contou que as aulas infantis são as mais procuradas. “A música causa esse desenvolvimento global na criança. E não sou eu que digo, mas a neurociência que fala e os pais vêm muito também à procura desse desenvolvimento que é proporcionado pela música. Porém, como a gente não tem essa pegada de musicoterapia, de ir para essa parte da terapia de desenvolvimento, o aluno tem que adquirir as competências realmente para poder ter esse desenvolvimento. Mas os pais relatam muito que ajuda na vida global, em todas as disciplinas na escola e até na própria disciplina, na educação”, comentou.

Pela alta procura, os cur-

sos de musicalização infantil acabam sendo os mais concorridos quando a escola abre inscrições para novos alunos, duas vezes ao ano. As inscrições ocorrem nos meses de janeiro e julho e o edital costuma ser publicado nas redes sociais da escola — @eemananthenornavarro. Geralmente uma média de 200 vagas são disponibilizadas, sendo que 60% delas são reservadas para alunos da rede pública de ensino, 10% para pessoas com deficiência e 30% para ampla concorrência. “A procura é enorme aqui, na escola. Quando a gente faz um oferecimento de vaga nessas duas épocas do ano, a gente tem cerca de quatro mil a cinco mil pessoas inscritas, principalmente crianças de seis meses a cinco anos”, disse Moézio.

Não é necessário, porém, fazer plantão na frente do computador para poder se inscrever primeiro. Moézio

Porfírio explicou que todas as inscrições recebidas dentro do prazo são consideradas para um sorteio, que vai definir quem ficará com as vagas.

O estudante Kauan Monteiro foi um desses sorteados. “Eu estou aqui há dois semestres, eu comecei no ano passado, por indicação de amigos. Eu estava procurando uma escola para poder estudar música, porque na escola que eu frequentava tinha apenas banda marcial e o professor não conseguia administrar aulas em específico de teoria de música. Aí a gente trabalhou bastante a questão do instrumento, mas me faltava a parte da teoria e a prática com professores específicos do instrumento e assuntos abordados. Eu tentei a vaga e fui sorteado”, contou ele que agora está aperfeiçoando seu conhecimento em teoria e a prática do trombone.

Gerações de músicos dividem-se entre a UFPB e orquestras sinfônicas

Diversas gerações de músicos já passaram pela Eeman e muitos deles acabam se encaminhando para o curso superior de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ou para as orquestras sinfônicas do estado.

Nívea Maria Santos, por exemplo, deu a volta completa. Após estudar na Eeman, ela formou-se em Música pela UFPB e depois voltou à escola estadual, dessa vez como professora. “Daqui eu fui para a UFPB, mas eu comecei meus estudos de música aqui. Eu sou professora de teoria e de flauta transversal faz seis anos”, contou ela.

Além da flauta transversal, a escola também oferta aulas de piano, violão 12 cordas, violino, viola, violoncelo, bateria, percussão sinfônica, trompete, clarinete, acordeom (sanfona), guitarra, contrabaixo acústico, contrabaixo elétrico, trombone, saxofone, flauta doce, violão e cavaquinho.

Segundo Moézio Porfírio, o piano está entre os instrumentos mais procurados. “A gente tem 12, 13 professores de piano que são abarrotados de alunos. Eu acho que

pela tradição da escola também. A escola era uma escola de piano lá atrás, quem sabe isso não faz parte dessa tradição? Depois vem violão, violino. Quando a gente introduziu os instrumentos populares, que é o caso da guitarra elétrica, contrabaixo elétrico, bateria, que a escola não tinha, cavaquinho, aí o pessoal já procurou. A sanfona é que é muito procurada agora, para a gente trabalhar essa parte da regionalização também da música. Isso foi muito bom para a escola quando a gente colocou esses instrumentos mais populares”, avaliou.

História

A escola foi fundada em 1931 pelo maestro paraibano Gazzini de Sá (1901-1981) e sua esposa Ambrosina, inicialmente em sua casa, ao lado da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora das Neves, no Centro de João Pessoa. O trabalho do professor Gazzini foi reconhecido pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, especialmente por Heitor Villa-Lobos. Como consequência, deu-se, então, a criação do Instituto Paraibano de

Educação Musical, que conferia grau universitário reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Essa experiência única foi responsável pela formação de grandes professores de Música naquela época, na Paraíba.

Em 1932, a escola passa a se chamar Escola de Música Anthenor Navarro, em homenagem ao interventor do Estado, amigo pessoal do professor Gazzini e entusiasta da música, falecido em um acidente de avião. Em 1952, o instituto foi integrado ao Governo do Estado da Paraíba.

Em 1983, a Escola de Música Anthenor Navarro foi o primeiro órgão cultural e de ensino a instalar-se no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, onde funciona até hoje, com o nome de Instituto Superior de Educação Musical — Escola de Música Anthenor Navarro. Era uma Instituição de 2º grau e de nível superior, porém esta última categoria foi desativada quando surgiu o Curso de Música na UFPB, nos anos 1980, restando à Anthenor Navarro apenas o funcionamento enquanto escola, qualificando os alunos em nível de 2º grau técnico.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

As armadilhas das certezas

Bom dia, leitor. Hoje, sentado à sombra de uma árvore qualquer, dessas que insistem em florescer mesmo em solo árido, peguei o café e me pus a pensar sobre as palavras do antropólogo José Antonio González Alcántud. Ele publicou na *Revista Continente*, edição de março de 2026, um texto que me atravessou como um desses ventos frios que anunciam tempestade.

Vivemos tempos de mapas. Mapas geopolíticos, mapas de recursos, mapas de influência. O mundo, nos diz o professor de Granada, voltou a mirar com olhos gulosos a terra, não a terra como poesia, mas como jazida. O ouro do México, a água, os minerais raros. Trump está de volta ao poder desde janeiro de 2025 e, com ele, a pilhagem sem pejo, aquela que Eduardo Galeano cantou em prosa dolorida. As mineradoras canadenses, conta Alcántud, extraíram do México mais ouro do que toda a conquista espanhola. E isso não é metáfora. É número. É osso.

Mas o que me fez deixar a xícara esfriar foi outro movimento do texto. Alcántud nos lembra que, obcecados pela geopolítica, o controle do território e do que está dentro dele, esquecemos a geocultura. Esquecemos que há uma guerra simbólica, uma luta pelo imaginário, uma disputa sobre quem tem autoridade para dizer o que é verdade, o que é belo, o que é justo.

E aí ele me puxa pelo braço e me faz relembrar de fantasmas ilustres. Karl Marx, sim, mas também os historiadores britânicos que preferiram Robin Hood à análise das infraestruturas feudais. Gramsci, preso pelos fascistas, inventando a hegemonia cultural na ausência de livros. E depois a Escola de Frankfurt. Horkheimer e Marcuse sendo acolhidos pelos americanos durante a guerra, mas não por acaso: havia espionagem intelectual por trás, uma agência chamada R&A, que financiava marxistas heterodoxos desde que fossem úteis à “guerra justa”. Até os boatos antinazistas eram fabricados. Até as piadas.

Mais adiante, Alcántud nos conta da New School, da École Libre, do navio saindo de Marselha com Lévi-Strauss e Breton a bordo. Nova York rouba Paris no pós-guerra, rouba a arte, rouba os intelectuais, rouba o direito de ditar o que se pensa. E a Guerra Fria cultural escancara o jogo: os Congressos pela Liberdade Cultural eram bancados pela CIA. O expressionismo abstrato, Elia Kazan, a Radio Liberty. Tudo a serviço de uma geocultura que se queria neutra, mas era tudo, menos neutra.

E então chego à parte que me fez suspirar. Alcántud fala dos “descolonizadores” da década de 2010. Enrique Dussel, Boaventura de Sousa Santos. As palavras bonitas: colonialidade, epistemicídio, sul global. E ele diz algo duro, mas necessário: “Do ponto de vista filosófico, essas posições eram muito fracas. Não podem ser levadas a sério.” O excesso de ideologismo, a linguagem empolada, a ausência de trabalho empírico. O movimento descolonial, que tanto mobilizou jovens pesquisadores e os acampamentos do 15 de maio na Espanha, fracassou, mas teve uma virtude: deslocou o debate do norte para o sul.

É aqui, meu caro leitor, que a crônica encontra o seu espelho. Porque Alcántud nos pergunta, com a paciência de quem já viu muitas modas acadêmicas nascerem e morrerem: onde situar o nosso discurso? Ele responde que “sul” não é um lugar no mapa. É um conceito orientador. É inclinar-se para os ritmos naturais contra a produtividade, para a vida cotidiana contra a morte, para a alegria contra a culpa. Mas cuidado: isso não pode ser apenas uma pose. É preciso que a palavra final, por razões éticas, seja daqueles que sofrem com o problema. Não do intelectual que fala em nome deles.

E aí ele me lembra de Albert Camus e Frantz Fanon. Camus era argelino. Fanon não era nem argelino nem muçulmano. Mas foi Fanon quem virou o ideólogo oficial da revolução argelina, enquanto Camus foi execrado. A violência verbal contra Camus, o homem que tentou segurar a razão no meio do massacre, é um sintoma do que Alcántud chama de “fanatismo oficial”. O pensamento que se quer puro, sem ductilidade, sem pragmatismo, acaba devorando os seus.

Termino o café, já frio. Olho para o quintal. Alcántud nos convida a construir “territórios horizontais de geocultura do Sul”. Isso exige uma certa leveza, uma certa desconfiança das grandes certezas. Exige saber que Noam Chomsky, o eterno oráculo anti-imperialista, dava suas aulas no MIT, a universidade do Pentágono. Exige saber que até os críticos do sistema são, muitas vezes, seus produtos mais refinados.

E, no fim das contas, o que fica é isto: descolonizar o imaginário não é trocar um mestre por outro. É aprender a andar sem muletas metropolitanas. É fazer ciência, não ideologia. É saber que o campo de batalha da geocultura não se vence com bandeiras, mas com paciência, com empiria, com o trabalho silencioso de quem revisita o passado sem a histeria do presente.

Levanto-me. A árvore continua lá. O café, lavo-o devagar. E penso: talvez o maior ato de descolonização seja este: recusar o espetáculo das certezas e aceitar a fragilidade de quem busca, tropeça, e busca de novo. Sem oráculos. Sem comunhões. Apenas o diálogo horizontal de quem sabe que a verdade não mora num só lugar. Mora, quem sabe, naquele resto de borra no fundo da xícara.

Colunista colaborador

Ítalo Oliveira

Secretário-executivo da Proteção Animal da Paraíba

“O combate aos maus-tratos está diretamente ligado à segurança pública”



Foto: Divulgação/Sepa

Em entrevista ao jornal *A União*, gestor comenta o andamento dos projetos da pasta e analisa os primeiros meses de atuação

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Neste mês, celebra-se a campanha Abril Laranja, movimento nacional de prevenção e combate à violência contra animais. Na Paraíba, esse trabalho agora é responsabilidade da Secretaria Executiva da Proteção Animal (Sepa), vinculada à Secretaria Estadual da Saúde (SES-PB). À frente das ações da causa no estado, o secretário-executivo Ítalo Oliveira já ocupou a direção do Bem-Estar Animal de João Pessoa e esteve envolvido na implementação de equipamentos públicos como o Hospital do Pet e a Clínica Veterinária Municipal da capital. Em entrevista ao jornal *A União*, o ativista comenta o andamento dos projetos da pasta e analisa os primeiros meses de atuação.

A entrevista

■ Neste primeiro momento, qual é o principal foco da secretaria?

O nosso principal foco é o controle populacional, que é o trabalho com os nossos rastreadores, o combate aos maus-tratos e as ações itinerantes de serviço à saúde. Nós realizamos ainda programas de adoção responsável nos eventos que organizamos. Por exemplo, no projeto Adota + Paraíba, fazemos atividades presenciais de forma itinerante. Só no mês de março, percorremos as cidades de João Pessoa, Monteiro, Campina Grande e Patos, totalizando quase mais de 100 adoções em todos os eventos. No próximo mês, vamos lançar uma plataforma *on-line*, que vai ampliar e facilitar o acesso não só às pessoas que querem colocar animais para adoção, como também àquelas que querem adotar. Elas terão acesso, no celular, de forma fácil, a vários bichos que estarão disponíveis. A secretaria vai fazer a intermediação de todo o processo: a parte de instrução, de guarda responsável, as obrigações que o tutor deve ter ao adotar. Isso para que a gente possa realmente garantir que ele seja adotado por uma família que vai conseguir dar todas as condições para que ele tenha o carinho e o amor que merece. A gente também está avançando com as parcerias com empresas privadas, a exemplo de *shoppings* e supermercados, para expandir essa ação itinerante de adoção.

■ Abril é marcado pela campanha Abril Laranja, de combate aos maus-tratos contra animais. Como a secretaria tem trabalhado esse tema ao longo do mês?

O calendário tem, como atenção principal, o trabalho de educação e de controle populacional, que está diretamente relacionado à prevenção do abandono e dos maus-tratos, com ações de fiscalização. No último dia 7, a gente lançou o canal estadual de denúncias aos maus-tratos. Ele é um canal extremamente acessível. Qualquer pessoa, de qualquer lugar da Paraíba, consegue acessá-lo por meio do telefone, no *site* sepa.pb.gov.br. As denúncias são anônimas e a gente não revela dados nem informações de quem denunciou. Os paraibanos, agora, vão poder contribuir com o Governo do Estado no combate aos maus-tratos. Inclusive, nesta semana, fizemos, na capital e nas cidades da Região Metropolitana, o

Dia D de Combate aos Maus-tratos, uma ação em conjunto com a Polícia Civil (PCPB) e a Polícia Militar do Estado da Paraíba (PMPB), o Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV), a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e vários outros órgãos, para averiguar alvos que foram comunicados pela população no nosso sistema.

■ Na prática, como essa atuação conjunta ocorre?

Essas ações começam a partir da denúncia. Além do canal estadual, nós temos uma equipe de fiscalização que sai diariamente para investigar informações que recebemos. É importante reforçar que todas essas equipes contam com um médico veterinário, que é o único que pode comprovar se o animal está ou não sob os maus-tratos. Havendo essa constatação dos maus-tratos, são acionadas as forças de polícia, a PMPB, para que o indivíduo acusado seja conduzido à delegacia, já que o crime de maus-tratos tem uma pena de dois a cinco anos de reclusão, mais pagamento de multa e perda da guarda. Hoje, a Sepa está vinculada à SES. Isso traz um benefício muito importante, porque as atividades da causa animal, hoje, também influenciam a saúde humana, então a gente consegue fazer uma integração. Vamos realizar alguns projetos, como, por exemplo, o Cuidando de Quem Cuida, que prestará assistência psicológica aos protetores independentes. Infelizmente, muitos desses protetores, pela vontade de querer ajudar e resgatar animais, acabam adquirindo alguns problemas psicológicos, e a gente, nesse projeto, tenta ver pessoas que estão invisíveis para a sociedade. Levaremos profissionais capacitados da área da saúde para dialogar com esse problema e ajudar esse protetor a receber toda a assistência, tanto da rede municipal de saúde quanto, se necessário, da rede estadual. A gente está bem alinhado com a Secretaria de Saúde e vem desenvolvendo esses projetos em parceria, principalmente no tocante à saúde pública e ao combate e prevenção e diminuição das zoonoses no nosso estado.

■ Outra iniciativa é o edital para o cadastro de protetores independentes de animais. Como essa ferramenta funciona? Esse é um programa que a gente

lançou no comecinho do mês de março. Ele tem o objetivo de cadastrar todos os cuidadores, protetores e organizações não governamentais (ONGs) de defesa animal do estado da Paraíba. A partir disso, nós podemos assegurar a participação dessas entidades nos projetos que serão desenvolvidos e elaborados pelo governo. Um deles é o programa Guardião, projeto de atendimento veterinário a domicílio. Também oferecemos como auxílio a telemedicina por meio do nosso projeto Telepet PB. Teremos ações voltadas à castração, adoção responsável e assistência psicológica a esses protetores. Eles podem se cadastrar no nosso *site* ou entrar em contato conosco pessoalmente. Já estamos abrindo diálogo com vários municípios para que eles integrem esse programa e nos ajudem, fazendo o cadastramento e oferecendo pontos presenciais. Para se cadastrar, é preciso abrigar pelo menos 15 animais em uma residência ou algum abrigo. Já o protetor independente não necessariamente precisa disso, mas deve provar a atuação, que alimenta bichos de rua, que resgata e que medica. As ONGs, associações de natureza jurídica, também vão poder se credenciar e receber todo suporte relacionado aos projetos do Governo do Estado.

■ Quem pode ser beneficiado com o atendimento domiciliar? Ele abrange todo o estado?

O atendimento domiciliar fica restrito aos protetores e acontece em toda a Paraíba. O protetor que é cadastrado recebe um contato da nossa equipe, que vai ser um canal direto de comunicação. Havendo a necessidade de uma orientação ou uma dúvida, é agendada uma visita técnica ou uma consulta via telemedicina para que os protetores possam receber instruções de um técnico, de um médico-veterinário, para nortear algum tipo de tratamento ou questionamento acerca da situação de um animal. Já estamos dialogando com os municípios e treinando as equipes para capacitá-las, deixá-las aptas a oferecer esse cadastro presencialmente. Essas informações, depois, são transmitidas a nossa secretaria. Assim, a gente consegue, de forma mais efetiva e mais rápida, identificar, dialogar e oferecer todos esses serviços para os protetores de todo o estado. Um dos nossos eixos de trabalho da secretaria é o apoio aos municípios. Esse apoio tem várias vertentes. Aos municípios que têm interesse em desenvolver ações de educação, adoção ou fiscalização, e não sabem como começar, nós oferecemos todo esse suporte com a nossa equipe técnica, que vai dialogar, entender a necessidade de cada local e ajudá-los a criar esse tipo de política pública. Nesta semana, já vamos receber, na secretaria, uma primeira turma de representantes de várias cidades do nosso estado. Vamos apresentar nossos projetos, explicar como os protetores podem ter acesso e como essas regiões devem proceder em relação ao cadastro e à classificação — se é

um cuidador, se é um protetor, se é uma ONG. Vamos estabelecer uma relação entre o Governo do Estado e os municípios para auxiliar esse público, que é a ponta da proteção animal.

■ Até agora, quantos animais já foram atendidos? Já é possível definir quais são as principais demandas da população?

Com certeza. Só no mês de março, a gente conseguiu atender mais de 1.200 animais nessas ações itinerantes. Tivemos, inclusive, em Campina Grande, um número recorde de mais de 500 atendimentos em um único evento. Foram mais de 100 profissionais mobilizados nesse dia. E uma das grandes e maiores demandas da secretaria é a castração. Por isso, o Governo do Estado, hoje, tem um dos maiores investimentos do Nordeste nessa área, que totaliza mais de R\$ 24 milhões investidos apenas no serviço de castração. A gente vem desenvolvendo, com esses recursos, um programa de aproximadamente quatro mil castrações por mês e, em apenas um ano, a Sepa vai conseguir realizar a castração de mais de 48 mil animais. Se a gente fizer uma conta rápida, serão, em apenas um ano, mais de 576 mil filhotes que deixarão de nascer dessa reprodução cruzada, pelo trabalho que o governo está oferecendo à população. É um impacto muito positivo, que vai refletir, em médio a longo prazo, na diminuição de animais de rua, do abandono, dos maus-tratos e do sofrimento. E a gente vai, cada vez mais, tornando o nosso estado uma referência em nível nacional na política pública de proteção animal.

■ Como a secretaria planeja expandir esse serviço?

O Estado vai lançar um edital, nas próximas semanas, ampliando um programa que já existe. De 400 castrações mensais, vamos ter mais de quatro mil castrações por mês. Teremos seis veículos de castração para atender os municípios de pequeno, médio e grande porte, para a população e os protetores independentes. De forma pioneira, o Governo do Estado da Paraíba também está ofertando, dentro desses serviços, a microchipagem e a entrega da roupinha cirúrgica para fêmeas. Esse item é extremamente importante para garantir toda segurança e trazer mais saúde e proteção para o animal no período de recuperação. O Governo do Estado, por meio do nosso governador, enxerga que a castração é uma das principais ações para reduzir vários problemas. Com a castração, a gente proporciona uma melhor qualidade de vida aos bichos e diminui as crias indesejadas, que, muitas vezes, vão parar nas ruas. Esse serviço tem uma interferência direta na redução do abandono e na apropriação de animais de forma desenfreada, além de também reduzir a probabilidade da transmissão de zoonoses.

■ Quais ainda são os maiores desafios para consolidar essa política no estado? Nós temos três grandes focos

no nosso trabalho. Um deles é a educação. Percebemos que muitos dos crimes ou dos ajustes que a gente precisa fazer em relação aos maus-tratos são devido à falta de informação, das pessoas entenderem realmente a responsabilidade e as leis que existem. Por isso, trabalhamos com foco na educação ambiental animalista. Na última quarta, estivemos em João Pessoa lançando o projeto Escola Amiga dos Animais. Já temos escolas parceiras em Campina Grande, em Lucena, na capital e em Santa Rita. Esse projeto vai percorrer todo o estado. Vamos implementar outras ações de cunho educativo também, para que a gente mantenha a população consciente da responsabilidade e das suas obrigações. O outro eixo é o controle populacional. E o terceiro ponto, que é essencial, é relacionado ao combate aos maus-tratos. Nós estamos em diálogo com a PMPB, com a PCPB, para, juntos, consigamos estreitar relações, criar protocolos e entregar a resposta que a sociedade espera, que é combater esse crime e colocar esses criminosos na cadeia. O combate aos maus-tratos está diretamente ligado à segurança pública. Já foi comprovado, em diversos estudos, que quem comete maus-tratos tem uma grande tendência de cometer crimes também contra pessoas, principalmente as mais vulneráveis. Esses indivíduos começam maltratando animais e, daqui a pouco, estão agredindo mulheres. Em 2015, uma pesquisa constatou que 71% das mulheres vítimas de violência doméstica tinham agressores que ameaçavam, feriam ou mataram seus animais. Combatendo os maus-tratos, a gente age de forma preventiva para impedir a evolução desses crimes.

■ Como o senhor avalia os primeiros meses à frente da pasta e quais são as expectativas para o futuro?

A gente avalia esse período como extremamente positivo. É uma política necessária para qualquer estado do nosso país, e o Governo do Estado, hoje, vem dando um exemplo. A gente vem dando apoio aos municípios, fiscalizando denúncias, com um programa muito robusto de controle populacional. Já estamos também realizando estudos para a implantação de hospitais públicos veterinários e oferecendo todo o suporte e assistência aos protetores independentes, que estão na ponta desse trabalho. Temos um planejamento para que, futuramente, nós tenhamos um centro de reabilitação de animais, mais ações voltadas à parte de adoção — tanto de forma itinerante quanto em plataformas *on-line* —, de conscientização e de educação. Estamos trabalhando todo esse ecossistema. Quando se fala na causa animal, a população já entende os esforços governamentais. Cada vez mais, estamos avançando, dialogando, integrando essa política tão importante para que consigamos chegar aos 223 municípios do nosso estado.

OBESIDADE E SOBREPESO

Casos atingem 69,71% da população

Dados da Secretaria de Estado da Saúde referem-se a 2024 e apontam um aumento de 4,05 p.p. em quatro anos

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

O consumo de alimentos ultraprocessados, o sedentarismo, a predisposição genética e até fatores emocionais, como estresse e ansiedade, são apontados como algumas das causas que contribuem para o aumento dos casos de obesidade. Segundo dados do Ministério da Saúde (MS), de 2020 a 2024, a estimativa de prevalência da doença passou de 21,7% para 25,7% da população adulta. Os números são provenientes do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), que monitora anualmente a população adulta (a partir de 18 anos) residente nas capitais brasileiras. De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), a prevalência de excesso de peso na população adulta paraibana subiu 4,05 pontos percentuais (p.p.) em quatro anos, indo de 65,66%, em 2020, para 69,71%, em 2024 — sendo 35,49% com sobrepeso e 34,22% com algum grau de obesidade. Os dados baseiam-se em informações do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan).

Quanto ao perfil da população, os dados do MS indicam aumento da obesidade em ambos os sexos, com maior prevalência entre mulheres, além de crescimento em todas as faixas etárias e níveis de escolaridade, com destaque para adultos de 25 a 44 anos e indivíduos com Ensino Médio completo. A SES-PB ressalta que o volume crescente de indivíduos com excesso de peso gera pressão sobre os serviços de saúde, elevando a demanda por intervenções metabólicas complexas e onerosas.

Além disso, a obesidade é o fator de risco modificável central para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) letais. Entre elas, as mais predominantes no estado, de 2020 a 2024, são: doenças cardiovasculares, neoplasias, diabetes e doenças respiratórias crônicas. Essas DCNTs representam 2,41% dos 3,07% de aumento na taxa de mortalidade prematura (ocorrida em pacientes de 30 a 69 anos), passando de 586, em 2020, para 604, em 2024. Nesse cenário, a maioria dos óbitos foi de pessoas do sexo masculino, representando 58,44% somente em 2024. Em relação à faixa etária, de forma geral, as DCNTs acometem sobretudo a população com 70 anos ou mais (aproximadamente 60,55% em 2024).

A SES-PB ainda destaca o salto de 153% na cobertura da vigilância acerca do problema. O número de adultos avaliados saltou de aproximadamente 250 mil, em 2020, para mais de 635 mil, em 2025. Essa ampliação da capacidade de monitoramento, segundo a secretaria, reduz significativamente a margem de subnotificação, confirmando que as altas ta-



Alta do número de casos foi maior entre as mulheres, adultos de 25 a 44 anos e pessoas com Ensino Médio completo

xas de obesidade — especialmente a de grau 1, que ultrapassou a marca de 23% em 2025 — são um reflexo fiel e alarmante da realidade populacional do estado.

Doença crônica

O médico endocrinologista Lucas Almeida explica que a obesidade é uma doença crônica, multifatorial e recidivante. “Ela é caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura no corpo, sendo capaz de causar prejuízo à saúde. Na prática, a definição clássica que a gente tem é quando o índice de massa corporal, que é o IMC, é maior ou igual a 30, e aí definiria a obesidade”, afirma.

Porém, ele ressalta que, atualmente, o consenso é que essa avaliação também deve considerar a distribuição de gordura no corpo e a presença de complicações associadas. “Então, eventualmente, mesmo que o paciente não atinja

esse ponto de corte de 30 do IMC, se ele tiver um aumento na gordura corporal, seja avaliada por bioimpedância ou por densitometria de avaliação corpórea, e esse aumento estiver associado a algumas complicações, então ele pode também ter o diagnóstico de obesidade”, orienta. O contrário também pode ocorrer: pacientes com IMC acima de 30, mas que possuem mais músculos e baixo percentual de gordura, não podem ser considerados obesos apenas por esse índice.

Lucas frisa também que, hoje, a obesidade está associada a mais de 200 doenças, o que traz um grande impacto para a área de saúde. “As principais são a diabetes tipo 2, hipertensão arterial, doenças cardiovasculares, como infarto e AVC [acidente vascular cerebral], apneia do sono, a esteatose hepática — gordura no fígado —, problemas articulares e até alguns

tipos de câncer. Então são diversas doenças associadas, para as quais a obesidade é um fator de risco ou agravante”, afirma. Além disso, o problema pode reduzir a qualidade e expectativa de vida.

O endocrinologista aponta, ainda, que, nas últimas décadas, a obesidade tem crescido de forma expressiva, sendo considerada, hoje, um dos maiores problemas de saúde pública. “Alguns fatores contribuem para esse cenário atual, como a facilidade de acesso à alimentação ultraprocessada — por exemplo, hambúrguer, pizza, salgadinho e miojo. Esse tipo de alimentação tem um custo mais baixo e uma oferta enorme. O sedentarismo também contribui muito, e até fatores genéticos e hormonais podem influenciar nisso”, destaca. Para o médico, a tendência é que a prevalência da doença continue aumentando nos próximos anos. Nesse cenário, a

prevenção, o diagnóstico precoce e o tratamento adequado são essenciais para reduzir os índices de casos de obesidade.

Estilo de vida

Em relação ao tratamento, o médico enfatiza que seu pilar principal é a mudança do estilo de vida. “Isso envolve alimentação adequada, de preferência acompanhada por um nutricionista; uma rotina de atividade física, tanto com exercício aeróbico quanto com exercício de força, principalmente a musculação; e até um sono adequado”, orienta.

Em alguns casos, o uso de medicamentos também é indicado. Para isso, a recomendação, via de regra, é dada aos pacientes que têm um IMC acima de 30, considerada um obesidade documentada, ou então um IMC maior ou igual a 27, correspondente ao sobrepeso, mas desde que haja alguma doença associada, como hipertensão, apneia do

sono, diabetes e outras.

Entre as medicações, o Mounjaro, que é a mais moderna e mais potente das substâncias aprovadas no Brasil, é considerado uma opção muito eficaz, não só quanto ao emagrecimento e controle do peso, mas também com relação a diabetes, esteatose hepática e apneia do sono. O médico explica que a substância também serve como fator de proteção cardiovascular para aqueles que têm risco elevado de problemas no coração. Contudo, é importante ressaltar que seu uso deve se dar apenas com prescrição e orientação médica.

“E, em alguns casos selecionados, também tem paciente que vai se beneficiar da cirurgia bariátrica. Serão casos de pacientes com obesidades mais avançadas, obesidade grau 3, ou obesidade grau 2, associada a alguma comorbidade, e que já tiveram uma tentativa prévia de tratamento não cirúrgico e que não teve uma resposta adequada”, conclui o endocrinologista.



Foto: Arquivo pessoal

Alguns fatores contribuem para esse cenário, como a facilidade de acesso à alimentação ultraprocessada

Lucas Almeida

Artista mudou hábitos para manter-se na ativa

O ator e diretor teatral Alexandre Fialho, de 62 anos, é um dos paraibanos que convive com o excesso de peso. Ele conta que sempre foi uma pessoa gorda e que, em seu círculo familiar, também há muitos parentes com obesidade e outros problemas de saúde. Hipertenso e diabético, o artista descobriu essas duas condições por acaso, devido a um acidente que sofreu durante uma de suas apresentações. “Eu passei mal, tive uma síncope, mas, mesmo assim, continuei o espetáculo, e ainda tive a infelicidade de pisar em um prego e machucar o pé. Só depois da peça, chegando ao hospital, descobrimos que eu tinha diabetes há mais de 13 anos”, afirma.

A partir desse processo, o artista também chegou ao diagnóstico da doença de Charcot-Marie-Tooth, uma complicação grave e degenerativa que afeta ossos e articulações, especialmente dos pés. Por causa do seu trabalho, Alexandre viajava muito e, nos hotéis, alimentava-se de forma desregrada, o que,



Após iniciar tratamento, Alexandre recobrou autoestima

segundo ele, também contribuiu para o quadro. Após descobrir esses problemas, há cerca de oito anos, ele passou a fazer tratamentos e a ter um maior acom-

panhamento médico. Porém, devido ao agravamento do ferimento e à ação de uma bactéria que contraiu em ambiente hospitalar, precisou amputar o pé esquerdo, passando a usar a cadeira de rodas. Com isso, o problema de excesso de peso agravou-se ainda mais. Ainda assim, ele seguiu nos palcos.

Para que isso fosse possível, Alexandre passou a olhar com mais atenção para sua saúde. Se, antes, chegou a pesar mais de 130 kg e, em meados do ano passado, precisou passar por um procedimento cardíaco, agora, a situação está diferente. “Hoje eu tomo Ozempic [caneta emagrecedora] e já perdi mais de 20 kg. Também estou fazendo educação física, pilates, fisioterapia, me movimentando, e tudo isso está proporcionando que eu ainda esteja em atividade”, destaca.

Alexandre também con-

ta que tem dificuldade em manter uma dieta restritiva, mas que está buscando mudar os hábitos. “Tem a questão da minha indisciplina, mas fui tendo mais consciência. Estou também com retinopatia diabética, o que afeta bastante a minha visão, mas já fiz a cirurgia e estou bem melhor. E tudo isso tem a ver com a questão da alimentação”, ressalta.

Quando à autoestima, ele revela que, por mais que estivesse acostumado com seu corpo gordo, o emagrecimento deixou-o mais confiante e mais disposto para executar suas atividades. “Fiquei mais leve, mais bonito, com mais energia, e estou me sentindo muito bem, inclusive como ator, para adentrar a cena mais seguro de mim. A questão da [conscientização sobre a] obesidade é importante para você correr atrás de dieta, exercícios e se cuidar”, pontua.

CHÁS E GARRAFADAS

É preciso atenção ao buscar produtos

Embora consolidadas na cultura popular, tais preparações não podem ser comercializadas como medicamentos

Henrique Toscano
henritosca06@gmail.com

Comumente encontrados em mercados públicos e principalmente em feiras livres, é imensa a variedade de lambedores, chás e garrafadas feitos a partir de plantas medicinais. Confiando no conhecimento dos saberes da tradição oral de quem os prepara, o consumo desses produtos objetiva a obtenção de inúmeros benefícios à saúde. Outra opção são os fitoterápicos manipulados em laboratório, também obtidos de matérias-primas vegetais.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), as preparações pertencentes ao primeiro grupo — não industrializado — são classificadas como produtos tradicionais ou plantas medicinais e não como medicamentos fitoterápicos registrados.

Em março de 2022, o órgão lançou a *Cartilha de orientações sobre o uso de fitoterápicos e plantas medicinais*, criada para servir como um guia educativo e acessível para a população.

A publicação visa instruir sobre o uso seguro, alertando para riscos de intoxicação e interações medicamentosas; ensinar a diferenciação dos produtos — explicando claramente a distinção entre uma planta medicinal, usada de forma caseira, e um medicamento fitoterápico, que passou por processos laboratoriais e tem registro. A cartilha ainda traz informações sobre a compra, orientando o con-

■ **Lambedores e itens similares não podem ter indicação terapêutica nos rótulos, conforme explica inspetora da Agevisa**

sumidor a identificar itens regulares, os quais exibem informações obrigatórias nos rótulos, como o número de registro na Anvisa ou a notificação de produto tradicional.

De acordo com Anne Suylan Leal Tomaz, inspetora sanitária da Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa), a responsabilidade de inspeção desses produtos em mercados públicos e feiras de rua compete às vigilâncias sanitárias dos municípios onde o comércio ocorre, enquanto a fiscalização dos itens industrializados incombe à Agevisa. Contudo, quando a agência identifica fábricas clandestinas ou recebe denúncias de comércio clandestino relacionada a esses produtos, é realizada uma ação fiscalizatória de rotina para removê-los de circulação.

“É importante que se diga que feiras livres e mercados públicos não estão autorizados a vendê-los [como medicamentos]. A venda da garrafada, por exemplo, não possui consentimento do Ministério da Saúde. Todas essas mercadorias devem estar devidamente autorizadas pela Anvisa, seja com notificação ou registro obrigatório — a depender da categoria em que se encontram inseridas; e os estabelecimentos dependem da permissão sanitária do município. O recomendado para o consumidor, ao comprar garrafadas, suplementos ou produtos a granel, é que se peça ao estabelecimento a autorização da agência”, esclareceu a inspetora.

Ainda de acordo com Anne Suylan, algo bastante percebido são os erros de rotulagem. Produtos como chás e lambedores, por não serem medicamentos, não devem conter indicação terapêutica em seus rótulos, para evitar que o usuário seja induzido a erro quanto à real finalidade do produto. “Desconfie quando as rotulagens desses itens apresentam algum tipo de indicação, tais quais ‘fortalece a sua saúde’ e ‘melhora a sua

atividade sexual’”, conclui.

Mercado Central

A reportagem do jornal *A União* visitou alguns boxes do Mercado Central de João Pessoa e conversou com comerciantes sobre a venda e a procura dos consumidores por raízes e preparados. A vendedora de garrafadas e lambedores Danusa Peireira de Oliveira comercializa os produtos há aproximadamente 20 anos. “Não posso afirmar qual a quantidade média de venda por mês, porque varia bastante. Em um único dia, eu vendi 260 porções de raízes a um cliente. E os compradores são pessoas de todas as idades, do jovem ao idoso”, apontou.

Já no boxe da vendedora Suzana de Castro Batista, que trabalha com os preparos há mais de 30 anos, a especialidade é a confecção de garrafadas. “Aprendi a fazê-las com o meu marido. Servem para desinflamar o corpo e são bastante procuradas. Recomendo a pessoa a tomar três copos de 100 ml ao dia, meia hora antes de cada refeição. As minhas



Fotos: Roberto Guedes



Comerciantes do Mercado Central vendem itens diversos

são preparadas com vinho branco sem álcool. Contêm cajueiro roxo, aroeira, quixaba, urtiga branca, cedro, ipê roxo, casca de ameixa, bononi, raiz de coco, catolé e outros. São excelentes”, garantiu.

Outro entrevistado foi Wanderley Severino Freire, de 35 anos, filho do senhor José Lucas do Mangaio — proprietário de um dos boxes do

Mercado Central e que também produz garrafadas. O vendedor contou que uma porção de raízes usadas nos preparos custa R\$ 4. “A

gente a coloca na garrafa juntamente com água; depois de uns 10 dias, acrescenta outra quantidade igual a da primeira”, descreve.

Fitoterápicos devem ter eficácia atestada

A professora Leônia Maria Batista, do Departamento de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que a fitoterapia “é uma prática terapêutica milenar que faz uso de plantas medicinais e produtos dela obtidos, os fitoterápicos, para o tratamento de doenças autolimitadas — ou seja, enfermidades agudas de baixa gravidade”. As plantas medicinais são espécies vegetais, cultivadas ou não, utilizadas com finalidade terapêutica. Elas podem ser aproveitadas *in natura* (fresca) ou secas (droga vegetal) e rasuradas (em pequenos pedaços).

Os fitoterápicos são definidos como preparações farmacêuticas elaboradas tecnicamente a partir da

planta medicinal ou de derivados como tinturas e extratos. Eles podem se apresentar como medicamentos fitoterápicos ou medicamentos fitoterápicos tradicionais — nomenclatura que substituiu os antigos “produtos fitoterápicos” — e são encontrados em farmácias na forma de xaropes, cápsulas, comprimidos e pomadas.

Na categoria dos medicamentos fitoterápicos, é necessário que os produtos sejam desenvolvidos com segurança e eficácia fundamentadas em evidências clínicas. É preciso, além disso, passar por testes em animais e testes clínicos, para comprovar a eficácia e adquirir o registro junto à Anvisa.

Já os medicamentos tra-

ditionais fitoterápicos recebem essa classificação após a comprovação de que já são usados de forma segura e efetiva pela população há, pelo menos, 30 anos. Para se fazer a utilização desses últimos, não há a necessidade de um diagnóstico, nem de uma prescrição médica. A venda na farmácia é livre; entretanto, precisam ser adquiridos com orientação de um profissional farmacêutico.

Oferta no SUS

“Na farmácia, existe uma grande procura por medicamentos fitoterápicos e medicamentos tradicionais fitoterápicos. Alguns são prescritos pelos profissionais de saúde, outros por demanda espontânea da população”, comen-

tou a professora da UFPB.

Leônia Batista acrescenta, ainda, que o Sistema Único de Saúde (SUS) oferta 12 fitoterápicos. Entre as matérias-primas desses medicamentos, estão alcachofra, aroeira, espinheira-santa, guaco, cáscara-sagrada, garra-do-diabo, isoflavona, unha-de-gato, hortelã, babosa, salgueiro e plantago.

“Cada um é oferecido em uma forma farmacêutica específica — como xarope, pomada ou comprimido — para tratar determinadas afecções. Todavia, cabe ao município, conforme seu perfil epidemiológico, incorporá-los à sua lista de medicamentos essenciais. O xarope de guaco, por exemplo, é um dos mais utilizados nas unidades de saúde”, detalha.

Manipulação de plantas medicinais exige cuidados específicos

Existe uma série de cuidados que devem ser observados antes de se fazer o uso da planta medicinal como chá. É preciso, por exemplo, saber identificar a planta — reconhecendo se é realmente a espécie indicada — e pedir ajuda a um profissional habilitado ou a alguém experiente.

Se é o próprio usuário quem vai coletar a planta, é importante ficar atento ao horário. O melhor momento é nas primeiras horas da manhã, das 7h às 9h, logo após a secagem do orvalho, ou no fim da tarde, das 16h às 18h, em dias ensolarados.

Também é necessário verificar o local de coleta ou aquisição, já que a matéria-prima não deve vir de locais contaminados, terrenos baldios e beiras de estradas.

O ideal é retirá-la de hortas, jardins terapêuticos, farmácias vivas e hortos comunitários; além de averiguar qual parte será utilizada — folhas, inflorescências, cascas ou raízes —, pois elas devem apresentar bom estado de conservação e estar livres de qualquer tipo de contaminação.

A atenção à quantidade correta para preparar uma xícara de chá também é fundamental. O conhecimento da dosagem ideal permite aproveitar os benefícios e evitar possíveis intoxicações.

Por fim, deve-se entender a forma de preparo. O chá medicinal pode ser feito por infusão — quando a água fervente é vertida sobre a planta e abafada; decocção — quando a planta



Origem e qualidade das plantas são tópicos a se atentar

é cozida junto com a água; ou maceração — que consiste em deixá-la de molho em água potável.

Leônia Maria faz alertas relacionados às plantas medicinais. “Não [se deve] acreditar no dita-

do popular que diz que ‘o chá quanto mais corado [é] melhor’. Isso não é verdade, porque maior seria o risco de intoxicação. Ou ‘se é natural, não faz mal’, [também é] outra inverdade”, observou.

De acordo com a professora, quando a intenção for adquirir plantas medicinais secas, deve-se dar preferência às lojas de produtos naturais. Certas espécies também podem ser adquiridas em farmácias homeopáticas. Entretanto, caso se opte por feiras livres, o recomendado é procurar por profissionais experientes, como um raizeiro, e ficar atento à procedência e à qualidade da matéria-prima. Ela salienta, ainda, que a mistura de várias plantas implica um maior risco de intoxicação, e que espécies vegetais

medicinais e fitoterápicos, quando associados a medicamentos sintéticos, provocam maior risco de interação medicamentosa e, conseqüentemente, efeitos adversos.

“

Não [se deve] acreditar no ditado que diz: ‘o chá quanto mais corado [é] melhor’; maior é o risco de intoxicação

AGRESSÕES NAS ESCOLAS

Combate une gestores e especialistas

Unidades das redes pública e privada mantêm equipes, diretrizes e ações educativas para enfrentar casos de bullying

Camila Monteiro
 milabmonteiro@gmail.com

O aumento dos casos de violência no ambiente escolar tem acendido um alerta em todo o país. Dados recentes mostram que, no Brasil, o número de vítimas de violência nas escolas cresceu 2,5 vezes nos últimos 10 anos. Além disso, quatro em cada 10 adolescentes afirmam já ter sofrido *bullying* no ambiente escolar, evidenciando a dimensão do problema e a urgência de medidas efetivas de enfrentamento.

De acordo com a Lei Federal nº 13.185/2015, a intimidação sistemática — o *bullying* — é caracterizada como todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo, praticado por indivíduo ou grupo contra uma ou mais pessoas, sem motivação evidente. A prática envolve desequilíbrio de poder e tem como objetivo intimidar, humilhar ou causar sofrimento à vítima.

Segundo o juiz Adhailton Lacet, titular da 1ª Vara da Infância e Juventude de João Pessoa, o *bullying* pode se manifestar de maneiras distintas, como agressões verbais, físicas, psicológicas, sociais, morais, sexuais e virtuais. “Apesar das diferentes formas, todas compartilham elementos essenciais: a intencionalidade da agressão, sua repetição ao longo do tempo e o propósito de intimidar, humilhar, constranger, expor ou causar sofrimento. Em todos os casos, há impactos negativos relevantes no bem-estar emocional e social da vítima”.

Atualmente tipificada como crime, conforme a Lei Federal nº 14.811/2024, a prática presencial envolve multa, enquanto o ato em cenário virtual resulta em reclusão de dois a quatro anos, além de multa.

Impacto

Essas agressões têm reflexos diretos no aproveitamento acadêmico. Para a psicopedagoga Patrícia Vasconcelos, o bloqueio emocional é uma das principais causas de queda súbita em notas e afastamento de atividades coletivas. “O aluno que não se sente seguro no ambiente escolar deixa de aprender. Ele se isola e apresenta sinais de irritabilidade ou perda de interesse”.

A psicóloga Rossana Refosco acrescenta que o *bullying* “é um conjunto de ações repetidas, geralmente de um grupo contra um aluno, que passa a ser alvo por alguma característica percebida como diferente”. Segundo ela, essas situações podem afetar profundamente a autoestima. “A criança passa a se sentir inferior, isola-se e pode apresentar episódios de tristeza. Isso impacta o comportamento dela nos demais contextos da vida”.

Ambas as profissionais alertam que os sinais nem sempre são verbalizados pelas vítimas, principalmente entre crianças menores. Mudanças de comportamento, isolamento, irritabilidade ou perda de interesse pela escola podem indicar que algo não vai bem.



Fotos: Roberto Guedes



O Colégio Vila, em João Pessoa, realizou uma programação especial, em alusão ao Dia Nacional de Combate ao Bullying; psicólogos e psicopedagogos promoveram dinâmicas com os estudantes, como trocas de pulseiras, para incentivar a empatia e os laços entre eles

Conscientização

Diante desse cenário, escolas têm buscado estratégias para prevenir e combater o *bullying*. No Colégio Vila, em João Pessoa, ações educativas fazem parte da rotina pedagógica e envolvem alunos de diferentes faixas etárias. O jornal *A União* acompanhou as atividades desenvolvidas na unidade do Bessa. Durante todo o dia da última terça-feira (14), a equipe da PsicoVila, setor formado por profissionais de psicologia e psicopedagogia, visitaram as salas de aula, da Educação Infantil ao Ensino Médio, realizando uma dinâmica simbólica para conscientizar sobre o Dia Nacional de Combate ao Bullying, celebrado em 7 de abril. Utilizando uma cesta de maçãs de diferentes cores, tamanhos e texturas, o grupo trabalhou, com os alunos, a ideia de que, apesar das diferenças externas, todos são iguais por dentro.

Com o tema “Vila sem *bullying* — inspiramos para o bem”, a atividade incluiu, ainda, a troca de pulseiras entre os estudantes e a prática de palavras de encorajamento, fortalecendo vínculos e promovendo a empatia.

Para a psicóloga Kailane Dantas, que atua no colégio, o esforço de prevenção é essencial. Ela também destaca a importância de canais de diálogo. “A escola precisa abrir espaços seguros para que os alunos possam compartilhar suas inquietações. Nem todos conseguem falar

diretamente, então é fundamental oferecer diferentes formas de escuta”.

Outro ponto ressaltado pelas especialistas é a construção de uma cultura institucional baseada no respeito e no acolhimento. Patrícia Vasconcelos observa que o trabalho não se limita aos alunos; a orientação às famí-

lias integra as medidas realizadas, pois, segundo ela, a parceria entre escola e familiares faz toda a diferença.

Kailane aponta que o envolvimento dos parentes começa com atitudes simples. “Gerar conexão, estreitar esse diálogo é fundamental. Perguntar como foi o dia na escola, por exemplo, já cria um espaço de abertura para que o jovem tenha a liberdade de expor algo que ele está vivendo”.

Para a coordenadora pedagógica do Colégio Vila, Luiza Guerra, os resultados das ações têm sido significativos e percebidos no cotidiano escolar. “Observamos alunos mais conscientes, empáticos e abertos ao diálogo.

Recebemos retornos muito marcantes, como alunos dizendo ‘essa escola me olha’, ‘essa escola me escuta’, o que reforça nosso compromisso com o acolhimento e o cuidado genuíno”.

Professores atentos

No Instituto Federal da Paraíba (IFPB), o *bullying* é alvo de um sistema estruturado de prevenção e enfrentamento. A coordenadora da Comissão Central de Combate ao Assédio da instituição, Lamara Lucena, observa que o problema é tratado pelas coordenações pedagógicas, pelo conselho disciplinar e pelos núcleos da Rede de Combate ao Assédio (RCA) nos campi.

Cabe ao RCA fomentar ações preventivas, educativas e de combate a práticas discriminatórias, situações de constrangimento e assédios morais e sexuais envolvendo a comunidade discente. “Os professores são capacitados para conduzir as situações em sala de aula. A partir da constatação de agressões, elas são encaminhadas ao setor pedagógico e é aberto um chamado junto ao conselho disciplinar e na plataforma da Ouvidoria, para providências efetivas — que podem ser desde a suspensão até o desligamento compulsório [do aluno], além da comunicação ao Conselho Tutelar”, indica Lamara.

Prevenção é foco de iniciativa estadual

A partir da Gerência Operacional de Desenvolvimento das Competências Socioeducacionais (GodCS), a Secretaria de Estado da Educação (SEE) atua no desenvolvimento socioemocional, na segurança e no acolhimento nas escolas, mediante o trabalho de psicólogos e assistentes sociais. Dentro desse escopo, está o Serviço de Apoio à Saúde Emocional nas Escolas. De acordo com o gerente operacional Ricardo da Silva, responsável pelo projeto, as demandas envolvem questões de vulnerabilidade, evasão escolar, automutilação e violência.

Em 2025, foram atendidos 68.049 estudantes, além de 5.159 professores e 3.411 familiares. “Todos os atendimentos são baseados nos eixos de prevenção, cuidado e conscientização”, diz Ricardo, detalhando que os casos de *bullying* encontram-se nas demandas referentes à violência, que re-

presentam 19,2% do total das solicitações. Contudo, o *bullying* já abrange cerca de 50% dos chamados dessa modalidade, sendo a maior parte na Grande João Pessoa.

Segundo o representante da SEE, o órgão trabalha com base no Programa de Combate à Intimidação Sistemática, instituído pela Lei nº 13.185/2015. “Quando existe um chamado referente a algum tipo de violência na escola, atuamos a partir de um protocolo, de acordo com a situação específica. Entendemos o caso, reunimos as famílias e realizamos a formação dentro do contexto escolar, além da conscientização de toda a comunidade”. Além da atuação pontual, a principal frente do serviço é preventiva, abrangendo campanhas de orientação contínua com professores, gestores e estudantes, debatendo sobre temas como respeito e formação em educação emocional.

Conforme a diretora da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) João Goulart, Gezaíra França, ao identificar sinais de violência em sala de aula, o professor é instruído a comunicá-los ao gestor escolar, que intervém imediatamente para interromper a agressão. “Mediamos o conflito e orientamos os envolvidos, além de comunicar aos responsáveis e, quando necessário, pedimos apoio psicológico”. Ela relata que ações educativas, monitoramento do ambiente e escuta ativa são algumas das diretrizes adotadas para combater as ocorrências.

Para lidar com essas questões de maneira mais direcionada, a GodCS elaborou um Protocolo de Prevenção à Violência, que está sendo avaliado pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB) e, posteriormente, estará ativo em todas as escolas. “É um protocolo pioneiro, em que estudamos os principais casos de violên-

cia na Paraíba e trouxemos todo o aporte de como o gestor da escola deve lidar com cada caso”, finaliza Ricardo.



Atuamos a partir de um protocolo. Entendemos o caso, reunimos as famílias e realizamos a formação no contexto escolar

Ricardo da Silva

DIA DOS INDÍGENAS

Aldeias festejam e renovam luta

Em data simbólica, povos originários comemoram avanços por direitos e convidam o país a conhecer sua história

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Hoje é celebrado o Dia dos Povos Indígenas, uma data dedicada a reconhecer e valorizar a riqueza cultural e histórica dos povos originários do Brasil, fundamentais para a construção da identidade nacional. Comemorada desde 1943, a data também convida à reflexão sobre a realidade atual de quase 400 povos indígenas, que somam cerca de 1,7 milhão de pessoas no país, de acordo com o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na Paraíba, os dados mais recentes do IBGE mostram um crescimento de 37,6% na população indígena, contabilizando a presença de 95 etnias no estado. Entre elas, os potiguaras destacam-se como o grupo mais numeroso, com aproximadamente 25 mil pessoas. Apesar dos avanços no reconhecimento e na valorização histórica dos povos indígenas, ainda existem muitos desafios para garantir, na prática, seus direitos no Brasil.

Como destaca o professor Juvandí de Souza, coordenador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia (Labap) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ao citar a célebre arqueóloga brasileira Niède Guidon: “Todo o Brasil era deles, estamos aqui como intrusos. Portanto, não há o que questionar quando falamos em demarcação de territórios. O que os povos originários buscam é o mais básico da existência humana: terra para viver”.

Uma das tentativas mais recentes de reparação histórica em relação aos povos originários, por parte do governo brasileiro, foi a mudança na nomenclatura da data comemorada hoje — antes conhecida como o “Dia do Índio”. A Lei nº 14.404/2022 determinou a substituição do termo anterior, considerado pejorativo e preconceituoso.

No entanto, para muitos acadêmicos, a alteração é vista como um esforço ainda muito acanhado de valorização. “O termo ‘índio’ está ligado à questão histórica do início do processo de colonização. Os portugueses acreditavam que tinham chegado às Índias Orientais — onde, hoje, estão a Índia e o Paquistão. Então os povos originários foram contatados pelos europeus como ‘índios’. Essa mudança de termos acaba, até certo ponto, apagando um pouco da história. Querendo ou



Foto: Leonardo Ariel

De acordo com o último Censo do IBGE, a Paraíba soma 95 etnias, tendo como destaque os potiguaras, que se concentram no Litoral Norte do estado

Realidade

O arqueólogo Juvandí de Souza pontua que, diferentemente do que estereótipos sugerem, os indígenas que viviam no interior levavam vidas sofridas e trabalhavam incansavelmente

não, esse equívoco dos portugueses faz parte da história do Brasil e de Portugal. O que temos de fazer é estudar a história para entendermos a origem das nomenclaturas, por que as coisas são chamadas como são e, assim, evitar que erros semelhantes se repitam no futuro”, opinou Juvandí.

A educação também é apontada pelo pesquisador como um elemento fundamental para promover uma compreensão mais fiel sobre a forma como os povos originários viviam no país. Segundo ele, a ideia popular do indígena pintado, coberto por penas e visto como um “selvagem” é completamente equivocada. Povos indígenas que habitavam o Sertão da Paraíba, como os kariri e os tarairiús, enfrentavam du-

ras condições impostas pelas constantes secas da região.

“Eram povos sofridos. Há essa imagem distorcida sobre o indígena, de que ele vivia dançando, descansando em redes, deleitando-se de-

tro dos rios. Isso é completamente errado. Os povos que habitavam nossa região trabalhavam incansavelmente para conseguir alimento e sobreviver. No Sertão, só temos água nos rios enquanto chove.

Como esses povos podiam viver em fartura de água? Eles trabalhavam muito, caçavam, plantavam, eram ceramistas também. No Cemitério Indígena Toca dos Astros, no município de Congo, a maio-

ria dos fragmentos de ossos e dentes humanos encontrados é de crianças. Isso demonstra que a qualidade de vida desses povos era muito ruim, ao contrário do imaginário popular”, detalhou Juvandí.

Contribuições merecem reconhecimento

Para o especialista da UEPB, o Dia dos Povos Indígenas deve ser celebrado como um momento de promover conscientização e revisões históricas. A data é uma oportunidade para que as gerações atuais compreendam, de forma mais holística, a contribuição histórica e identitária dos povos originários e, ao mesmo tempo, desenvolvam uma visão crítica sobre os desafios que essas populações ainda enfrentam no Brasil.

Já na avaliação do pajé potiguara Cleiton Aba'ata, da Aldeia Alto do Tambá, localizada em Baía da Traição, no Litoral Norte, o momento deve servir, sobretudo, para que os povos originários sejam evidenciados. “Comemoramos o fato de termos uma data própria em nossa homenagem, mas é um dia que deve, acima de tudo, provocar reflexão e ação, tan-



Foto: Arquivo Pessoal

“É um dia que deve, acima de tudo, provocar reflexão e ação, tanto por parte dos governantes como por parte da sociedade

Cleiton Aba'ata

to por parte das autoridades políticas e governantes como por parte da socieda-

de, para o fato de que nós também existimos em solo brasileiro. Estamos aqui e temos direitos”, comentou o pajé.

A data será comemorada pelos potiguaras com atividades no Terreiro Sagrado, na Aldeia São Francisco. Durante a manhã de hoje, o local permanecerá fechado, para a comunidade realizar o ritual da pajelança. Já à tarde, o público em geral poderá visitar e participar da programação especial.

Cenário nacional

De acordo com o professor Juvandí, na Paraíba — onde existem 48 localidades reconhecidas e ocupadas, principalmente, no Litoral Norte —, as condições de vida e de garantia de direitos são consideradas razoáveis. No entanto, em outros estados do país, como Roraima, muitos povos indígenas enfrentam

riscos constantes e lutam diariamente pela proteção de seus territórios.

“A situação dos grupos indígenas remanescentes da Paraíba é boa, se comparada a outras regiões. Claro que há problemas sociais e de infraestrutura, mas eles possuem suas terras demarcadas, o que é fundamental e um direito constitucional. Os Artigos 231 e 232 da Constituição Federal garantem aos grupos indígenas originários os seus direitos à cultura, à língua e, sobretudo, ao seu território. Em outras áreas do Brasil, temos graves problemas em assegurar esses direitos. Há o problema da invasão do garimpo ilegal, por exemplo, que mata centenas de indígenas anualmente. Parece-me que a questão está ligada à negligência por parte do Estado brasileiro”, afirmou o arqueólogo.

Pajé e especialista alertam sobre riscos do Marco Temporal

Sob a ótica do pajé Cleiton, ainda há muito a ser feito na Paraíba para garantir melhores condições de vida aos povos originários. “Nossa principal demanda é o nosso território. Algumas terras já demarcadas foram fruto de muita luta, mas ainda há territórios que precisam ser reconhecidos pelas autoridades responsáveis e, dessa forma, garantidos aos povos originários”, declarou a liderança, acrescentando que a

desintrusão de empresas e comércios que ocupam terras indígenas também é uma demanda importante.

Outro ponto muito debatido sobre a demarcação dessas áreas, não apenas no estado, mas em todo o Brasil, é a tese do Marco Temporal, conforme a qual os indígenas só teriam direito às terras que ocupavam até 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal. A proposta é amplamente criticada

por limitar o reconhecimento de territórios tradicionalmente ocupados, especialmente em casos envolvendo expulsões anteriores à data.

“Todos sabem que os potiguaras ocuparam o Litoral paraibano e não arredaram o pé desde então. No entanto, o processo de reconhecimento de um território é longo. Temos casos que estão há 10 anos em tramitação”, observou o pajé. “Uma grande parte dos povos originários não tive-

ram suas terras reconhecidas antes de 1988. O Marco Temporal é uma grande preocupação e um grande risco para nós”, lamentou.

“O marco diz o seguinte: você, remanescente indígena, só tem direito àquele território se os seus ancestrais o habitaram anteriormente à Constituição Federal. Comprovar a temporalidade de ocupação de um território é difícil e cria um grande gargalo”, complementou o professor Juvandí.

■ **Proposta determina que, para ter direito a terras, remanescentes precisam comprovar ocupação, por seus ancestrais, antes de 1988**

“A arqueologia pode ajudar, por meio da coleta e da datação de materiais, além da literatura histórica. Mas o que parece é que o Estado brasileiro coloca certos empecilhos para dificultar que os remanescentes dos povos indígenas tenham acesso àquilo que deve ser de todos, que é a terra. Eles não querem ser ricos, querem terra. É o mínimo para manter uma vida digna. É preciso nunca esquecer que os intrusos somos nós”, frisou o especialista.



ARTES VISUAIS

Tipografia de Carnaval

O paraibano Petronio Cunha tem uma seleção de sua obra compilada no livro *Recorte gráfico*, mostrando sua relação com a cidade de Olinda

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

“**D**esenhador de palavras, letras, ideogramas e figuras. Aquarelista de iluminuras”. É assim que o arquiteto e pintor Luciano Pinheiro descreve a arte do amigo Petronio Cunha na apresentação de *Recorte gráfico: Petronio Cunha* (Editora Cepe, 2025, 300 páginas). A coletânea do artista paraibano, de Campina Grande radicado em Olinda, reúne recortes em papel, gravuras, escrituras, cartazes e desenhos em mais de 400 imagens transpostas ao elegante livro, que conta ainda com sete textos elucidativos da dimensão do trabalho do artista.

Coordenador editorial da única obra disponível sobre Petronio Cunha até o momento, Júlio Cavani explica que a despeito da origem paraibana, Petronio (hoje com 84 anos), desenvolveu grande parte de sua obra em Pernambuco. Segundo Júlio, trazer a lume livros que reúnam parte representativa da obra de grandes artistas é sempre uma preocupação da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), selo da atual edição. “Foi nesse sentido que nasceu a ideia de ser lançado um livro sobre o trabalho de Petronio”, explica ele.

A propositura da iniciativa à editora partiu de Germana Freire, responsável pelo projeto gráfico e diagramação do volume. Afinal, a *designer* trabalhou com Petronio e conhecia profundamente a importância do legado do artista.

“Ele é um artista hiperativo. Até um dos nomes que a gente pensou pro livro foi ‘Hipergrafia’”, comenta o organizador. “Ele é um artista que sempre desenhou e produziu diariamente, quase que compulsivamente. A obra dele daria para encher dezenas de livros, talvez”, frisa.

Obra caleidoscópica

O desafio foi mesmo tentar transmitir a essência da obra petroniana, disposta que é entre múltiplas linguagens. Sem a pretensão de ser completa, como atesta Júlio, trata-se daquilo que literalmente depõe o título: um recorte; visão panorâmica sobre uma obra que se impõe caleidoscópica. Ao mesmo tempo, a provocação era fazer isso de forma orgânica, de maneira que a produção fluísse ao longo das páginas sem ceder à armadilha de um aspecto mais cata-

lográfico, o que reduziria sobremaneira a complexidade estilística do artista.

“A gente queria que fluísse como quando passa um bloco de Carnaval na frente da sua casa”, afirma Cavani ao lembrar que o artista gráfico retratou bastante o Carnaval de Olinda — a imagem da capa do livro contempla o tema. “Enquanto você lê o livro, você vê a obra de Petronio desfilar na sua frente, de maneira muito espontânea”.

A obra conta com subdivisões que ajudam o leitor no mergulho à produção fractal, nomeadamente as seções “desenhos”, “desenhos digitais”, “gravuras”, “recortes”, “escrituras” e “cartazes”. E apesar do esforço, tudo devia parecer muito discreto, já que a linha limítrofe entre as formas estéticas de Cunha é, muitas vezes, facilmente confundível — há cartazes feitos com recortes, assim como desenhos que parecem com gravuras.

Outra prática destacável na trajetória do artista é a da caligrafia, por ele chamada de “escrituras”, na qual utiliza alfabetos, por vezes fictícios, de sua própria lavra. Essas criações também se confundem com as gravuras, recortes e desenhos. Em um dos textos que compõem o livro, a pesquisadora e professora do Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Isabella Ribeiro Aragão, a esse respeito, ressalta: “Seu trabalho tem um valor primordial para a área tipográfica pelos processos manuais que geraram diversas formas de letras”.

A escolha pela palavra “gráfico” no título ajudou a dar conta da dimensão da produção de Petronio. “Ele tem algumas aquarelas, algumas pinturas, mas grande parte da obra dele é formada por colagens que podem ser reproduzidas; colagens, com preenchimento chapado, coisas que podem ser ampliadas e não perdem a qualidade”, acentua o organizador.

“Talvez a maioria das obras que estão nesse livro são realmente reprodutíveis com perfeição, sabe? Algumas delas, inclusive, foram feitas para isso, como no caso dos cartazes ou camisetas que ele desenhou. Então, quando você tem uma reprodução você tem uma imagem perfeita, como se você estivesse vendo o original. Isso favorece muito o livro graficamente também”.

Olinda de Petronio

Diante de pastas e mais pastas de peças criadas pelo artífice, o que em muito difi-

cultou a catalogação de todas elas quanto a detalhes técnicos, a saída foi mesmo transmitir a essência de um artista que, mesmo nascido em terras tabajaras, devotou tempo de vida e trabalho à cidade colonial pernambucana.

“Quando eu penso em Olinda, imagino a palavra ‘Olinda’ escrita com a tipografia, com a letra de Petronio”, visualiza Cavani. “Não seria exatamente tipografia, porque já é um processo mais industrial. Mas não, cada vez que ele escreve uma letra tal, ele escreve de maneira nova”.

Vivendo em Olinda por mais de 40 anos, Petronio possui uma ligação forte com a cidade carnavalesca. Uma de suas conquistas como artista foi ter criado uma espécie de identidade visual para o local, pois, como atenta Júlio, suas criações já foram utilizadas em decorações de Carnaval, cartazes da Prefeitura de Olinda, placas espalhadas pela cidade e letreiros diversos.

“A obra dele é fortemente ligada à Olinda e contribui para a identidade cultural da cidade. Ele também é autor de camisetas e outros materiais para a agremiação carnavalesca Eu Acho É Pouco, uma das

maiores de Olinda e uma das mais organizadas e engajadas politicamente”, detalha.

Aliás, o próprio Petronio Cunha foi quem escolheu as obras que entraram no livro. Outro nome importante no processo curatorial do volume é o do *designer*, professor e pesquisador Chico Homem de Melo. “Ao longo da produção, ele veio a Olinda para ir à casa de Petronio para eles dois verem juntos o material. Ele chegou a organizar uma exposição do Petronio em São Paulo, na USP”, diz Cavani.

Nascido em 1941, Petronio Cunha estudou Arquitetura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de 1964 a 1968. Em 1969, mudou-se para Brasília e, no mesmo ano, para São Paulo, dedicando-se à arte gráfica. Depois morou na França, de 1971 a 1973, e em 1978, enfim, pôs-se de vez em Olinda, cidade em que veio a realizar, até então, sua última exposição individual. “É um livro que não só documenta a obra do artista como também é um patrimônio cultural no sentido de registrar obras que fizeram parte (ou ainda fazem parte) da paisagem urbana, e também da identidade das cidades”, conclui Júlio Cavani.



Capa da bela edição publicada pela editora Cepe



Petronio Cunha é “um artista que sempre desenhou e produziu diariamente, quase que compulsivamente”, diz o organizador Júlio Cavani

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Pecado, tabu e culpa

A classificação de atos maus e dignos de elogio está presente em organizações sociais modernas e pré-modernas. Em sociedades “primitivas” já se admitia que certos atos fossem capazes de produzir prosperidade individual e coletiva, enquanto outros nos empurrariam à ruína. Tais crenças são apenas em parte sustentadas por bases racionais. A superstição teria papel importante, porque a moralidade “primitiva” origina-se no tabu. A ideia de que objetos estão cheios de mana (substância mágica) e que aos tocarmos morreremos, ou que alimentos são puros e impuros faz parte de uma mentalidade cuja superstição é uma marca.

O filósofo e matemático inglês, Bertrand Russell, argumentava que não existe intenção de justiça, tal como a entendemos, nos castigos provenientes das violações de tabus. A ideia é reforçada com uma história sobre a Arca da Nova Aliança — símbolo da relação entre Deus e os judeus — descrita no livro bíblico de Samuel. De acordo com a tradição judaica, a arca só poderia ser levada por quatro homens que transpassavam, com varas de acácia, duas argolas laterais de ouro, possibilitando assim os apoios necessários ao transporte. Não devia ser carregada numa carroça nem tocada por ninguém além dos sacerdotes levitas.

Ato contínuo, certo dia, quando Davi transportava a arca numa car-

roça e ela começou a tropicar à beira de Quindom, Uzá, que não era sacerdote, tentou evitar a queda segurando-a com as mãos. O resultado foi um ataque divino fulminante: o incauto judeu tombaria morto pela desobediência, apesar de sua nobre intenção.

É bastante comum que tabus sejam expressos na forma de impedir a endogamia. Na Inglaterra, até meados do século passado, era proibido que um homem viúvo casasse com sua cunhada. A Igreja Ortodoxa Grega é, até hoje, contra casamentos realizados entre padrinhos ou primos de primeiro grau. Em todos esses exemplos não prevalecem argumentos racionais que apontem supostos prejuízos à sociedade, caso as regras sejam desrespeitadas. Elas se sustentam pela força de antigos tabus.

O poder que o tabu do incesto exerce sobre nossas consciências e sentimentos é muito ilustrativo. Indivíduos frequentemente inescrupulosos tenderão a vê-lo com grande rejeição. Moll Flanders, personagem do romance homônimo de Daniel Defoe, não era o tipo de pessoa que se importava com os crimes que cometia, mas não foi capaz de suportar o fato de ter mantido relação incestuosa com seu meio-irmão — mesmo que só soubesse disso após contrair matrimônio. Édipo que também não suportou o peso de ter desposado a própria mãe e assas-

sinado o pai, acabou furando os próprios olhos.

No cristianismo, tabu e pecado andaram historicamente juntos. A concepção de pecado é indissociável à ideia de livre-arbítrio. Esta é uma questão lógica, porque não poderíamos imputar erro a alguém que não comanda as próprias ações. Seria como julgar um robô por atos que são de inteira responsabilidade de seus programadores, o que inviabilizaria justificativa ao castigo retributivo. Sendo assim, a responsabilidade recai integralmente sobre os próprios indivíduos.

O senso de pecado também é compartilhado por pessoas que não acreditam em Deus. O que se explicaria, em parte, pelo medo às censuras sociais e a determinados aspectos da personalidade humana. O temor ao castigo ou a vexação constitui poderoso expediente para reprimir atos de desobediência. Seus efeitos são sentidos, com maior intensidade, quando a ação atinge uma autoridade respeitada. Provavelmente adolescentes que vejam com naturalidade, entre si, o acesso a conteúdos de natureza sexual, se sentiriam constrangidos se fossem flagrados por seus pais.

É importante perceber que esses mecanismos são capazes de exercer bastante influência, revelando, entre outras coisas, nosso desejo íntimo de aceitação e valorização social.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Transfiguração do sofrimento

A vida do pianista polonês Arthur Rubinstein (1887-1982) representa um testemunho de sobrevivência por meio da arte, do sofrimento histórico e do compromisso ético com a vida. Ele sobreviveu as duas guerras mundiais, mas foi afetado pelas rupturas políticas e culturais que marcaram — de forma violenta — o século 20. Sua obra é uma reflexão sobre a função da música erudita no fortalecimento da resistência intelectual e artística, bem como na promoção da paz entre povos, nações e países.

Nascido em Lodz (Polônia), Arthur Rubinstein demonstrava precocemente virtuosidade ao executar o piano. Sua carreira internacional teve início antes da Primeira Guerra Mundial, período em que se apresentava nas principais capitais europeias. A eclosão desse conflito interrompeu suas turnês, que sustentavam sua estabilidade financeira na Europa. Durante esse período, esteve em cidades como Londres e Paris, onde se apresentava em concertos que expressavam seu caráter artístico e também um senso político para o bem-estar social. A música, nesse processo, contribuía como forma de coesão social em meio à loucura e à miséria humana provocada pela guerra. O virtuoso pianista sofreu os efeitos desse cenário na condição de exilado, convivendo com dificuldades financeiras e com a perda da própria dignidade. Foi durante a Segunda Guerra Mundial que seu sofrimento atingiu o ponto mais insuportável. Judeu polonês, ele foi profundamente impactado pelo avanço do nazismo e pelo genocídio sistemático perpetrado durante o Holocausto. Parte de sua família permaneceu na Europa ocupada e assassinada, o que gerou um trauma profundo, marcando sua vida pessoal e sua sensibilidade artística.

Refugiado nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, Arthur Rubinstein assumia uma postura pública de resistência. Recusou-se a se apresentar na Alemanha. Um dos episódios mais representativos



O pianista polonês Arthur Rubinstein

de sua posição ética ocorreu quando, em um concerto nos Estados Unidos, executou o hino nacional polonês em protesto contra a ocupação de seu país. Esse gesto evidencia o senso político e crítico de sua interpretação artística, na qual a música transcende o plano estético para afirmar sua identidade e denunciar a violência produzida por sistemas estatais antidemocráticos.

A relação de Arthur Rubinstein com a obra do compositor e pianista polonês Frédéric Chopin (1810-1849) adquiriu, naquele período, um significado antológico. Ao mesmo tempo em que reafirmava a excelência técnica e expressiva do repertório romântico e melancólico, evocava também a memória cultural da Polônia, país historicamente marcado por invasões, massacres e resistências. Suas interpretações das mazurcas, polonaises e noturnos de Chopin tornaram-se um patrimônio imaterial da música erudita e da humanidade, sendo reconhecidas pela crítica como uma síntese entre perfeição técnica e intensidade emocional. No pós-guerra,

sua atuação contra o ódio e a transfiguração de seu sofrimento o consolidou como um artista comprometido com a memória das vítimas da guerra e com a promoção da dignidade humana. Sua música passou a ser interpretada como um testemunho de sobrevivência frente ao ódio e como instrumento para a construção da união entre povos. Nesse sentido, a contribuição de Rubinstein para a paz deve ser compreendida em uma perspectiva universal. Sua prática artística incorporava uma ética da reconciliação, do respeito e da preservação do patrimônio cultural dos países. Ao se apresentar e celebrar a música após a devastação da guerra, Rubinstein contribuía para reconstruir a cultura fragmentada de um povo.

A vida de Arthur Rubinstein exemplifica a capacidade de um artista de resistir às adversidades do extermínio e do terror, oferecendo respostas humanísticas ao sofrimento humano e contribuindo para o bem-estar social por meio da arte. Sua experiência durante as duas guerras mundiais expõe a vulnerabilidade do artista diante da violência política, também sua força intelectual como agente de reconstrução de uma memória afetiva e de promoção da unidade na diversidade. Ao transfigurar o sofrimento em arte, Rubinstein contribui para o desenvolvimento da música erudita e deixa ao mundo um testemunho atemporal: o de encontrar, na obra de arte, caminhos para a dignidade humana e para a paz.

Sinta-se convidado à audição do 564º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 19 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre a transfiguração do sofrimento do pianista polonês Arthur Rubinstein (1887-1982) na construção da paz entre povos, nações e países.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

João Gilberto
é o farol

De uma postagem de Nelson Motta veio a indicação do livro *João Gilberto, a insurreição bossa-nova: outros lados da história* (selo L&M Editores), do jornalista Tarik de Sousa, 444 páginas, sem fotografias, só textos e muitas descobertas.

Tarik abre o livro com Vinícius de Moraes, o “Poema de Natal”, de 1946 — “Para isso fomos feitos, para lembrar e ser lembrados” — e segue a viagem de João Gilberto, citando novamente o poeta Vinícius de Moraes, que é lembrado outras vezes no livro, assim como Tom Jobim, Johnny Alf e uma centena de bossanovistas.

Os versos de Vinícius — “Chega de saudade / a realidade é que sem ela não há paz / não há beleza / é só tristeza e a melancolia / que não sai de mim / Não sai de mim, não sai” — apesar da estrutura tradicional da composição (letra de Vinícius e melodia de Tom Jobim), a gravação lançada, em agosto de 1958, por João Gilberto, com sua emissão minimalista de barítono propositivo, mas discreto, levemente anasalada, provocaria uma hecatombe no acomodado mercado da época e deu início oficialmente a insurreição Bossa Nova. Tudo em apenas 1 minuto e 59 segundos. É demais, né?

Um trecho do livro: “A partir da fusão do samba com o jazz, resultado da obra do pianista, compositor e cantor Johnny Alf, a bossa-nova começou a ganhar forma através das lapidações de gente como João Donato, Tom Jobim, Newton Mendonça, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Oscar Castro Neves, Luís Bonfá e, obviamente, o farol do movimento, João Gilberto”.

Tarik destaca os três discos mais famosos e seminais de João Gilberto, que lançaram as bases da Bossa Nova, no fim da década de 1950 e início de 1960: *Chega de Saudade* (1959), *O Amor, o Sorriso e a Flor* (1960) e *João Gilberto* (1961). Esses álbuns formam uma “trilogia” fundamental para a música brasileira. Os monásticos LPs que colocaram João no mapa-múndi da música.

O livro é João Gilberto por inteiro, sua batida eterna que tomou de assalto o planeta, influenciando do jazz ao pop. Na obra, o autor desconstrói preconceitos, esquadrinha o pluralismo da bossa e seus praticantes — e desvenda outros lados dessa história, que ele vivenciou e documentou em mais de meio século de jornalismo. Viva Tarik! O livro é um filme. Está tudo lá: “Estrada branca”, “Doralice”, “O sapo”, disco a disco etc.

Caetano Veloso é muito citado no livro, já nas primeiras páginas com trechos das canções “Tropicália” (1968) — “Viva a Bossa-sa-sa, viva a palhoça-ça-ça-ça-ça. Eu, você, João, girando na vitrola sem parar (“Saudosismo”, 1968) e que aprendemos com João para sempre ser desafinados. Em “Meu coco” (2022), Caetano Veloso cita mais uma vez JG e Tarik registra: “João Gilberto falou e no meu coco ficou, quem é, quem é e quem sou? Somos chineses”.

Só um spoiler: na página 39, João manda para Tarik de Sousa uma bebida israelense hermeticamente embalada, mas dentro disfarçada, uma porção da célebre maconha da lata.

No Rio, a semana passada, quando comprei o livro, mandei um “imêio” para Caetano Veloso, que respondeu: “Já li, Kubi. Logo que saiu a editora, me mandou um exemplar e li todo”.

Na página 369, numa entrevista que Dorival Caymmi concedeu as páginas amarelas da *Veja*, em maio de 1972, ele diz que gostaria de ter gravado suas canções como João Gilberto cantou.

João, uma rara complexidade.

Kapetadas

- 1 – Na lua só não tem vida porque lá não tem café.
- 2 – O conhecimento é desconfortável, a ignorância é cômoda.



Capa do novo livro de Tarik de Souza

Coisas de Cinema

Alex Santos

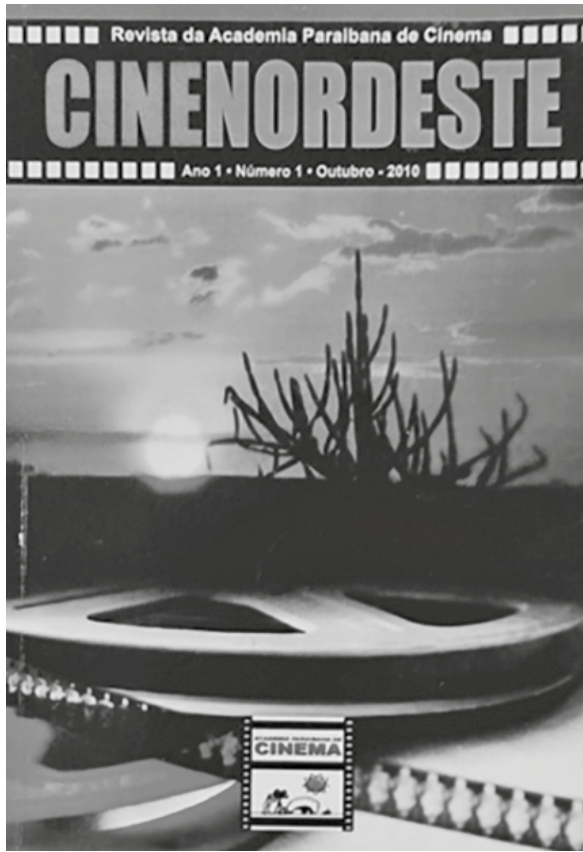
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Revista Cinenordeste da APC

Sob nossa presidência, minha e de Willis Leal, em outubro de 2010, era lançado o primeiro número da revista impressa *Cinenordeste*. Periódico mensal que trazia a marca da recém-criada Academia Paraibana de Cinema, assinada pelos membros da entidade, mas com informação de integrantes do nosso cinema.

Editada com recursos de um convênio celebrado entre a Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB) e a Academia Paraibana de Cinema (APC), o primeiro número da revista representava um marco importante para a cinematografia paraibana. Justamente naquele momento em que a academia buscava firmar-se e ganhar espaço em nosso meio cultural.

Na sua apresentação, sob o título "Nossa revista", acadêmico e professor Iveraldo Lucena da Costa destacava o interesse do novo veículo, objetivando "promover o registro e divulgação de textos dos acadêmicos e colaboradores, sobre os assuntos de interesse da sétima arte". Instância essa da qual eu participava, escrevendo para a revista o meu primeiro artigo, que



Capa da Cinenordeste, revista publicada pela APC

trazia por título "Uma imagem enquanto obra de arte". Texto em que falava sobre "cliquerização e humanidade" na construção da imagem. E reforçava que, "na arte não há neutralidade, pois a linguagem em si é expressiva".

E, reexaminando a questão da linguagem visual, sobretudo do cinema, eu observava alguns pontos discutidos por Fayga Ostrower, n'A construção do olhar, para quem "não existe um momento de compreensão que não seja ao mesmo tempo de criação". No caso, levando em conta o elemento "imagem" como um real instrumento estético e de expressão artística. E que, segundo a escritora, "nas obras de arte fica patente que os grandes artistas sabem generalizar onde se faz necessário generalizar e detalhar onde é preciso detalhar".

Pois bem, sobre a revista *Cinenordeste*, há tempo fora de circulação, e o que ela representou de importante para a cultura cinematográfica não só da Paraíba, nesta semana, a Academia Paraibana de Cinema (APC) retomou o assunto, durante a reunião de sua diretoria. Ficou acertado que medidas serão tomadas para o seu retorno. O professor João de Lima, presidente da entidade, afirmou que, possivelmente, ainda neste ano isso deve acontecer. Esperamos que isso aconteça. - Para mais Coisas de Cinema, acesse o blog: www.alexasantos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Diários

Tenho obsessão por diários. Mal acabo a leitura de um, adentro outro, sem contar aqueles passeios que faço aleatoriamente por alguns diários que amo, lidos e relidos a vida inteira.

Por exemplo, o de Amiel, o dos irmãos Goncourt, o de Camus, o de André Gide, na esfera francesa, assim como os diários de Miguel Torga, Vergílio Ferreira, Lúcio Cardoso, Josué Montello, Waldir Ayala e Ascendino Leite, em língua portuguesa, constituem, entre outros, diários de minha predileção. Papini, Kafka, Ricardo Piglia, Virgínia Woolf, Dostoiévski, Tolstói são nomes que me ocorrem na singularidade dessa seara estilística. Tenho seus diários como faróis que iluminam regiões obscuras da alma humana.

Concluo, agora, a leitura do *Diário de um gênio*, de Salvador Dalí, e começo, já, a rastrear as páginas de *Os diários de Sylvia Plath*. Duas vezes distintas em campos distintos de atuação.

Dalí não é somente um pintor genial, mas também um escritor de palavra forte, insólita e original. Se o método crítico-paranoico, que parece deflagrar o universo caleidoscópico e surreal de suas telas, aciona o fluxo de seu processo de criação na órbita pictórica, também move a ordem dos vocábulos na composição de sua escrita.

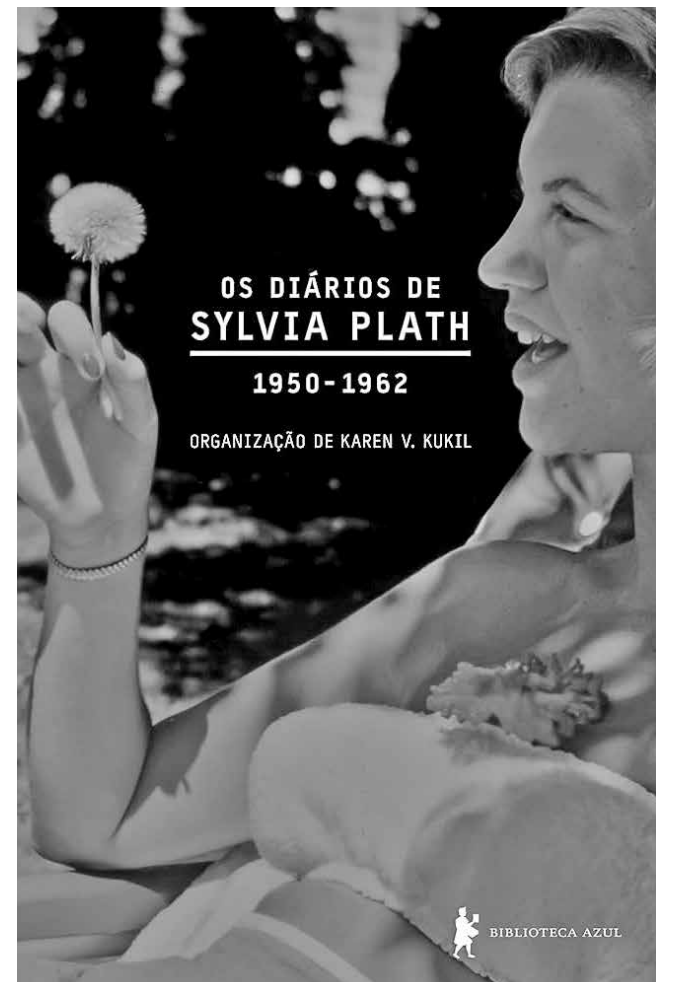
Não deixa de ser curioso e excessivo, no entanto, o ritmo de suas idiosincrasias, de seus estalos narcísicos, de sua megalomania, de suas blagues e boutades desconcertantes. Faz contrapeso, contudo, a certos disparates, a série de observações que o escritor desenvolve acerca das artes e de seus atores, em lances analíticos em tudo desafiador e estimulante. Salvador Dalí é um escritor genuíno. Escreve como um poeta.

Dalí é um gênio que se autoidolatra em cada página, colocando-se acima de seus pares e ombreando-se com Deus. Porém, diz coisas impressionantes e de maneira impressionante. Conteúdo e forma entrelaçando-se na força verbal de seu pensamento criador. Sublinho, ao acaso, uma das passagens que me toca profundamente: "Os erros têm quase sempre um caráter sagrado. Nunca tente corrigi-los. Ao contrário: racionalize-os, compreenda-os integralmente. Depois disso será possível sublimá-los. As preocupações geométricas tendem para a utopia e são desfavoráveis à ereção. Aliás, os geômetras têm poucas ereções".

Em *Os diários de Sylvia Plath*, detenho-me nos primeiros registros, grifando certas frases que parecem dar o tom agudo e penetrante de suas dilaceradas reflexões. Ainda muito jovem, a poeta norte-americana, diz coisas assim, em algumas entradas do mês de julho, de 1950: "Talvez eu nunca seja feliz. (...) Nada é real, exceto o presente, e mesmo assim já sinto o peso dos séculos a me esmagar".

Quem assim escreve é uma adolescente de 18 anos. Suas palavras iniciais sinalizam para o abismo de suas páginas. Vou ler devagar, certo de que um mundo estranho e fascinante me espera.

Foto: Divulgação/Biblioteca Azul



Os diários de Sylvia Plath, em edição da Biblioteca Azul

Sala de projeção do Nudoc-UFPB

O presidente da Academia Paraibana de Cinema, prof. João de Lima Gomes, que também responde pelo Núcleo de Documentação Cinematográfica da UFPB, junto à Proex-Reitoria, solicitou à reitora Terezinha Domiciano uma audiência para tratar da ocupação da sala de projeção do Nudoc. O assunto principal é que o órgão serviu como incubadora para o Curso de Cinema e Audiovisual, coordenado pelo prof. Carlos Dowling.

O objetivo é resgatar a funcionalidade da antiga Sala Pedro Santos, quando ainda funcionava no prédio da reitoria. Os desdobramentos dessa medida serão noticiados oportunamente.



TEATRO

Um amor de renúncia tem única apresentação

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Chico Xavier assinou, mas atribuiu às mensagens psicografadas do espírito Emmanuel, o texto de *Renúncia*, best seller publicado em 1944 e que é utilizado com uma das bases da doutrina espírita no Brasil. O amor impossível de Alcíone e o padre Carlos, também alicerça, há 16 anos, o espetáculo *Um amor de renúncia*, adaptação de Alberto Centurião, com direção de Lucienne Cunha. A peça será apresentada hoje, no Teatro do Sesc Centro, em João Pessoa em duas sessões — às 16h e às 18h. Os ingressos estão disponíveis no site Sympa e custam R\$ 100 (inteira), R\$ 60 mais 1 kg de alimento não perecível (social) e de R\$ 50 (meia).

Ambientado na França do século 17, ainda sob o domínio da Inquisição, o roteiro narra as desventuras de Alcíone (Thalita Drodowsky) e sua relação com o sacerdote católico Carlos (André Sakajiri). Os protagonistas depuram traumas de outras vidas, ao mesmo tempo em que buscam soluções para os problemas do presente. A figura de Emmanuel (Valdir Ramos) também aparece, como narrador.

"O livro é extenso. A adaptação traz uma parte dessa história, contamos

aquilo que acontece com os jovens em uma encarnação", detalha a diretora.

Apesar de ser direcionada, num primeiro momento, ao público espírita, Lucienne sustenta que a peça atrai platéias de todas as crenças, que se emocionam com os dramas dos personagens. Segundo a realizadora, *Um amor de renúncia* já foi encenada em igrejas, com padres e freiras assistindo atentamente.

"Nós já tivemos evangelí-

cos vendo e se encantando com tudo, sem saber que era um texto de Chico Xavier. Gente que não acreditava em nada e em tudo. E eu tenho relatos importantíssimos de pessoas que não são espíritas, mas afirmaram que *Renúncia* as fez despertar, ter vontade de entender o espiritismo", informa.

O contato de Lucienne com a arte e o espiritismo deu-se por meio do pai, Clery Cunha, diretor do filme

Joelma, 23ª an-



Peça espírita está no Teatro do Sesc, apenas hoje

dar, que narrou o incêndio do prédio homônimo, na década de 1970, mas na perspectiva dos espíritos que teriam testemunhado a tragédia. O longa também foi baseado em uma obra psicografada de Chico, *Somos seis*.

"Temos a nossa produtora, a Rama Kriya. A gente atua no mercado espírita desde 1992. Quanto a mim, tenho 60 anos agora, mas com 16, 17 anos já era profissional, seguindo entre a publicidade, as novelas e os filmes. Em 2012, me tornei diretora de peças como *E a vida Continua...*", revela.

Lucienne assevera que uma das principais fontes de aprendizado está explícita no título. "Renúncia. Renunciar a quê? Vale a renúncia do amor? Por que fazer isso? Nesse caso, a nossa heroína tem Jesus muito fortemente no seu coração. E ela sempre diz que a gente não deve fugir das responsabilidades que a vida nos deu. É, no fim, uma obra de reflexão, amor e emoção", conclui.

ONDE:

■ TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro, João Pessoa).

Colunista colaborador

CULTURA POPULAR

Festival revive folia em Borborema

Carnaval Camucá será realizado, hoje, na cidade, lembrando tradições esquecidas do interior paraibano

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Nascido há mais de 100 anos, o ativista Manoel Targino atuou na difusão e na salvaguarda da cultura popular do interior do estado. Ele é o homenageado da quarta edição do Carnaval Camucá, evento que será realizado gratuitamente hoje, a partir das 15h, no Centro do município de Borborema, situado na mesorregião paraibana de mesmo nome. Após um cortejo pelas principais ruas da cidade, haverá apresentações musicais com Ricardo Show e Raynara Kevilly, o desfile do bloco Boi da Cara Preta e a tradicional brincadeira do

pau de sebo.

Renilson Targino, um dos coordenadores, explica que, mesmo fora de época, o objetivo do Camucá é reavivar tradições que, com o passar das décadas, acabaram esquecidas. A ideia de realizar o festival surgiu graças a uma conversa dele com Dona Carmésia, testemunha ocular dessa história. “Ela começou a falar sobre as décadas de 1960 a 1990, de como eram ricos aqueles Carnavais, sempre distintos um do outro, organizados por Manoel, por dona Elisa Nogueira, na Ilha da Fantasia, na antiga Vila Camucá, hoje Borborema”, lembra.

Um dos destaques da programação deste ano é o Boi da Cara Preta, inspirado no Boi de Reis, manifestação tradicional em diversas regiões do país. Conta com personagens marcantes, a exemplo de Mateus e Catirina,

e os míticos galantes, que arrematam os desfiles. “O bloco acontecia sempre às 15 horas, no domingo de Carnaval, e o local de concentração era sua antiga residência, na Rua João Nogueira, percorrendo as nossas prin-

cipais vias, causando uma dualidade de alegria e medo nos moradores. Faremos trajeto parecido agora”, antecipa.

As primeiras edições desse Carnaval focaram as décadas de 1960 e 1970, sob a batuta de Elisa. Renilson e sua equipe remontaram os blocos dos Papangus e da Chiquita Bacana, utilizando instrumentos e figurinos que aludiam o passado.

“Na segunda edição, fomos selecionados em um edital de fomento da [Lei] Paulo Gustavo. Foi possível gravarmos um curta-metragem sobre dona Elisa. Na terceira, lançamos o para a população o

resultado da pesquisa. E as pessoas começaram a acreditar no projeto, sentir que era sério”, celebra.

A nova edição do Camucá será pautada pelos folgoes que animaram os borbo-remenses nos anos 1980 e 1990, com a organização de Manoel. Apesar de dividirem o mesmo sobrenome, ele e Renilson não são parentes; comum a ambos, o desejo de manter viva a identidade local.

“Nascido em fevereiro de 1919, no sítio Tanques, ele foi casado com Maria Salvina (a dona Dudé). Mesmo de família simples, ele construiu sua história entre o trabalho e a vida pública. Com esse projeto, desenvolvemos essas memórias em forma de arte”, assinala.



Foto: Josimárcio Lima/Divulgação

O desfile do bloco Boi da Cara Preta é uma das atrações do evento

Cinema

Programação de 16 a 22 de abril, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

O ADVOGADO DE DEUS. Brasil, 2026. Dir.: Wagner de Assis. Elenco: Nicolas Prattes, Lorena Comparato, Beth Goulart, Augusto Madeira. Drama. Advogado lida com uma trama que diz respeito à sua vida passada. 1h56. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8; qui. a seg. e qua.: 14h15, 19h30; ter.: 14h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: 16h15, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5; qui. a seg.: 16h15, 20h40.

MALDIÇÃO DA MÚMIA (The Mummy). Irlanda/EUA, 2026. Dir.: Lee Cronin. Elenco: Jack Reynor, Laia Costa, May Calamawy. Terror. Família encontra uma múmia e desencadeia ameaça sobrenatural. 2h13. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: qui. a seg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: qui. a seg.: dub.: 13h, 16h, 19h; leg.: 22h; ter. e qua.: dub.: 13h, 16h, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qui. a seg.: 14h45, 17h45, 20h45; ter. e qua.: 14h45. **CINESERCLA TAMBÁ 1:** dub.: qui. a seg.: 18h25. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** dub.: qui. a seg.: 18h05, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom. e seg.: 18h05, 20h40. **CINESERCLA PARTAGE 5:** dub.: qui. a seg.: 18h25. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h45, 18h20, 21h; seg. e qua.: 18h20, 21h; ter.: 16h, 18h40. **PATOS MULTIPLEX 1:** dom.: dub.: 15h30, 17h30, 20h30; seg.: dub.: 17h30, 20h30; ter.: dub.: 15h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: ter.: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom. e ter.: 15h, 18h; seg. e qua.: 18h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h; ter.: 15h45.

PINÓQUIO (Buratino). Rússia, 2026. Dir.: Igor Voloshin. Elenco: Vitaliya Kornienko, Aleksandr Yatsenko, Fedor Bondarchuk. Aventura. Boneco de madeira ganha vida e vive aventuras tentando virar um menino de verdade. 1h42. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15. **CINESERCLA TAMBÁ 1:** dub.: dom.: 14h15. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** dub.: dom.: 14h05, 16h05; seg.: 16h05. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: dom.: 14h05, 16h05; seg.: 16h05. **CINESERCLA PARTAGE 5:** dub.: dom.: 14h15.

RIO DE SANGUE. Brasil, 2026. Dir.: Gustavo Bonafé. Elenco: Giovanna Antonelli, Alice Wegman, Antônio Calloni, Felipe Simas, Rui Ricardo Diaz, Vinícius de Oliveira. Aventura/ação. Mãe tenta salvar filha, médica sequestrada por garimpeiros ilegais na Amazônia. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 15h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** qui. a seg. e qua.: 17h, 22h10; ter.: 17h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: dom., seg. e qua.: 13h15, 15h45, 18h15, 21h; ter.: 13h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: qua.: 18h30.

A VOZ DE DEUS. Brasil, 2026. Dir.: Miguel

Ramos. Documentário. A vida de dois pregadores mirins de igrejas evangélicas. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 21/4; 16h; sex., 24/4; 16h; dom., 26/4; 15h; qua., 29/4; 16h.

PRÉ-ESTREIA

MICHAEL (Michael). Reino Unido/EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jaafar Jackson, Juliano Valdi, Colman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): ter.: leg.: 20h; qua.: dub.: 15h30; leg.: 18h15, 21h. **CENTERPLEX MAG 4:** dub.: ter.: 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1:** dub.: ter. e qua.: 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2:** dub.: ter. e qua.: 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** leg.: ter. e qua.: 20h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: qua.: 17h45, 20h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: qua.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** dub.: qua.: 14h40, 17h30, 20h20. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: ter.: 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** dub.: ter.: 21h50. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):** dub.: qua.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP):** leg.: ter. e qua.: 20h40; qua.: 14h30, 17h40, 20h40. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: qua.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: ter.: 20h30; qua.: 17h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: qui. a ter.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. **CINESERCLA TAMBÁ 5:** dub.: ter.: 20h40; qua.: 18h15, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: ter. e qua.: 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: ter.: 21h15. **CINE GUEDES 3:** dub.: ter.: 20h10; qua.: 15h30, 18h40, 21h10. **PATOS MULTIPLEX 1:** ter.: dub.: 20h10; qua.: dub.: 15h, 20h30; leg.: 17h45. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qua.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: leg.: 21h. **CINEMAXXI CIDADE LUZ 3:** dub.: 20h30; qua.: 18h30, 21h10. **Remígio:** CINE RT: ter. e qua.: 20h30.

REAPRESENTAÇÃO

QUEENS OF THE DEAD (Queens of the Dead). EUA, 2025. Dir.: Tina Romero. Elenco: Jaquel Spivey, Katy O'Brian, Quincy Dunn-Baker. Terror/comédia. Show de drag queens em Nova York é atacado por zumbis. 1h41. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dub.: qua., 22/4; 16h; dom., 26/4; 19h; qui., 30/4; 16h.

A SAGA CREPÚSCULO: LUA NOVA (The Twilight Saga: New Moon). EUA, 2009. Dir.: Chris Weitz. Elenco: Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner, Anna Kendrick, Michael Sheen, Dakota Fanning. Aventura/romance. Garota tenta lidar com a ausência do namorado vampiro. 2h10. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 18h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: qui. a ter.: 17h30, 20h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 17h30. **CINESERCLA TAMBÁ 6 (laser):** dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): leg.: 18h; dub.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 19h20. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qui. a seg. e qua.: 19h30; ter.: 17h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h20; seg. e qua.: 14h.

SÃO PAULO, SOCIEDADE ANÔNIMA Brasil, 1965. Dir.: Luiz Sérgio Person. Elenco: Walmor Chagas, Eva Wilma, Otelo Zelsoni,

Darlene Glória, Ana Esmeralda. Drama. Homem vive crise existencial enquanto lida com amores e a vida profissional em São Paulo. 1h47. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 19/4; 19h; qua., 22/4; 18h10; sáb., 25/4; 19h20; ter., 28/4; 16h; qui., 30/4; 18h10.

CONTINUAÇÃO

A CONSPIRAÇÃO CONDOR. Brasil, 2026. Dir.: André Sturm. Elenco: Mel Lisboa, Nilton Bicudo, Pedro Bial, Dan Stulbach, Maria Manoella. Drama/suspense. Durante a ditadura militar, jornalista investiga mortes suspeitas dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart. 1h55. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 19/4; 17h; qui., 23/4; 18h10; ter., 28/4; 19h40.

DEVORADORES DE ESTRELAS (Project Hail Mary). EUA, 2026. Dir.: Phil Lord e Christopher Miller. Elenco: Ryan Gosling, Sandra Hüller, James Ortiz (voz). Ficção científica/suspense. Astronauta tenta impedir o Sol de ser destruído e recebe a ajuda de um ser alienígena. 2h36. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** qui. a ter.: leg.: 13h15, 20h15; dub.: 16h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: 13h30, 16h45, 20h. **CINESERCLA TAMBÁ 3:** dub.: qui. a seg.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom. e seg.: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h25. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qua.: 16h20; seg.: 15h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: qui. a seg.: 20h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: qua.: 20h.

O DRAMA (The Drama). EUA, 2026. Dir.: Kristoffer Borgli. Elenco: Zendaya, Robert Pattinson, Alana Haim. Drama/romance. Às vésperas do casamento, casal apaixonado é abalado por revelações. 1h46. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: qui. a seg. e qua.: 19h, 21h20; ter.: 18h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP):** dub.: 16h40, 19h40. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 20h30. **CINESERCLA TAMBÁ 3:** dub.: qui. a seg.: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom. e seg.: 16h, 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h35. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a seg. e qua.: 21h; ter.: 17h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 19h. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 18h20; qua.: 16h15.

OS ESTRANHOS: CAPÍTULO FINAL (The Strangers: chapter 3). Espanha/EUA, 2026. Dir.: Renny Harlin. Elenco: Hannah Galway, Ema Horvath, Krystal Elsworth. Suspense. Sobreviventes de ataques de mascarados voltam a viver um pesadelo. 1h31. 18 anos.

Patos: PATOS MULTIPLEX 4: dub.: seg.: 16h30; qua.: 15h50.

A GRAÇA (La Grazia). Itália, 2025. Dir.: Paolo Sorrentino. Elenco: Toni Servillo, Anna Ferzetti, Orlando Cinque. Drama. Presidente da Itália em final de mandato enfrenta dilemas morais. 2h12. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: qua., 22/4; 20h20; sáb., 25/4; 17h; seg., 27/4; 18h; qua., 29/4; 20h.

LUMIÈRE! A AVENTURA CONTINUA (Lumière! l'aventure continue). França, 2024. Documentário. Segunda coleção de curtas restaurados dos irmãos Lumière, pioneiros do cinema. 1h44. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: qui., 23/4; 16h; dom., 26/4; 17h; qua., 29/4; 18h10.

NARCISO. Brasil, 2026. Dir.: Jefferson De. Elenco: Arthur Ferreira, Seu Jorge, Juliana Alves. Drama. Menino tem desejo atendido por um gênio de ganhar uma família rica, mas começa a sentir saudade dos amigos. 1h30. Livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 21/4; 18h10; qui., 23/4; 20h20; sáb., 25/4; 15h; seg., 27/4; 16h; qui., 30/4; 20h20.

SUPER MARIO GALAXY: O FILME (The Super Mario Galaxy Movie). Japão/EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/aventura/animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: qui. a ter.: 15h30, 17h45. **CENTERPLEX MAG 4:** dub.: qui. a seg. e qua.: 14h30, 16h45; ter.: 14h, 16h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** dub.: qui. a seg.: 16h50, 19h20, 21h45; ter. e qua.: 16h50. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: 12h45, 15h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: dom. a ter.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: qui. a seg. e qua.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45; ter.: 13h15, 15h45, 18h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):** dub.: qui. a ter.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP):** dub.: qui. a seg.: 13h, 15h30, 18h; ter.: 13h, 15h30, 18h, 20h40. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: qui. a ter.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: dom. a ter.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: qui. a seg.: 15h30, 17h30, 19h30. **CINESERCLA TAMBÁ 6 (laser):** dub.: dom.: 14h30; seg.: 14h30, 16h30, 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: dom. e seg.: 15h30, 17h30, 19h30. **CINESERCLA TAMBÁ 2 (laser):** dub.: dom.: 14h, 16h; seg.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qua.: 16h10. **CINE GUEDES 3:** dub.: dom.: 3D: 14h25, 18h15, 20h15; 2D: 16h20; seg.: 3D: 15h, 17h, 19h; 2D: 21h; ter.: 3D: 14h25, 18h15; 2D: 16h20. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 2D: 14h40; seg.: 2D: 15h10; ter.: 3D: 14h40. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 3D: 16h30, 18h45; seg. e qua.: 3D: 18h45; ter.: 2D: 16h30, 18h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h50. **CINEMAXXI CIDADE LUZ 3:** dub.: dom.: 3D: 13h50, 16h; 2D: 18h10, 20h20; seg.: 15h30, 18h, 20h15; ter.: 2D: 13h50, 18h10; 3D: 16h; qua.: 2D: 15h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 16h40; seg.: 16h15; ter.: 14h.

VELHOS BANDIDOS. Brasil, 2026. Dir.: Cláudio Torres. Elenco: Fernanda Montenegro, Ary Fontoura, Vladimir Brichta, Bruna Marquezine, Lázaro Ramos, Reginaldo Faria, Vera Fischer, Toni Tornado, Nathalia Thimberg. Comédia/policia. Casal idoso se junta a jovens parceiros para um audacioso roubo a banco. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a seg.: 13h50, 16h15, 18h40, 21h; ter. e qua.: 13h50, 16h15, 18h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom. e ter.: 14h40; seg. e qua.: 16h.

A VIDA SECRETA DE MEUS TRÊS HOMENS. Brasil, 2026. Dir.: Leticia Simões. Elenco: Nash Laula, Guga Patriota, Giordano Castro. Drama/fantasia. Três fantasmas do passado retornam para mostrar como o Brasil chegou ao que é hoje. 1h15. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 19/4; 15h; sex., 24/4; 18h10; ter., 28/4; 18h10.

YES (Ken). França/Chipe/Alemanha/Israel, 2025. Direção: Nadav Lapid. Elenco:

Ariel Bronz, Efrat Dor, Naama Preis. Drama/comédia. Músico de jazz e dançarina vão compor um novo hino nacional. 2h30. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: ter., 21/4; 20h; sex., 24/4; 20h; seg., 27/4; 20h20.

Teatro

HOJE

UM AMOR DE RENÚNCIA. Baseado em obra de Chico Xavier. O amor proibido de uma mulher e um padre na França do século 17. Duração: 1h15. Classificação: Livre.

João Pessoa: TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro). Domingo, 19/4, 16h e 18h. Ingressos: R\$ 100 (inteira), R\$ 60 + 1kg de alimento não perecível (social) e R\$ 50 (meia), antecipados na plataforma Sympyla.

DA ÚLTIMA VEZ QUE O MUNDO ACABOU, COMEÇOU ASSIM. Do Coletivo Ser Tão Teatro.

João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Domingo, 19/4, e sexta a domingo, 24 a 26/4, 19h. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Sympyla.

O DIÁRIO DA MAMÃE. Do Grupo de Teatro Circo sem Pano. Texto e direção: Bento Jr.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manáira). Domingo, 19/4, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados pelo WhatsApp (83) 9.9869.1195.

RODRIGO MARQUES. Humorista apresenta seu solo de stand-up *História de Pescador*. Classificação: 16 anos.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 19/4, 18h e 20h. Ingressos: R\$ 140 (inteira), R\$ 100 + 1kg de alimento não perecível (promo solidária) e R\$ 70 (meia), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

Música

HOJE

ZEFIRINA BOMBA + WIL COR E ELETROCORES + STEPOUT. Bandas se apresentam no evento Difusão.

João Pessoa: CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro). Domingo, 19/4, 19h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (estudante/promocional), antecipados na plataforma Shotgun.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 20/4, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/1º lote) a R\$ 50 (inteira/2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

LEGISLATIVO MUNICIPAL

Eleições antecipadas tornam-se alvo de ações judiciais

Autoridades apontam que conduta compromete o processo democrático, transformando-o em mero arranjo político

Eliz Santos
elzsantos17@gmail.com

Em cidades do interior da Paraíba, decisões tomadas antes mesmo do início de um mandato já definem quem comandará o Legislativo anos depois. A antecipação das eleições das Mesas Diretoras tem provocado questionamentos na Justiça e mobilizado órgãos de controle no estado.

Nos últimos meses, o Ministério Público da Paraíba (MPPB) e o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) intensificaram a atuação para coibir esses casos, especialmente quando ocorrem fora dos limites estabelecidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O entendimento da Corte é de que a escolha da Mesa Diretora para o segundo biênio deve ocorrer apenas a partir de outubro do ano anterior ao início do mandato correspondente.

Na avaliação do Ministério Público, a antecipação não é apenas uma irregularidade formal, mas pode comprometer a legitimidade do processo democrático. O promotor de Justiça Caio Terceiro Neto Parente Miranda reforça que a jurisprudência do STF é clara quanto aos limites para a realização do pleito.

“O STF, na condição de guardião máximo da Constituição Federal, tem reiteradamente se posicionado sobre a inconstitucionalidade da antecipação das eleições para as Mesas Diretoras dos Poderes Legislativos estaduais e municipais, bem como sobre a vedação à recondução ilimitada para o mesmo cargo, em observância aos princípios republicanos e democráticos, à alternância de poder e à con-

temporaneidade dos pleitos”, afirma.

Apesar do entendimento consolidado, o desrespeito às regras tem sido frequente, resultando na judicialização de casos e na emissão de recomendações para que os parlamentares municipais se adequem.

Poder em foco

O especialista em Direito Eleitoral Lincoln Mendes observa que a prática sobrevive por fatores culturais em municípios de menor porte, mesmo diante de uma jurisprudência clara e objetiva.

“A antecipação ainda ocorre por uma cultura enraizada de perpetuação no poder, especialmente em cidades pequenas, onde lideranças políticas costumam ter domínio da maioria da Câmara. Em muitos casos, não há força para questionamento ou há uma decisão deliberada de ‘esticar a corda’, mesmo com o risco de judicialização”, indica.

Segundo ele, a prática gera impactos diretos no funcionamento democrático das Casas Legislativas.

“O principal risco é o engessamento político e o descompromisso com a real correlação de forças. Uma eleição realizada de forma antecipada, muitas vezes conjunta, impede a avaliação da gestão e da condução dos trabalhos legislativos, dificultando mudanças de rumo”, destaca.

Embora os questionamentos partam frequentemente da oposição, Lincoln avalia que a solução exige uma postura mais proativa dos órgãos de controle, indo além de recomendações.

“Uma atuação mais dura

e incisiva do MP pode ser um caminho para evitar a repetição desses casos. É preciso ir além das recomendações, com a convocação de reuniões e audiências, a formalização de Termos de Ajustamento de Conduta (TACs) e o ajuizamento de ações civis públicas para anular eleições irregulares. Em situações mais graves, também cabe o ingresso de ações de improbidade administrativa. Em geral, o agente político que descumpra regras de forma reiterada só recua quando há risco concreto à sua elegibilidade”, indica.

A reportagem entrou em contato com a presidência da Federação das Câmaras Municipais da Paraíba (Fecam-PB) para saber se a entidade tem acompanhado a recorrência desses casos e se oferece orientação às Casas sobre os procedimentos vedados pelo STF, mas não obteve retorno até o fechamento desta edição.

Casos na Paraíba

Situações recentes ilustram o cenário no estado. Em Serra Branca, o episódio mais recente, o MPPB recomendou, no último dia 15 de abril, ao presidente da Câmara e aos demais vereadores a anulação, no prazo de 10 dias, de todos os atos administrativos e legislativos relacionados à eleição antecipada da Mesa Diretora para o biênio 2027-2028, incluindo a promulgação do resultado.

A orientação também determina que o Legislativo municipal se abstenha de realizar nova eleição fora do período considerado legal. A recomendação foi expedida pelo promotor de Justiça Ailton Nunes Melo Filho, no âmbito de inquérito civil que apura a le-

galidade do pleito realizado em janeiro deste ano, durante sessão extraordinária.

Segundo o Ministério Público, a própria Lei Orgânica do Município estabelece que a eleição para renovação da Mesa deve ocorrer apenas no último ano do biênio, o que torna a antecipação irregular. O órgão reforçou que o entendimento do STF sobre o tema já está consolidado e prevê a observância do princípio da contemporaneidade.

O prazo fixado determina que a Câmara informe se acatará a recomendação, sob pena de adoção de medidas judiciais, incluindo o ajuizamento de ação civil pública para anulação do ato e eventual responsabilização dos envolvidos.

Em Bananeiras, a Justiça suspendeu a eleição da Mesa Diretora para o biênio 2027-2028 após ação do MPPB. O órgão apontou irregularidades na recondução do presidente da Câmara, que já ocupava o cargo no biênio 2023-2024 e foi reconduzido, em 2025, para períodos consecutivos, incluindo, de forma antecipada, o mandato que só teria início em 2027.

Para o 1º promotor de Justiça da comarca, Erik Bethoven de Lira Alves, esse último caso evidencia uma tentativa deliberada de contornar os limites estabelecidos pela jurisprudência.

“A ação foi motivada por denúncia anônima sobre a manobra para reeleger o vereador a um terceiro mandato consecutivo na Presidência da Câmara. A principal irregularidade é a realização de eleições antecipadas e sucessivas: no mesmo dia, ele foi eleito para o biênio 2025-2026 e, logo em seguida, garan-

tiu antecipadamente o biênio 2027-2028”, explica.

O Ministério Público avalia que a situação pode configurar uma terceira recondução consecutiva ao mesmo cargo, contrariando os princípios constitucionais da alternância de poder e da temporariedade dos mandatos.

A decisão judicial também apontou que a antecipação compromete a representatividade política. A liminar fixou multa diária de R\$5 mil, limitada a R\$100 mil, em caso de descumprimento, além da possibilidade de responsabilização por improbidade administrativa.

Casos semelhantes também foram identificados em outros municípios. Em Conrado, o MPPB recomendou a anulação da eleição antecipada da Mesa Diretora para o biênio 2027-2028. Já em Nova Olinda, o órgão orientou que a Câmara não realizasse eleição prevista e, caso já tivesse ocorrido, determinou a anulação dos atos decorrentes.

As recomendações apontam que a antecipação dos pleitos contraria a jurisprudência do STF e orientam mudanças nos regimentos internos das Câmaras. Isso porque, para as autoridades, tal irregularidade pode transformar uma escolha democrática em um arranjo político previamente definido, esvaziando o debate no momento em que ele deveria, de fato, ocorrer.

Decisões divergentes

Apesar da atuação dos órgãos de controle, nem todos os casos têm o mesmo desfecho. Em Patos, o TJPB suspendeu uma decisão que havia anulado a eleição da Mesa Diretora e manteve a validade do

■ Escolha para o 2º biênio deve ocorrer apenas a partir de outubro do ano anterior ao início do mandato em questão

pleito para o biênio 2025-2026.

Nesse caso, a Corte considerou que o afastamento da Mesa poderia comprometer o funcionamento do Legislativo municipal, gerando risco à ordem administrativa.

Cenário nacional

O cenário observado na Paraíba reflete uma tendência que se repete em outras regiões do país. Em diferentes estados, o MP tem expedido recomendações para assegurar o cumprimento das normas que regem a escolha das Mesas Diretoras.

Casos semelhantes já foram registrados em municípios de Goiás, Bahia, Alagoas e Pernambuco, onde eleições antecipadas foram questionadas por violarem princípios constitucionais. Em Catalão (GO), por exemplo, o Ministério Público recomendou a anulação de um pleito realizado fora do período considerado adequado.

Com decisões judiciais em sentidos distintos e a intensificação da atuação dos órgãos de controle, o tema deve permanecer no centro do debate jurídico e político nos municípios brasileiros.



Foto: Divulgação/Câmara Municipal de Serra Branca



Mesas Diretoras de Serra Branca e de Bananeiras estão entre as que foram notificadas pelo Ministério Público para se ajustarem à jurisprudência do STF

Foto: Divulgação/Câmara Municipal de Bananeiras



Foto: Arquivo pessoal

“Uma eleição realizada de forma antecipada impede a avaliação da gestão e da condução dos trabalhos legislativos

MEMÓRIAS DA DITADURA

Zuzu Angel fez do maternar uma arma política no Brasil

Estilista travou luta contra regime após desaparecimento do filho, Stuart

Rafael Cardoso
Agência Brasil

Há 50 anos, a estilista Zuzu Angel dirigia pelo túnel Dois Irmãos, no Rio de Janeiro, quando outro veículo veio ao seu encontro. Ela foi empurrada contra a proteção de um viaduto e despencou de um barranco. O atentado, forjado como acidente, silenciou uma das vozes mais ativas contra a Ditadura Militar brasileira.

Zuzu tinha 53 anos quando foi assassinada. Ela era mãe de Stuart Edgard Angel, militante da organização revolucionária MR8, que pegou em armas para combater a ditadura. Em 1971, Stuart foi preso, torturado e morto nas dependências do Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa). Durante cinco anos, a estilista buscou pelo filho e denunciou publicamente o regime.

Segundo a historiadora Cristina Scheibe Wolff, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a jornada de Zuzu faz parte de um movimento amplo de mães que transformaram a dor em ação durante as ditaduras da América do Sul. As Mães da Praça de Maio, na Argentina, são um dos exemplos mais emblemáticos.

A maternidade foi mobilizada como linguagem política para sensibilizar a opinião pública e expor a violência dos regimes. “Essa estratégia dialogava com padrões de gênero da época que eram aceitos por muitos, inclusive pelos próprios agentes da ditadura. As mulheres eram pensadas a partir do lugar da maternidade. Então, mães de desaparecidos apresentavam uma imagem mais humanizada de pessoas que a ditadura considerava bandidas e terroristas”, explica a historiadora.

“Esse tipo de movimento acabou sendo muito importante para enfraquecer as ditaduras na América do Sul. Tornava-as menos simpáticas para o grande público. Acabou sendo mais efetivo do que a luta armada, porque essa acabou vencida e praticamente desapareceu no Brasil, na década de 1970. Movimentos de familiares chamaram a atenção para o lado perverso da Ditadura Militar”, completa.

Gênero e luta

Conforme a historiadora, o gênero não era um aspec-



Uma das vozes mais ativas contra abusos dos militares, Zuzu Angel foi vítima de atentado

to secundário, mas elemento central na forma como a resistência foi construída e comunicada no Cone Sul (Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Bolívia), da década de 1960 a década de 1970.

Enquanto organizações armadas estavam envolvidas em discursos associados à masculinidade, valorizando coragem, força, ação e sacrifício, entre os movimentos de direitos humanos e de familiares, o discurso era associado à feminilidade, mobilizando emoção, dor e sensibilidade.

No caso de Zuzu, as denúncias tiveram ainda mais alcance pela sua posição de estilista famosa, com articulações internacionais. “Ela fez um trabalho de sensibilização falando do filho com aquele carinho maternal e teve solidariedade de outras mães que estavam em situações semelhantes”, recorda Hildegard Angel, jornalista e filha de Zuzu.

“Era um destemor muito atípico na época, porque o que a gente presenciava era o silêncio submisso e amedrontado de muita gente. Ela começou a denunciar a morte do Stuart ainda no governo do [Emílio Garrastazu] Médici e continuou o seu ativismo durante o governo do [Ernesto] Geisel. Desafiou dois governos totalitários. E pagou um preço por isso”, completa.

Vida

Zuleika de Souza Neto nasceu na cidade mineira de Curvelo, em 1921. Foi morar, em 1939, no Rio de Janeiro, onde trabalhava como costureira. Na cidade, ca-

sou-se com o estadunidense Norman Angel Jones. Dos anos 1940 a 1970, construiu a carreira como estilista. Misturava elementos da cultura brasileira — como rendas, bordados e pedrarias — ao vestuário de modelagem simples e contemporâneo. As criações tiveram alcance internacional.

O filho mais velho, Stuart Angel, era estudante de Economia e ingressou na resistência armada contra a Ditadura Militar no fim dos anos 1960. Depois do desaparecimento de Stuart, Zuzu levou a denúncia além das fronteiras do país. Buscou apoio nos Estados Unidos e em organismos internacionais. A estratégia ajudou a dar visibilidade maior às violações de direitos humanos no Brasil, em momento de censura interna forte.

Um desses contatos frequentes era com o então secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger. Ela também mobilizou jornalistas estrangeiros para dar entrevistas e expor o desaparecimento do filho.

Uma marca da luta de Zuzu foi o uso da moda como forma de protesto. Ela passou a inserir símbolos de denúncia em suas coleções, com referências à violência e à repressão, transformando desfiles em manifestações políticas.

Bordados com anjos feridos, figuras de crianças mortas, tanques de guerra e pássaros em gaiolas foram usados como metáforas visuais da repressão e do luto. Trilha sonora e cenografia reforçavam o tom fúnebre e crítico. Zuzu recebeu cartas com ameaças e avisou aos amigos que, caso aparecesse morta, teria sido vítima dos mesmos assassinos do filho.

“Naquela época, desafiar o sistema era considerado uma loucura, porque era quando você desafiava sua própria sobrevivência. Perdo do ateliê dela, às vezes, parava uma patrulhinha e ela confrontava os agentes. Dizia: ‘Não tenho medo de vocês. Sei que estão me seguindo, mas já tiraram meu filho e não trarão ele de volta’”, lembra Hildegard.

“Essa luta foi gerando um ódio muito grande nos mili-

tares. Como aquela mulher tinha coragem de desafiar o regime e sair nas matérias dos jornais?”, acrescenta.

Durante décadas, a versão oficial da morte de Zuzu foi a de acidente. Em 2014, a Comissão Nacional da Verdade, depois de um processo de investigação, que envolveu o depoimento de um ex-delegado do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), confirmou o assassinato.

No fim do ano passado, a família recebeu do Estado brasileiro uma Certidão de Óbito retificada, em que a causa da morte é descrita como violenta e causada pelo próprio Estado.

Legado

Décadas após sua morte, Zuzu Angel segue como símbolo de luta. Para a historiadora Cristina Scheibe, a trajetória da estilista amplia a compreensão sobre como enfrentar poderes autoritários.

“Ela deixou um legado de combate à ditadura. Mostrou que resistência se faz de múltiplas formas, não só de uma forma convencional. Pode ser política, pode ser feita com armas, mas também pode acontecer por meio da arte e da cultura. E isso serve de lição para os dias de hoje: entender que há outras possibilidades de luta”, analisa.

O legado também se traduz em reconhecimento institucional e na preservação da memória, enfatiza Hildegard. “Acumulamos uma série de conquistas ao longo desses anos. Conseguimos mudar o nome de um túnel [no Rio de Janeiro] para Zuzu Angel, conseguimos que ela fosse a primeira heroína contemporânea do livro dos heróis e heroínas da pátria. Foram muitas homenagens, medalhas, troféus. Fizemos o primeiro curso superior de moda no estado do Rio de Janeiro e a Casa Zuzu Angel/Museu da Moda. São alguns exemplos”, enumera a jornalista. “É um processo contínuo, porque o trabalho dela nunca parou. Ela morreu, mas o legado permanece. A luta da Zuzu frutificou”, ressalta.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (40)

Pesquisa Data Barata: Se a eleição fosse hoje, com quem você começaria uma relação abusiva?

Mensagem de Ameba no Facebook: “Não quero saber de médico. Prefiro continuar sob os cuidados de Madame Preciosa, famosa catimbozeira de Itabaiana do Norte, que é quem mantém minha saúde em ponto de bala com suas rezas, velas, despachos e mungangas, além de fazer umas caridades nas partes sexuais que ninguém é de ferro, somos todos carmais”.

“Adoradores da seita maligna” é como os torcedores do Santa Cruz do Recife chamam a turma do Sport.

Quero morrer no mais completo anonimato, sem direito a choro nem vela, sem placa de obituário. Meus parentes devem guardar uma certa “saudade pacata”, e a vida continua. Se forem me visitar no Dia de Finados, eu solto os cachorros fantasmas.

Na verdade, eu queria era ser milagreiro de cemitério, uma espécie de santo popular, venerado pela munição com rituais e oferendas. Estar na fé e na memória do povo besta que atribuiria a mim, depois de morto, muitas graças e milagres.

Meu túmulo como local de peregrinação, onde devotos depositariam ex-votos, flores e baratas, muitas baratas! Aliás, as baratas já estariam no local, que esses insetos adoram defuntos.

Se não for assim, deixa eu vivo mesmo!

“Eu, particularmente, já escolhi meu epitáfio: um dedão em riste e a frase: ‘Tá pra tul’ (Erasmus Souto, humorista itabaianense já falecido).

Ameba foi ao cemitério no Dia de Finados conferir se a sogra continua lá.

A bruxa avisa: ela não envenena frutas. Quem faz isso é o agro.

Um tal de Gardenal mandou a frase: “Feriado no domingo é igual a prisão domiciliar na mansão de Bolsonaro: acontece, mas não satisfaz”.

Em Pirai do Sul, Rio de Janeiro, um vereador chamado Russo declarou que é contra o voto de moradores de rua. “Mendigo não tem que votar. Mendigo não faz nada na vida. Ele não tem que tomar atitude nenhuma. Aliás, eu acho que deveria até virar ração para peixe”, disse o vereador.

“A religião mata mais do que o modo sistemático do terror. Não com armas, mas com a língua, mente, conceito e sentimento” (Alessandro Feitosa).

O amigo me cumprimentando: “Bom dia, poeta!” “Bom dia, doutor!” “Não sou doutor”. “Nem eu sou poeta”.

“Negros estavam melhores sob escravidão, porque cometiam menos crimes” (Charlie Kirk, extremista americano de direita).

Judithe Jovithe das Neves, mulher negra, pobre, cordelista, publicou, em 1938, numa tipographia em Santa Luzia, Paraíba, um folheto que denunciava crime de feminicídio naquele município.

Usou seu nome próprio para publicar o cordel, o que era muita audácia naqueles tempos. Essa história do pioneirismo feminino na Literatura de Cordel foi resgatada pela sua conterrânea Maria Nelcimá Moraes Santos. Uma segunda edição já está devidamente diagramada e esperando apoio para a impressão (Depoimento do cordelista e pesquisador Kydelmir Dantas).

Título do cordel. “História do crime de Riacho da Serra no município de Santa Luzia – A morte da inditosa Maria, barbaramente assassinada por Lino Goiaba”.



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Hildegard Angel: desafiar o sistema era considerado loucura

PREDADORES SEXUAIS

Redes sociais dão acesso às vítimas

Uso das mídias como isca para a violência é um fenômeno que deixa sequelas e desafia profissionais da saúde

Fabio Gallacci
Jornal da Unicamp

Perfis falsos atraem a atenção, geram uma confiança ilusória e, ao final, surge a armadilha que abre caminho para todo tipo de ameaça, agressão e abuso. As redes sociais são um território livre para predadores sexuais atacarem mulheres e meninas. “Democrática”, a violência não escolhe idade, lugar ou condição econômica, apesar de as vítimas pretas e pobres serem os registros mais comuns nas estatísticas. O impacto é tão devastador que alguns profissionais de saúde afirmam que é comum pacientes apresentarem traumas aliados a hipervigilância, ansiedade e amargos *flashbacks* — um quadro que se encaixa na descrição do transtorno de estresse pós-traumático, semelhante àquele vivenciado por veteranos de guerra.

Esta realidade é cada vez mais comum entre os atendimentos no Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti (Caism-Unicamp), que há 40 anos é referência no atendimento e acompanhamento de vítimas de violência sexual. Ali, as pacientes — 50% das quais são menores de 18 anos — têm acompanhamento por seis meses após sofrerem a violência sexual. Mesmo entre as demais pacientes que buscam o local para atendimentos diversos, até 15% trazem algum registro de violência.

“As redes sociais estão virando uma armadilha para a mulher. Temos visto um número significativo delas que começa a ter algum contato com uma pessoa pela *internet*, marca um encontro e percebe que não era nada daquilo. Identidade *fake* do outro

lado, a conversa vai evoluindo e, de repente, ela chega lá e é estuprada”, afirma José Paulo de Siqueira Guida, professor do Departamento de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e coordenador do Ambulatório de Violência Sexual do Caism.

O uso das redes sociais como isca para a violência sexual é um fenômeno que ainda desafia os profissionais da saúde. “Isso é uma coisa que a gente está colocando no nosso radar. Há 25 anos, não tínhamos aplicativos. Estamos tentando levantar dados de forma mais consistente até para, depois, poder ajudar as autoridades a ter dimensão de que isso é um problema que está acontecendo. É um novo desafio”, acrescenta o médico.

A frequência desses casos vem crescendo. “Podemos até comparar com algo em uma

escala de catástrofe. Muitas chegam em um estado de apatia, vulnerabilidade, precisando de um lugar de cuidado. A nossa tentativa, o tempo inteiro, é oferecer esse espaço”, afirma Mariana Santos, psicóloga assistencial e supervisora do treinamento na área da Ginecologia do Caism.

“Temos casos que se assemelham ao transtorno de estresse pós-traumático. Muitas desenvolvem esse quadro, que é mais grave e com maior risco de repercussão social, emocional, de distanciamento da rotina e contato com as pessoas. Elas enfrentam a perda da rotina, não conseguem estudar ou trabalhar, passam a viver em um isolamento”, relata a psicóloga.

A profissional, que é responsável por acompanhar as condições emocionais das pacientes, destaca o papel negati-

vo das redes sociais nos últimos anos. “A gente percebe que são ambientes de abuso. Identificamos isso aqui, inclusive, em alguns estudos que produzimos. A violência gerada pelo contato em redes sociais, dos chamados

‘conhecidos virtuais’, aparece nos dados de nossos levantamentos”, confirma Santos.

Sua colega Laíse Potério, supervisora do setor de Psicologia, com quatro décadas de atuação no Caism, confirma

os novos casos que têm chegado. “A busca para conhecer alguém em aplicativos de relacionamentos leva à violência e ao abuso. Eles acontecem nesses encontros marcados. Virou armadilha mesmo”, aponta.

Criminosos usam perfis falsos para criar vínculo

Ândria Cléia Alves, supervisora de seção do Serviço Social do Caism, confirma que as novas formas de relacionamento trouxeram com elas as velhas situações de exploração do corpo e mente das mulheres. “A violência sexual, aquela que atendemos com maior frequência aqui, tem envolvimento de um companheiro, parente, ex-namorado ou conhecido da família, mas também temos essas abordagens através das redes sociais. São pessoas que criam um perfil falso, um vínculo de confiança, e depois cometem o crime”, conta.

Alves está há mais de duas décadas no hospital e convi-

ve, ao lado de uma equipe especializada, com a missão de resgatar mentes destruídas pela exposição à violência sexual. “A mulher que vem para o Caism traz todo o seu histórico de vida, e as violências física e doméstica fazem parte disso. Muitas ocorrências são subnotificadas, porque, muitas vezes, ela não consegue dizer o que está acontecendo, pois existe uma dependência emocional e financeira. Há ameaças a ela e aos filhos. Então, a gente vai acompanhando a situação dessas pessoas. Queremos fortalecer essas mulheres para que, nas próximas ações, elas possam sair dessa situação”.

Desafios incluem a subnotificação de casos e o ódio contra a mulher

A subnotificação das pessoas vivendo em situação de violência é o grande desafio para dimensionar, de fato, o problema social que ganhou ares de epidemia nos últimos tempos. Apenas em 2025, foram registrados 1.568 feminicídios no Brasil, de acordo com levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Um crime é considerado feminicídio quando a vítima é morta pelo simples fato de ser mulher. Em 2015, quando essa tipificação penal foi adotada, o Brasil registrou 535 mortes. Uma década depois, o número cresceu 316%.

Ândria Cléia Alves reforça a questão dos diversos perfis de pacientes: existe a mulher que reconhece a violência sofrida, mas não tem condições de sair da relação naquele momento; as que justificam picos de agressividade dos companheiros provocados pela bebida ou drogas; e há aquelas que naturalizam a situação e não percebem que são vítimas. Existem aquelas que sofrem graves

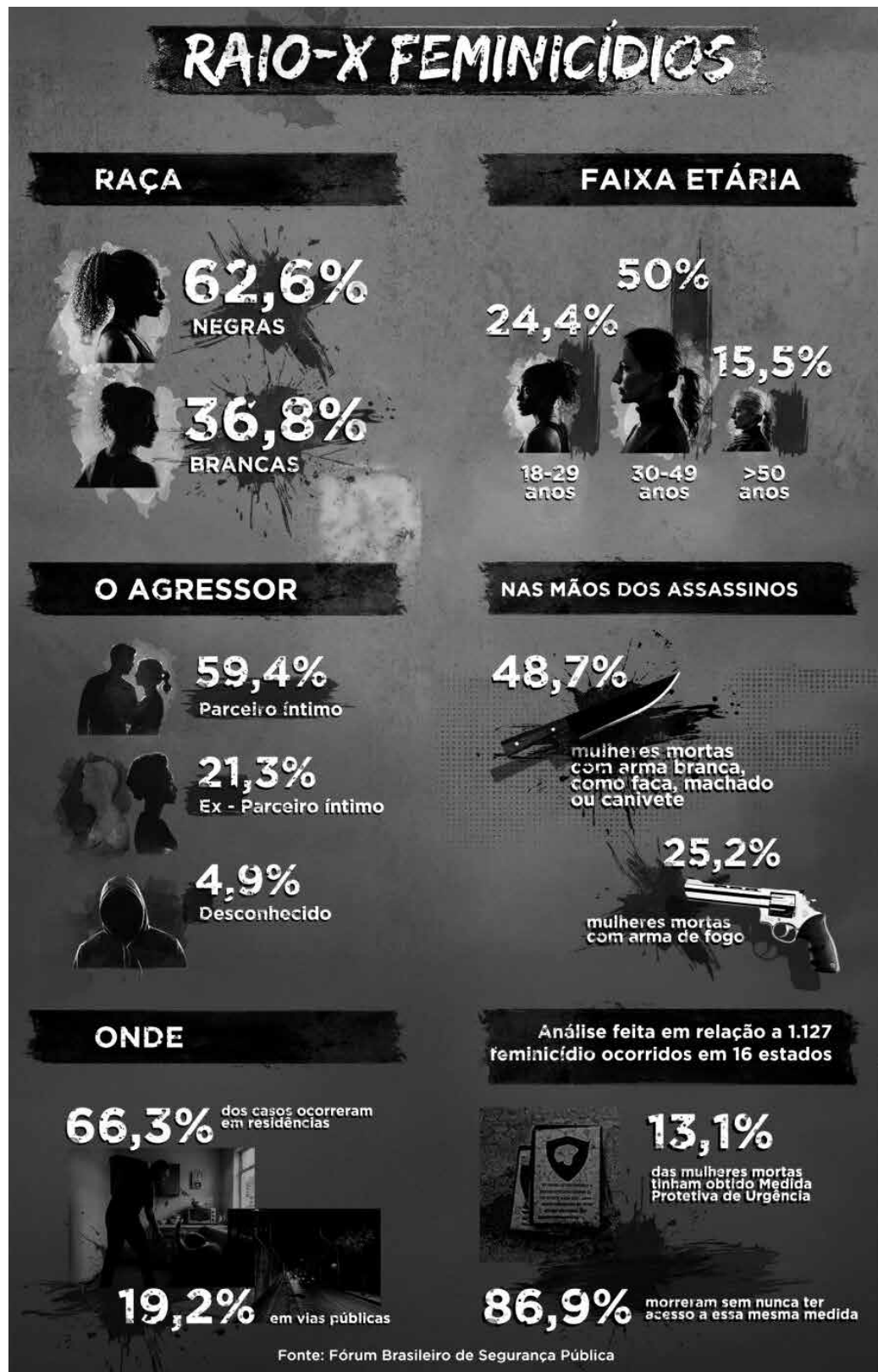
ameaças e têm medo de contar e morrer. A incomformidade do ex-parceiro com o fim da relação, associada a um comportamento violento, são as maiores causas de feminicídio no Brasil.

“Precisamos sempre ter respeito pelo momento delas. Eu tenho como voltar para minha casa e saber como me reorganizar, mas algumas mulheres não têm isso; elas enfrentam o medo de não serem protegidas”, lamenta a supervisora do Caism. “Vivemos sob a cultura do estupro, que busca apontar justificativas para o que acontece com a mulher: a roupa que usa, o horário em que está na rua... Há uma inversão do senso comum. Isso é grave porque você naturaliza a violência e a enxerga como algo que a mulher causou. Na realidade, uma mulher pode estar em qualquer lugar a qualquer momento”, acrescenta Alves.

Como se não bastasse, em algumas ocasiões, as vítimas chegam acompanhadas pelos

próprios agressores. “Quando vejo que a pessoa é muito misógina, chamo um médico ou um enfermeiro para atender junto. Daí, o cara baixa a bola. Mas foram poucas vezes que aconteceu isso, porque aqui dentro eles costumam manter o papel de bom moço”, conta a supervisora. “Se a mulher determinar que o acompanhante não entre, não adianta espernear, ele ficará do lado de fora. Pode ter certeza, ele jamais chamará a polícia”, comenta ela.

Ainda de acordo com Alves, sempre foi difícil ocupar o papel de mulher na sociedade. Elas são colocadas em um lugar onde existe a necessidade de proteção porque aos homens tudo é permitido. “Penso que há um movimento de ódio contra a mulher. Tem relação com o que vivemos nos últimos anos. Houve um movimento de desmobilização, falta de investimento em políticas públicas para a mulher. Todo esse trabalho precisou ser reconstruído”, diz a profissional do Caism.



Mulheres negras e na faixa etária de 18 a 29 anos são as principais vítimas da violência

Ações passam por acolhimento, informação e mais rede de proteção

A psicóloga Laíse Potério conta que algumas mulheres têm necessidade de contar o ocorrido, como uma saída terapêutica. Já outras não têm mais estrutura para isso. São adolescentes e mulheres trazendo uma culpa enraizada, como se o ocorrido tivesse sido provocado por elas, por meio de um comportamento ou da escolha de uma roupa. Buscar ajuda e passar pelos procedimentos e exames necessários já é um desafio.

“Quando a vítima chega aqui, esse reviver é avassalador. Os mecanismos de esquecimento precisam ser remediados, e isso é extremamente doloroso. Algumas dizem que não vão contar para a família porque temem o julgamento, a vergonha, o ataque à reputação e a visão distorcida do ocorrido. Outras começam a tomar muitos banhos para tirar uma sujeira que está, na verdade, na alma”, afirma a psicóloga. “Elas vêm desesperadas e, ao vivenciar uma escuta empática, mudam. Ao final, buscam um longo abraço. É a sensa-

ção de não estar sozinha. As mulheres estão tendo acesso à informação e tentando buscar outros caminhos”, afirma Potério, com a experiência de quem sabe que, enquanto existir empatia, a batalha não estará perdida.

Epidemia no país

Assistente social e professora universitária aposentada, Márcia Lopes, ministra das Mulheres, defende a regulamentação das mídias sociais como forma de combate à violência digital que afeta meninas e mulheres no Brasil. Durante uma agenda em Campinas, ela mostrou-se alarmada com a escalada do feminicídio no país.

“É muito importante que todas as políticas públicas olhem para esse fenômeno para, inclusive, analisar, dimensionar e entender o que tem ocorrido. O Ministério da Saúde, por exemplo, está tomando uma série de medidas, e uma delas é a solicitação junto à Organização Mundial da Saúde para incluir o feminicídio como um item do CID

[Classificação Internacional de Doenças]”, afirmou a ministra.

“A violência não nasce do nada. Precisamos investir na educação, na formação, romper ciclos históricos de machismo e misoginia. Se, daqui a alguns anos, tivermos profissionais de todas as áreas com outra formação, certamente essa realidade de banalização da violência vai se modificar. Por isso, queremos mais mulheres na política. Defendemos paridade: 50% de mulheres nos espaços de poder. Isso faz diferença. Sabemos que o mundo vem de uma raiz patriarcal, machista e misógina. Por isso a nossa luta é grande”, comentou Lopes.

A ministra citou o Pacto Brasil contra o Feminicídio, lançado em fevereiro em todo o território nacional, que apresenta um compromisso entre o Executivo, Legislativo e Judiciário para agilizar o enfrentamento da violência contra a mulher. A meta é reduzir a impunidade e acelerar medidas que fortaleçam as redes de proteção.

OPORTUNIDADES

Editais oferecem mais de 150 vagas

Prefeitura de Itabaiana, CRBM2 e Universidade do Maranhão reúnem oportunidades para diversas áreas

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Entre um feriado e outro, abril segue oferecendo bons motivos para os concurseiros manterem os estudos em dia. Há vagas para professores de diferentes áreas do conhecimento, profissionais da saúde e, também, para quem busca oportunidades ligadas ao Ensino Superior. O maior destaque está em Itabaiana, onde a prefeitura abriu 126 vagas, entre imediatas e cadastro reserva, em um edital que chama atenção dos paraibanos e entra, agora, na reta final de inscrições. Também estão no radar o concurso do Conselho Regional de Biomedicina da 2ª Região (CRBM2), com alcance regional e cadastro reserva para João Pessoa, e o processo seletivo da Universidade Estadual do Maranhão (Uema) para professor substituto.

Maior número de vagas

No interior da Paraíba, o edital da Prefeitura de Itabaiana chega à reta final de inscrições com 126 vagas em disputa, entre imediatas e formação de cadastro reserva, voltadas a profissionais de níveis médio, técnico e superior. As áreas com maior destaque no edital são saúde e educação, com mais de 40 vagas cada, distribuídas por diferentes especialidades. No magistério, o concurso abre espaço para professores de Ciências, Educação Física, História, Geografia, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Matemática e Informática. Já na saúde, há oportunidades para enfermeiro, cirur-

gião-dentista, fisioterapeuta, técnico de Enfermagem, fonoaudiólogo, veterinário, nutricionista e terapeuta ocupacional. Além disso, o certame ainda oferece vagas para analistas de redes, engenheiros, fiscais e assistentes sociais, entre outras funções.

Os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 6 mil, por jornadas de até 40 horas semanais. Para concorrer, o candidato tem até o próximo domingo (26) para garantir sua inscrição no concurso, por meio do sistema da Comissão Permanente de Concursos da Universidade Estadual da Paraíba (CPCCon/UEPB). As taxas cobradas variam de R\$ 95, para cargos de nível médio e técnico, a R\$ 115, para os de nível superior e magistério. Quanto à seleção, além da prova objetiva, a ser realizada na cidade de Itabaiana, em 24 de maio, estão previstas etapas adicionais em casos específicos, como análise de títulos para cargos de nível superior e prova prática para condutor socorrista.

Cadastro reserva

Outra seleção que entra no radar dos concurseiros é a do Conselho Regional de Biomedicina da 2ª Região (CRBM2), que abrange os estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. De acordo com edital, as oportunidades são destinadas aos cargos de fiscal biomédico, advogado, contador e agente administrativo. Embora as vagas imediatas estejam concentradas em capitais como Recife, Salvador,



A universidade estadual prevê jornadas de 20 a 40 horas semanais e salários que vão de R\$ 2,5 mil a R\$ 6,8 mil, conforme a titulação

Maceió e Teresina, o edital também prevê a formação de cadastro reserva para João Pessoa, em todos os cargos contemplados.

A jornada de trabalho é de 40 horas semanais para todas as funções, com salários que variam de R\$ 3,2 mil, no caso de agente administrativo, até R\$ 6,6 mil, para fiscal biomédico. Além da remuneração, os aprovados ainda terão direito a auxílio-alimentação e auxílio-transporte. Para quem está disposto trocar de cidade ou apostar em uma futura convocação, as inscrições seguem até 7 de maio e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site do Instituto Indec. As taxas variam conforme o nível de escolaridade: R\$ 125 para cargos de nível superior e R\$ 110 para médio e técnico. Já o processo será composto por provas objetiva, escrita e de títulos, com aplicação marcada para 14 de junho, nas ca-

pitais nordestinas contempladas pelo certame.

Professor substituto

Já para quem busca uma porta de entrada no ensino superior, a Uema abriu cinco editais de processos seletivos simplificados para a contratação de professores substitutos em caráter temporário. As oportunidades estão distribuídas entre os campi de São Luís, Itapecuru Mirim, São João dos Patos e São Bento, em áreas como Meteorologia,

Libras, Política Internacional, Relações Internacionais, Teoria Econômica, Economias Agrárias e Fundamentos da Educação. Segundo os editais, os professores poderão atuar não apenas na sala de aula, mas, também, em atividades de orientação, pesquisa e extensão.

A universidade estadual prevê jornadas de 20 a 40 horas semanais e salários que vão de R\$ 2,5 mil a R\$ 6,8 mil, conforme a titulação do candidato. Para participar,

acesse o site concursoseseletivos.uema.br até a próxima quarta-feira (22) e realize a inscrição *on-line*. A taxa é de R\$ 100. Sobre a seleção, os candidatos serão avaliados por meio de prova didática e análise de títulos. Vale lembrar que a avaliação será realizada no *campus* ao qual cada vaga está vinculada. Já os contratos terão duração de 12 meses, com possibilidade de prorrogação por igual período, conforme a necessidade da universidade.



Use o QR Code para acessar o edital da Uema



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura



Use o QR Code para acessar o edital do CRBM2

Biomédico expande atuação para além do laboratório

Ao fazermos um exame de sangue ou urina, quase sempre entregamos o material sem pensar muito em quem está do outro lado daquele processo. Embora isso seja compreensível, também acaba escondendo uma profissão que, até hoje, não é plenamente compreendida pelo público. Quando se fala em Biomedicina, a imagem que costuma vir é a do laboratório. Ela não está errada, mas diz pouco sobre a área. Por trás do senso comum, há uma carreira que passa por diferentes atuações e pede atualização constante para acompanhar a evolução da ciência. É partir dessa amplitude que o coordenador do curso de Biomedicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Arthur Clark, ajuda a pensar a profissão.

Segundo ele, a associação com exames laboratoriais não surgiu por acaso: esse ainda é o nicho mais conhecido da Biomedicina e, em muitos casos, a principal porta de entrada para a carreira. Mas a profissão vai muito além disso, como Arthur observa. "Algumas pessoas, por não a conhecerem direito, procuravam a área porque achavam que



Para Arthur, o maior desafio da profissão está na falta de um piso salarial regulamentado

tinha alguma relação com a Medicina e, muitas vezes, acabavam abandonando o curso", conta o coordenador, reforçando que falar sobre o que o biomédico faz é bem complexo.

Pluralidade

Hoje, existem mais de 30 habilitações reconhecidas pelo Conselho Federal de Biomedicina (CFBM), o que permite ao profissional transitar por diferentes frentes no mercado de trabalho. Para se ter ideia, além das análises clínicas, "aquela atuação

em que o biomédico é responsável pelos exames laboratoriais" — de sangue, urina, fezes e outros fluidos —, Arthur cita outras possibilidades como genética, perícia, perfusão, citologia clínica, hematologia, sanitário e estética. Não por acaso, ele observa que essa pluralidade "costuma surpreender" quando as pessoas começam a entender melhor o que faz um biomédico.

Essa diversidade de caminhos, aliás, já começa a ganhar forma ainda durante a graduação. Arthur chama

atenção para a necessidade de o estudante observar, desde cedo, "qual habilitação ele deseja seguir ao longo do curso" e, então, preparar-se para isso, uma vez que a escolha tem impacto direto na sua inserção no mercado de trabalho. Nesse sentido, o CFBM exige "uma carga horária de, pelo menos, 500 horas dentro da graduação" para a definição da área de especialização, o que ajuda a explicar o peso da formação.

Desafios

O diploma, entretanto, é

apenas uma parte dessa caminhada. Como qualquer área da saúde, a Biomedicina cobra atualização constante desse profissional, que precisa acompanhar os avanços da tecnologia e da própria ciência com determinação para dar conta das novidades. O especialista resume esse movimento: "O biomédico precisa estar sempre atualizado", acompanhando novos métodos de diagnóstico, além de doenças emergentes e técnicas novas.

Ao mesmo tempo, a variedade de possibilidades de atuação também escancara desigualdades. Um dos principais desafios apontados pelo biomédico está, justamente, na remuneração. "Nós não temos ainda um piso salarial regulamentado", afirma. Na prática, isso significa que a trajetória do biomédico pode variar bastante conforme a área escolhida. De acordo com ele, dependendo da área de atuação, "o biomédico pode receber pouco ou atingir salários altíssimos", inclusive "acima de R\$ 10 mil" em especializações mais peculiares.

Apesar desses desafios, a profissão segue atraindo novos adeptos e ampliando seu espaço tanto na iniciativa privada quanto no serviço público. Para quem sonha com essa estabilidade, o concurso do CRBM2 representa uma oportunidade concreta. No edital, há vagas imediatas em Recife, Salvador, Maceió e Teresina, além de cadastro reserva em João Pessoa, Aracaju, Natal, Fortaleza e São Luís. Para disputar, é preciso ter diploma em Biomedicina, Ciências Biomédicas ou Ciências Biológicas na modalidade médica, além de registro ativo no CRBM2, Carteira Nacional de Habilitação (CNH) na categoria B e disponibilidade para deslocamentos e atividades externas.

■ São mais de 30 habilitações reconhecidas pelo Conselho Federal, o que permite ao biomédico transitar por diferentes frentes

Selic

Fixado em 18 de março de 2026

14,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

-0,19%

R\$ 4,983

Euro € Comercial

-0,3%

R\$ 5,864

Libra £ Esterlina

-0,36%

R\$ 6,730

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2026 0,88

Fevereiro/2026 0,7

Janeiro/2026 0,33

Dezembro/2025 0,33

Novembro/2025 0,18

Ibovespa

195.733,52 pt

-0,55%

DESENVOLVIMENTO

Paraíba está preparada para reindustrialização

Projetos aprovados pela Chamada Nordeste injetarão R\$ 2,5 bilhões no estado

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Foi dada a largada para a Paraíba avançar no desenvolvimento tecnológico e reduzir as desigualdades regionais por meio de um processo de reindustrialização. Com a aprovação de 19 projetos pela Chamada Pública Nordeste – que injetará R\$ 2,5 bilhões no estado –, especialistas encaram o cenário com otimismo e acreditam que a Paraíba está preparada para aproveitar esse novo momento.

O professor e engenheiro químico da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Heleno Bispo destaca que a Paraíba já produz conhecimento, forma talentos e desenvolve soluções sofisticadas. Para ele, o desafio é “a incorporação dessas soluções pelo setor produtivo em maior velocidade e maior abrangência”.

Entenda

A Chamada Pública Nordeste é uma das iniciativas centrais da política industrial do Governo Federal, a Nova Indústria Brasil (NIB). O edital selecionou 189 projetos da região, que somam R\$ 113 bilhões em crédito para iniciativas com foco em inovação e



Foto: Roberto Queirós

Edital contemplou Projetos que promovem transição energética e descarbonização

reindustrialização, a partir de cinco eixos: transição energética e descarbonização; bioeconomia e biodiversidade; infraestrutura digital e tecnológica; modernização e mecanização agroindustrial; e adensamento das cadeias produtivas regionais. Mais de 70% das propostas selecionadas foram de micro, pequenas e médias empresas.

O fomento é possível a partir da união das seguintes instituições: o Banco do Nordeste (BNB), o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), a Fi-

nanciadora de Estudos e Projetos (Finep), o Banco do Brasil (BB) e a Caixa Econômica, todos sob a governança técnica da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e do Consórcio Nordeste.

O BNDES ainda não detalhou as áreas de atuação, as finalidades nem os municípios onde serão executados os projetos paraibanos aprovados.

Investimentos

No contexto local, especialistas e representantes do segmento acreditam que o montante destinado à Paraíba será um pontapé inicial para o processo de reduzir desigualdades regionais e ampliar os investimentos em projetos industriais. O presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FiePB), Cassiano Pereira, destaca que representa um avanço na atração de novos investimentos, mas acredita que, no longo prazo, a iniciativa precisará ser complementada. “É necessária a continuidade das políticas públicas, ampliação de investimentos privados e novas rodadas de financiamento para consolidar as cadeias produtivas”, avalia.

O professor Heleno Bispo, da UFCG, concorda que a reindustrialização efetiva depende não só de investimento, mas também da capacidade de execução, articulação institucional e competência técnica. “A Paraíba reúne essas condições. Temos base científica, experiência acumulada, parcerias qualificadas e um ecossistema maduro que vem se atualizando com consistência e visão”, constata.

A busca por uma reindustrialização efetiva não é exclusiva da Paraíba; segundo o professor e economista Geraldo Medeiros, da Universidade Federal da Paraíba, trata-se do “maior desafio da economia brasileira no século 21”. Ele defende a continuidade das políticas públicas para que o processo seja bem-sucedido. “É importante os agentes econômicos terem essa perspectiva de olhar para o longo prazo, independentemente de quem está no governo e da política partidária. É isso que a gente precisa no Brasil: termos algumas questões estruturantes que independam do governo, mas que sejam questões de Estado”, defendeu.



Foto: Arquivo pessoal

Geraldo Medeiros, professor e economista da UFPB

Inovação impulsiona atual fase do estado

Para o professor Heleno Bispo, da UFCG, a Paraíba está bem posicionada para responder a esse novo momento, com mão de obra qualificada e capacidade de atrair competências adicionais, concluindo que a articulação entre academia, indústria e governo é fundamental para que o futuro da nova etapa industrial se materialize no estado.

“O passo agora é ampliar esse movimento com continuidade, visão estratégica e cooperação institucional, aproximando cada vez mais a inovação da realidade concreta das empresas e das cadeias produtivas paraibanas. Quando academia, indústria

e governo atuam de forma articulada, o futuro deixa de ser apenas uma promessa e começa a se materializar”, diz.

O levantamento mais recente do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi), divulgado no ano passado, com dados consolidados de 2024, atesta que a UFCG é a terceira maior depositante de patentes de invenção do Brasil, com 86 registros, ficando atrás apenas de gigantes da indústria, como Stellantis e Petrobras. No mesmo ranking, a UFPB ocupa o quarto lugar nacional, com 76 pedidos. Juntas, as duas federais somam 162 patentes e colocam a Paraíba em uma po-

sição de elite em inteligência tecnológica de ponta.

O fomento à inovação consolidou-se como uma política de Estado permanente. Desde 2019, a administração estadual já investiu mais de R\$ 700 milhões em ciência, tecnologia e inovação, abrangendo desde editais de pesquisa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) e linhas de crédito para startups até obras de infraestrutura científica de relevância internacional, como o Radiotelescópio Bingo e o pioneiro Centro de Computação Quântica.

Além disso, a Paraíba abriga, segundo dados recentes

do Perfil da Indústria nos Estados, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), 11.747 empresas de perfil industrial. Esse parque fabril é responsável por empregar formalmente aproximadamente 150 mil trabalhadores e movimentar um PIB industrial de R\$ 12,6 bilhões.

Não à toa, o estado ocupou o primeiro lugar do Nordeste no Ranking de Competitividade dos Estados 2025. O resultado foi influenciado, principalmente, pela evolução no pilar de inovação, no qual registrou um salto de quatro posições em um ano, alcançando o sexto lugar no cenário nacional e o segundo no Nordeste.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Combustíveis caros refletem a economia da Paraíba

O impacto elevado dos preços dos combustíveis na economia paraibana é mais evidente nas cidades do interior, como Campina Grande e Patos. Em Campina Grande, a gasolina custa cerca de R\$ 6,09 (até R\$ 7,59 em alguns postos) e o diesel comum varia de R\$ 5,58 a R\$ 5,80. Em Patos, a gasolina oscila de R\$ 5,90 a R\$ 6,50, com valores semelhantes aos de João Pessoa (gasolina de R\$ 6,30 a R\$ 6,60; diesel de R\$ 6,00 a R\$ 6,30). Esses valores, embora inferiores à média nacional, estimada pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), entre R\$ 6,60 e R\$ 6,70 para a gasolina e entre R\$ 7,20 e R\$ 7,30 para o diesel em 2026, seguem pressionando motoristas e produtores rurais, com efeitos diretos sobre os custos de transporte, a logística, os preços ao consumidor e, conseqüentemente, limitando a recuperação da renda e a competitividade da economia local.

Em 2026, estudos de institutos econômicos e relatórios do Banco Central apontam que o aumento dos combustíveis eleva diretamente o IPCA-15 e, em seguida, o IPCA, estimulando uma escalada de preços em alimentos, materiais de construção e bens de consumo, o que reduz o poder de compra das famílias. No Brasil, a alta dependência de



A alta dependência de derivados de petróleo torna a economia vulnerável

derivados de petróleo torna a economia vulnerável a oscilações internacionais, como conflitos no Oriente Médio e instabilidade no Estreito de Hormuz. Nesse contexto, o encarecimento do diesel e da gasolina aumenta os custos de frete e impacta preços ao longo de

toda a cadeia produtiva, desde itens básicos, como o feijão, até insumos como o cimento. O resultado é a compressão das margens de pequenos e médios empresários, a redução da competitividade, maior volatilidade macroeconômica e dificuldades adicionais para a política monetária, conduzindo o Banco Central a elevar juros, restringir o crédito e desestimular investimentos.

No setor agrícola, a Paraíba enfrenta um aumento expressivo nos custos de produção, já que irrigação, maquinário e o transporte de insumos e produtos dependem diretamente de combustíveis. Apesar de a média brasileira de aumento do diesel em 2026 ser de cerca de 14,6% e a Paraíba ter registrado a menor alta nacional, o efeito se acumula ao longo do ano. Distribuidoras e postos ampliaram margens de ganho em até 103% em alguns derivados desde 2021, indicando que parte do repasse aos preços resulta também de ajustes comerciais. Para a indústria de transformação e o comércio varejista, isso significa resultados pressionados, risco de demissões e menor investimento em expansão, justamente quando o estado busca consolidar um ciclo de desenvolvimento mais sustentável.

Diante desse cenário, torna-se essencial reduzir a dependência estrutural em relação aos combustíveis fósseis e aos choques de preços, por meio da diversificação da matriz energética, do incentivo aos biocombustíveis e da eletrificação de frotas públicas e logísticas, além de investimentos em transporte mais eficiente. Também é fundamental fortalecer a produção local e a regulação, com maior transparência na formação de preços dos combustíveis, para que ganhos de eficiência econômica cheguem ao consumidor. Caso contrário, o estado permanecerá suscetível às oscilações externas, com crescimento limitado e maior impacto sobre as camadas mais vulneráveis da população.

CONSIGNADO FEDERAL

Novas regras ampliam transparência

Mudanças tornam o processo mais seguro para servidores, além de evitar fraudes ou golpes e práticas abusivas

Daniella Almeida
Agência Brasil

As novas regras para operações de empréstimo consignado com desconto na folha de pagamento de servidores públicos federais entraram em vigor na última semana. A Portaria MGI nº 984/2026 foi publicada em fevereiro, pelo Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI).

De acordo com a pasta, a revisão tem o objetivo de tornar o processo mais seguro, transparente e eficiente para prevenir fraudes, golpes ou práticas abusivas contra servidores, aposentados e pensionistas do Governo Federal.

Adicionalmente, o limite de 30 dias para acesso aos dados dos usuários pretende evitar o assédio comercial por tempo indefinido e o vazamento de informações financeiras.

Consulta

Os interessados com vínculo com o Poder Executivo Federal poderão consultar as taxas máximas de juros e demais custos e encargos praticados pelas instituições financeiras para cada modalidade de operação de consignado.

Isso permite que servidores, aposentados e pensionistas comparem, de forma justa, qual banco oferece a melhor proposta.

As informações deverão

ser disponibilizadas diretamente no Portal do Servidor ou no aplicativo SouGov.br. Para acessar, é preciso entrar com o login e senha cadastrados na plataforma Gov.br

Outros destaques

Entre os principais atuali-

zações, a nova legislação sobre os consignados com desconto em folha de pagamento do Executivo Federal determina:

- fim das autorizações genéricas. Agora, cada operação — um novo empréstimo, um saque no cartão ou uma compra específica — exigirá uma

nova confirmação direta e individualizada do servidor ou aposentado no aplicativo SouGov.br;

- controle de cartões de crédito consignado. Cada uso de saque ou transação relevante precisará de uma validação expressa;

- portabilidade de consignação: esta operação não exige a transferência de valores da conta do servidor para terceiros, por exemplo, via Pix. A portabilidade ocorre diretamente entre as instituições que oferecem os empréstimos, sem a intermediação com terceiros.

■ Portal do Servidor reunirá informações sobre taxas de juros



Foto: Carlos Rodrigo

Portaria do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos estipula que portabilidade ocorrerá diretamente entre as instituições que oferecem empréstimos

Contratação por aplicativo de mensagens é proibida

A nova legislação proíbe a formalização de contratos de empréstimo por telefone ou aplicativo de mensagens instantâneas. Também está bloqueada a emissão de cartão extras — por exemplo, para dependentes — e de derivados ou subprodutos ligados à margem consignada. O objetivo é facilitar o controle financeiro da família e evitar o superendividamento do titular.

As novas regras de empréstimo consignado ao servidor também proibiram a cobrança de taxas de serviço do cartão consignado (abertura do con-

trato, manutenção de conta ou anuidade). Outro impedimento é a cobrança de juros pelo banco consignatário sobre o valor das compras pagas com cartão de crédito, em caso de pagamento integral da fatura pelo usuário, em uma única parcela — sem entrar no rotativo ou parcelar o saldo —, na data de vencimento.

Portanto, o cartão deve funcionar como um cartão de crédito convencional. O banco somente poderá cobrar juros se o servidor optar pelo pagamento mínimo da fatura ou pelo financiamento do saldo devedor.

Descontos sindicais devem ser autorizados

Um capítulo inteiro da portaria foi dedicado aos descontos de valores por sindicatos. O desconto da contribuição sindical somente poderá ser efetuada mediante autorização prévia e expressa do empregado.

Entre as obrigações, está a notificação do servidor sobre valores registrados em folha. Com isso, será possível confirmar ou contestar cobranças, caso necessário. O servidor também poderá confirmar sua filiação ao sindicato responsável pelo desconto.

É vedado manter o desconto após o pedido de desfiliação do servidor ou após o fim do prazo da autorização de desconto do empregado.

A portaria ainda define que os sindicatos devem manter a documentação comprobatória das autorizações — física ou digital — sempre que solicitada pelo Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI).

Em caso de descontos indevidos, o sindicato deve ressarcir os valores.

Se confirmado o co-

metimento de irregularidades, como a prestação de declaração falsa, estão previstas as seguintes penalidades:

- desativação temporária do sindicato, o que impede a realização de novos descontos de valores na folha de pagamento do poder Executivo Federal, até que seja regularizada a situação;

- descadastramento: expulsão total da entidade do sistema de consignações, caso não regularizem as falhas em até 180 dias.

Penas

Entidades que fizerem descontos indevidos podem ser desativadas temporariamente, até que seja regularizada a situação, ou ainda ser expulsas do sistema de consignações

Cadastro de instituições financeiras requer novos documentos



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Certificados digitais (e-CNPJ e e-CPF) passam a ser exigidos aos bancos consignatários

A portaria do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos também atualizou a lista de documentos para o cadastramento dos bancos consignatários. Agora, são exigidos os certificados digitais (e-CNPJ e e-CPF) no padrão da Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira (ICP-Brasil).

Continuam a ser cobrados no cadastro, entre outros, a inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ); o registro do Cadastro de Pessoa Física (CPF) dos representantes legais da entidade e comprovante de endereço.

No caso de sindicatos, deve ser apresentada a ata da assembleia na qual foi deliberado o valor da men-

salidade sindical a ser descontado; a ata de posse da atual diretoria devidamente registrada; o registro sindical emitido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE); e a relação dos filiados ativos nos últimos 12 meses.

Reclamações

Caso identifique um desconto indevido, o banco consignatário será notificado para comprovar a regularidade da consignação contestada ou devolver o dinheiro descontado no prazo de até cinco dias úteis, contado da notificação, sob pena de exclusão da consignação.

O consignado (servidor) será notificado para se manifestar sobre as justificati-

vas apresentadas pelo banco, no prazo de até cinco dias úteis.

Se o governo der ganho de causa ao servidor na reclamação de desconto indevido, o banco tem, no máximo, 30 dias para devolver o dinheiro à conta original para ressarcir o prejuízo financeiro causado.

O governo pode suspender temporariamente o banco (desativação temporária) antes mesmo do fim da investigação, caso haja indícios fortes de irregularidade.

As instituições que descumprirem as regras — como prestar declaração falsa ou fazer descontos sem anuência — podem sofrer sanções, conforme cada caso.

JANELAS FOTOVOLTAICAS

Tecnologia desenvolvida na UFPB gera energia

Projeto experimental de alternativas renováveis tem apoio da Secties

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Em um cenário marcado pelo aumento da demanda energética e pelas altas temperaturas nas cidades, uma pesquisa desenvolvida na Paraíba propõe uma solução inovadora que une ciência, sustentabilidade e qualidade de vida. A solução encontrada transforma um elemento comum da arquitetura, a janela, em um sistema eficiente, capaz de gerar energia elétrica e, ao mesmo tempo, reduzir o calor nos ambientes internos.

O projeto “Desenvolvimento Numérico e Experimental de um Sistema BIPVT Ventilado Naturalmente”, do Centro de Energias Alternativas e Renováveis (Cear), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é apoiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq) e vem consolidando resultados científicos e tecnológicos desde 2022.

De acordo com a coordenadora do projeto, a professora doutora Taynara Geysa Silva do Lago, a ideia nasceu de uma necessidade. No Brasil, o setor da construção civil é responsável por cerca de 47% do consumo total de energia elétrica, sendo grande parte desse uso destinada a sistemas de refrigeração. “Nas grandes cidades, a gente tem essas ilhas de calor, que aumentam a necessidade de refrigeração. Então pensamos em formas de diminuir esse ganho de calor dentro dos ambientes”, explica a professora Taynara Lago.

Diferente dos vidros tradicionais, as janelas desenvolvidas no projeto são equipadas com células fotovoltaicas, capazes de captar a radiação solar e convertê-la em eletricidade. Além disso, funcionam como uma barreira térmica, reduzindo a entrada de calor nos ambientes internos. “Adaptamos um conceito que já é utilizado em países europeus para a realidade do verão paraibano”, destaca a pesquisadora.

Além de gerar energia e melhorar o conforto térmico, a ideia do projeto envolve sustentabilidade e economia, fazendo com que, em longo prazo, ocorra uma menor necessidade de ar-condicionado e menor impacto ambiental.



Fotos: Jélio Marinho/Divulgação

Trabalho desenvolvido na universidade tem tecnologias avançadas, ideias para fachadas de edifícios

tal. “No nosso projeto, a gente tem um viés de sustentabilidade muito forte, porque estamos utilizando uma energia renovável, que vem da natureza, que é o sol, para produzir eletricidade. Ao mesmo tempo, buscamos mitigar o ganho de calor dentro dos ambientes por meio da eficiência energética das edificações, reduzindo a necessidade de refrigeração e contribuindo diretamente para um menor impacto ambiental”, completou Taynara Lago.

Resultados da pesquisa

Os pesquisadores analisam o desempenho das janelas por meio de uma bancada experimental instalada na UFPB, construída a partir de um container adaptado e equipada com sensores e instrumentos de monitoramento. De acordo com a equipe, os resultados comprovam que as janelas fotovoltaicas reduzem significativamente o ganho de calor em comparação aos vidros convencionais. “O sistema alcançou picos de geração superiores a 90 watts por módulo em períodos de alta incidência solar”, explicou a professora.

Outro ponto importante destacado pelos pesquisadores, foi a identificação das melhores orientações para instalação. Em João Pessoa, fachadas voltadas para o leste e oeste apresentaram maior estabilidade e eficiência na produção de energia ao longo do dia. O projeto também avança na comparação entre diferentes tecnologias, como

o silício monocristalino, mais comum no mercado, e células orgânicas (OPV), ampliando as possibilidades de aplicação e inovação no setor.

Impacto acadêmico

Para além dos resultados técnicos, o projeto também impacta diretamente a formação de novos pesquisadores. A estudante Heloísa Diniz é um exemplo disso. Participando da pesquisa há dois anos, ela relata como a experiência mudou seus planos acadêmicos. “Eu entrei na pesquisa e me apaixonei. Foi um universo que se abriu. Ver que o que a gente aprende na sala de aula pode ser aplicado na prática muda tudo. Hoje eu penso em seguir para o mestrado e continuar estudando essas tecnologias”, conta.

Segundo ela, a pesquisa também mostra seu potencial de impacto social. “As

janelas fotovoltaicas são eficientes, geram energia e melhoram o conforto térmico. Isso pode ser aplicado em casas, prédios, inclusive em regiões mais quentes. É uma solução que traz benefícios diretos para as pessoas”.

Popularização da ciência

O projeto também se destaca pelo seu caráter social. Por meio de ações de extensão, os estudantes levam o conhecimento sobre energias renováveis para escolas públicas da Paraíba, contribuindo para a popularização da ciência.

“A gente trabalha não só com a sustentabilidade, mas também com um viés social. Os alunos levam esse conhecimento para as escolas, apresentando desde tecnologias mais avançadas, como as janelas, até soluções acessíveis, como fogões e coletores solares”, ressalta a professora Taynara.



São usados revestimentos especiais de células fotovoltaicas



Equipe está focada na pesquisa em desenvolvimento, que pode também gerar energia ao longo do dia

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Onde, afinal, começou o Brasil?

No próximo dia 22, comemoramos 526 anos do achamento do Brasil. Poderíamos seguir a narrativa tradicional, que situa esse momento no litoral da Bahia. Essa versão se consolidou ao longo do tempo, apoiada em documentos e interpretações de historiadores. Mas a história, como quase tudo que envolve o conhecimento humano, nem sempre é única. E é justamente nesse ponto que surgem outras possibilidades, menos conhecidas, mas não menos instigantes, que nos convidam a revisitar aquilo que acreditávamos já estar completamente definido.

Uma dessas interpretações passa por um documento conhecido como a “carta do mestre João”, encontrada na Torre do Tombo, em Portugal. Nela, há o registro de uma medição de latitude, realizada com um astrolábio náutico, indicando cerca de 17 graus ao sul, valor que coincide com a latitude da atual cidade de Porto Seguro. No entanto, não há registros consistentes que comprovem a existência desse mestre João em outros documentos portugueses.

É nesse espaço que surge outra linha de pensamento: a de que a esquadra de Cabral pode ter chegado ao litoral do Rio Grande do Norte.

Essa hipótese foi explorada por diversos autores. Câmara Cascudo já tratava do tema desde a década de 1930. Em 1965, ao apresentar o ensaio *A intencionalidade do descobrimento do Brasil*, defende que a rota de Cabral pode ter sido influenciada pelos ventos alísios, o que teria conduzido a esquadra a um ponto mais ao norte do litoral brasileiro, afastando-se da ideia de acaso.

Na mesma linha, o escritor potiguar Lenine Pinto sustenta que o verdadeiro Monte Pascoal poderia ser o Pico do Cabugi, no Rio Grande do Norte. Outro nome importante é Manuel Cavalcanti Neto, que, em *1500: de Portugal ao Saliente Potiguar*, reúne dados históricos e registros analisados na Torre do Tombo, incluindo referências do cronista Damião de Góis sobre a colocação de um marco de posse por Cabral.

O que chama atenção nessas leituras não é apenas a divergência geográfica, mas o convite a olhar o passado sob outras lentes e interpretações. É aqui que outras áreas da ciência podem contribuir de forma interessante para essa reflexão.

Se pensarmos na trajetória de um foguete da Terra à Lua, sabemos que ele não segue uma linha reta simples. Seu caminho é influenciado por forças que atuam continuamente, mesmo quando não são percebidas. Com as navegações do século XV, algo semelhante acontecia.

Mesmo sem o aparato científico atual, os navegadores observavam, experimentavam e aprendiam com a natureza. A rotação da Terra influencia os ventos e as correntes oceânicas. Esse efeito, conhecido como “força de Coriolis”, ajuda a explicar por que certas rotas seguem trajetórias curvas e não caminhos em linha reta.

Na prática, isso significa que uma embarcação não depende apenas da intenção de quem a conduz, mas também das forças naturais que atuam sobre ela. Isso se evidencia na trajetória das navegações portuguesas, que, ao longo do século XV, avançaram do Cabo Bojador ‘às ilhas de Cabo Verde’, chegaram à costa africana, cruzaram a linha do Equador, alcançaram o sul da África e, com Vasco da Gama, chegaram à Índia, até culminar, em 1500, na chegada ao Brasil. Diante disso, é difícil imaginar que tudo tenha sido apenas acaso.

E isso nos leva a uma pergunta: onde, de fato, se “descobriu” o Brasil?

Baseado numa leitura multifacetada da carta de Pero Vaz de Caminha, a nossa resposta é que foi no litoral do Rio Grande do Norte. A história é dinâmica, construída ao longo do tempo e sempre sujeita a revisões. Assim como na ciência, o conhecimento avança não apenas pelas respostas que encontramos, mas também pelas perguntas que continuamos fazendo.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB

Colunista colaborador

ERRATA

Na coluna publicada na semana passada, onde se lê “lado escuro da Lua”, o correto é “lado oculto da Lua”.

■ Células fotovoltaicas funcionam como uma barreira térmica, reduzindo a entrada de calor nos ambientes internos

VENTOS QUE SEMEIAM

Projeto muda a agricultura familiar

Iniciativa do Parque Eólico Serra do Seridó faz cultivo de subsistência transformar-se em produto de qualidade

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

O balanço hídrico negativo é uma constante histórica em Junco do Seridó, encravado no Semiárido paraibano. Sobre o relevo acidentado do Planalto da Borborema, a população moldou uma resiliência difícil, extraindo das poucas chuvas o cultivo exclusivamente de subsistência, principalmente do milho e do feijão. Mas a mesma geografia que impõe a escassez de água oferece a abundância dos ventos, hoje convertidos em matriz energética valiosa.

Atualmente, a mudança na trajetória da economia local tem gerado um retorno concreto: parte do investimento para a exploração eólica tem voltado ao chão através de projetos que buscam garantir segurança alimentar e autonomia financeira para quem lida com a terra seca. O Parque Eólico Serra do Seridó, empreendimento da EDF Renewables, opera hoje com 85 aerogeradores e capacidade instalada de 480 MW. Esse é o maior complexo da companhia na América do Sul.

Com investimento de R\$ 2,8 bilhões, o projeto abastece, anualmente, 1,5 milhão de lares. O parque eólico passou a funcionar com toda a sua capacidade em julho de 2024, e agora conclui a entrega dos projetos de agricultura selecionados em seu edital público de agricultura sustentável. A iniciativa contemplou oito projetos nas cidades de Santa Luzia, Junco do Seridó, Assunção e Salgadinho, atingindo diretamente 280

beneficiários.

Entre eles está Gilvanete Virgínia Pereira, de 36 anos. Agricultora e presidente da associação comunitária da Serra de Santana, em Junco do Seridó, ela vive com o marido e dois filhos em uma rotina pautada pelo trabalho na terra, que até recentemente oferecia apenas aquilo que só eles mesmos consumiam. Com a aprovação de seu projeto, a partir do edital, a associação adquiriu um tratorito, bomba de pulverizar, roçadeira elétrica e plantadeira. Os equipamentos chegam juntos com treinamentos técnicos e com a promessa de alterar o perfil socioeconômico dos 19 sócios que integram a cooperativa e os demais moradores das cerca de 80 famílias da localidade.

“Aí, a gente vai utilizar as máquinas mais para quando já a lavoura já tiver nascida, para fazer uma primeira limpa no meio, sabe? Já fizemos testes e tudo. Com a época de chuva agora, então, vai aumentar cada vez mais a produção, assim a gente espera”, conta a agricultora.

O maquinário chega com o objetivo de facilitar o manejo na época do plantio de produções como o milho, feijão, hortaliças e espécies frutíferas, reduzindo o esforço físico braçal que historicamente limita a expansão das roças no Semiárido. O planejamento agrícola, agora, está apenas aguardando as janelas climáticas certas. Com as ferramentas guardadas desde dezembro, a comunidade prepara-se para o momento exato para a “segunda limpa” da lavoura. Gilvanete

■ A estrutura do programa do parque eólico foi desenhada para que as soluções partissem das necessidades reais de cada localidade



O maquinário chega com o objetivo de facilitar o manejo na época do plantio de produções como o milho, feijão, hortaliças e espécies frutíferas

já vislumbra usar o tratorito para otimizar o cultivo de um hectare e meio de sua terra. Dessa vez, a produção já tem destino certo e vai além de sua própria mesa.

“Inicialmente, essa produção da gente, a gente não vendia. Ou era pra consumo próprio ou então dar aos vizinhos, os amigos quando vinha aqui, na comunidade”, relata Gilvanete. “Aí, com o projeto a gente viu que a gente poderia vender. E foi mesmo nessa época que a feira municipal da cidade voltou, que tava parada desde a pandemia. A gente deu uma parada [com as vendas na feira] porque faltou produto, também não tinha chovido ainda e, agora, a gente voltou, semana passada, de novo a vender na feira”.

Para chegar até a comunidade de Gilvanete, a estrutura do programa do

parque eólico foi desenhada para que as soluções partissem das necessidades reais de cada localidade. Segundo a empresa, o processo de capacitação incluiu módulos de agricultura orgânica familiar, produção rural, manejo de água e elaboração de projetos. Na prática, as ações dividiram-se em três frentes: criação de animais (suinocultura, avicultura e caprinocultura, com entrega de matrizes), infraestrutura hídrica (implantação de barreiros para conservação de água) e a mecanização agrícola.

“Além de contribuir com a segurança alimentar e a melhoria da qualidade de vida, a iniciativa demonstra como a geração de energia limpa pode caminhar lado a lado com o fortalecimento socioeconômico regional”, afirma Fernando Medina,

diretor de socioambiental da EDF Power Solutions no Brasil. O executivo pontua que o encerramento do ciclo de capacitação marca uma fase de “usufruto autônomo”, em que as comunidades detêm o conhecimento para seguir sem dependência externa.

Apesar desses benefícios, e de ser uma fonte de energia renovável limpa, os parques eólicos causam impactos consideráveis para quem mora próximo aos aerogeradores. Um desses impactos que tira o sono dos vizinhos dos aerogeradores é o ruído constante que eles provocam. A empresa afirma que respeita os limites estabelecidos por normas técnicas e reforça que os editais de agricultura sustentável não constituem uma compensação ambiental. Trata-se de uma iniciativa voluntária de investimento

social. No cotidiano de quem convive com as torres e seus barulhos, a percepção é de difícil adaptação. “Antes a gente tinha muitos questionamentos. Aqui na minha casa tem um [aerogerador] perto e, às vezes, as noites fazem barulho, mas a gente já está acostumado”, resigna-se Gilvanete.

Convivendo de perto com as contradições do desenvolvimento, agora, a expectativa de Gilvanete é que o novo maquinário estabeleça a produção mesmo em anos de chuvas irregulares. A meta é garantir que o sucesso do trabalho no campo resulte em algo além da sobrevivência imediata. “E que as nossas famílias aqui, da comunidade, possam ter uma renda extra para trazer o sustento para suas casas, para suas famílias”, conclui a agricultora.



As ações dividiram-se em três frentes: criação de animais, infraestrutura hídrica e mecanização agrícola



Carlos coordena o projeto social Canomama, com mulheres que venceram o câncer, por meio da canoagem



CANOA HAVAIANA

Paraíba terá representante em Campeonato Mundial

Carlos Tidy, um brasileiro radicado na Paraíba, prepara-se para um grande desafio em Singapura

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Quis o destino que o brasileiro Carlos Tidy viesse parar em João Pessoa, há quase cinco anos, inicialmente para conhecer sua sobrinha. Mas ele não veio sozinho: trouxe consigo o interesse pela canoa havaiana, que resultou na criação do projeto referente a essa modalidade em terras pessoenses, a Origens Va'a. Agora, ele se prepara para representar a Paraíba no Campeonato Mundial de Va'a Sprint, que será realizado em agosto, em Singapura.

“Comecei nesse esporte há mais de 10 anos, em Brasília, no Lago Paranoá, em um momento difícil, de depressão, ansiedade, estresse, e foi ali que eu me encontrei. Depois de entender melhor questões de técnica e a filosofia da cultura polinésia, eu comecei a estudar mais e ter mais interesse. Foi quando me convidaram para trabalhar nessa parte competitiva, onde a gente sempre ensina e aprende que vencer a si mesmo é o mais difícil”, relembra o capitão Carlos.

A Origens Va'a, administrada por ele e sua noiva, Marcela Tozzi, está localizada no Bessa e conta, atualmente, com cerca de 60 alunos. Para Carlos, essa expansão progressiva é fruto de uma relação que mescla respeito e busca pela vida

saudável por parte dos interessados.

“Quando eu vim a João Pessoa, a convite de minha irmã, para conhecer minha sobrinha paraibana, ao chegar aqui, identifiquei que não havia nenhuma base de canoa havaiana, nenhuma escola. Então fui em busca de realizar isso. Voltei para Brasília, fiz minhas malas e cheguei aqui com a canoa em cima de um caminhão e iniciamos com uma canoa lá na Praia de Tambaú. Depois de nove meses, igual uma gestação, com a ação social que a gente fez junto à prefeitura, viemos para o Bessa, que é um lugar mais tranquilo para navegação, e iniciamos o projeto social Canomama, com mulheres que venceram o câncer de mama. Hoje, já são quatro anos que a gente vem trabalhando de segunda a segunda, com várias vertentes”, explica.

“A gente vem desenvolvendo isso de uma forma muito saudável, com o apoio da comunidade. É um esporte seguro, em que a gente preza pela segurança de todos. Vivo isso há mais de 10 anos, então sempre prezamos muito essa questão do respeito ao mar, respeito ao próximo e ao meio ambiente, juntamente à cultura polinésia”, acrescenta ele.

Carlos acumula diversos prêmios, como dois ouros da Volta Ilhabela 90k

(2021 e 2024) e o vice do Brasileiro 2021; na etapa *sprint* mais recente do Campeonato Brasileiro de Va'a, realizado em Brasília, ele garantiu sua classificação à competição internacional junto ao time Noa Kongs. De acordo com ele, a preparação tem sido seguida em conjunto aos alunos da Origens Va'a.

“Quem me ajuda a treinar são os alunos. Eu digo que eu estou indo junto com eles, porque é um processo em que a gente abdica de muita coisa. O atleta não tem muitos incentivos e, nessa busca de parcerias, de apoio, patrocínio, a gente consegue se manter na liderança, por assim dizer. Essa é uma competição a nível mundial, onde a visibilidade é imensurável, então nosso principal chamado é que as pessoas se permitam conhecer algo novo, explorar melhor o nosso mar de forma segura, e quero muito representar de uma forma mais árdua o Brasil e a Paraíba”, afirma o capitão da Origens Va'a.

É uma prova curta, de muita força e sinergia entre os atletas. Cada equipe trabalha uma técnica, mas a gente também se adapta com facilidade às novas formas de trabalho. Como já tenho amizade com essa equipe, essa adaptação se torna mais fácil. Vou chegar alguns dias antes, em Singapura, para intensificar os treinamentos. No mais, a vida de atleta exige abdicar de muita coisa, então minha alimentação está regrada com o que há de melhor para manter o desempe-

nho. Treino funcional, preparação física profissional, tudo isso é fundamental. São vários pontos em que a gente vem se dedicando todos os dias para dar o melhor. E, se o sol nasce primeiro aqui, a gente também quer chegar em primeiro. Estou muito feliz e otimista com tudo isso”, acrescenta o esportista, que enfrentará em Singapura uma prova de 500 m e outra de 1.500 m.

Radicado na Paraíba, o atleta diz que encontrou no estado não apenas um espaço para desenvolver a carreira, mas também um sentimento de pertencimento que o acompanha dentro e fora das competições, inclusive no Mundial, seu próximo desafio no mar.

“Vim para cá em busca de manter um sonho e fazer o que amo. A conexão que tenho com a Paraíba e com o mar é indescritível. Esse amor só cresce e também motiva outras pessoas. A felicidade a gente encontra no dia a dia, quando faz o que gosta. Minha paixão pela cidade vai além do mar: passa pela qualidade de vida e pela receptividade que tive desde que cheguei. Me senti acolhido, construí amizades que são para sempre e, mesmo com os desafios, me sinto realizado. Hoje, me sinto muito paraibano e muito feliz com esse lugar que me acolheu”, comenta Carlos Tidy.



O capitão Carlos Tidy orienta os alunos da Origens Va'a sobre a melhor técnica para conduzir a embarcação no mar

BRASILEIRÃO

Seis jogos sequenciam a 12ª rodada

Destaques para os confrontos que envolvem Santos e Fluminense, Flamengo e Bahia, além de Palmeiras e Athletico-PR

Da Redação

Seis jogos encerram, hoje, a 12ª rodada do Brasileirão. Logo mais, às 11h, o Internacional duela com o Mirassol; às 16h, o Coritiba enfrenta o Atlético Mineiro, enquanto o Santos recebe o Fluminense; já às 18h30, o Palmeiras entra em campo contra o Athletico Paranaense, enquanto o Bragantino mede forças com o Remo. A última partida da noite será protagonizada por Flamengo e Bahia, às 19h30.

Internacional x Mirassol

O Colorado chega ao jogo com sequência invicta de cinco jogos, com três vitórias e dois empates, sendo o mais recente deles diante do Grêmio (0 a 0), no último sábado (11). Por outro lado, o time paulista vive a pior fase da temporada. São seis derrotas consecutivas no Brasileirão, e o clube está isolado na lanterna, com apenas seis pontos. A derrota de 2 a 0 para a LDU, pela Libertadores, na última rodada, diminuiu ainda mais a moral do elenco, que busca a vitória para chegar a uma posição mais confortável na tabela do certame nacional.

Coritiba x Atlético-MG

O duelo entre os times paranaense e mineiro no Estádio Couto Pereira será transmitido pela Globo e pelo Premiere. No início da rodada, as equipes eram, respectivamente, sétima e oitava colocadas na tabela, com apenas dois pontos de diferença. Enquanto o Coxa tem 16 pontos, quatro vitórias, quatro empates e três derrotas, o Galo acumu-

Líder

O Palmeiras volta a jogar em seus domínios, hoje, depois do empate sem gols contra o Corinthians, no último fim de semana, na Neo Química Arena

la 14 pontos, quatro triunfos, dois empates e cinco reveses.

A agremiação mandante chega ao embate de hoje após empate (2 a 2) diante do Botafogo na última rodada. O Alvinegro, por sua vez, vem de vitória diante do Juventude (2 a 1), pela Sul-Americana, na última quinta-feira (16).

Santos x Fluminense

A Vila Belmiro recebe o confronto entre Santos e Fluminense, que será transmitido pela Globo, geTV e Premiere. As duas equipes buscam a recuperação após tropeços inesperados no meio da semana passada.

O Peixe chega embalado após vitória diante do Atlético Mineiro, por 1 a 0, na última rodada. Mesmo assim, precisa de um novo triunfo para se afastar da zona de rebaixamento. Na última terça-feira (14), a agremiação pau-



Foto: Raul Baretta/Santos FC

Neymar, Gabigol e Luan Peres são os destaques do Santos para o confronto contra o Fluminense, hoje, na Vila Belmiro, pela 12ª rodada do Brasileirão

lista empatou em 1 a 1 com o Deportivo Recoleta, pela Sul-Americana.

Já o Fluminense tenta se recuperar após duas derrotas em sequência. Pelo Brasileirão, o Tricolor das Laranjeiras foi derrotado pelo Flamengo por 2 a 1; em seguida, foi derrotado também por 2 a 1, de virada, pelo Independente Rivadavia, pela Libertadores. Ainda assim, a equipe iniciou a rodada na quarta colocação, com 20 pontos, e busca a vitória hoje para seguir firme no G4.

Palmeiras x Athletico-PR

O confronto no Allianz Parque terá transmissão exclusiva pelo Premiere. Atual líder isolado da competição, o Verdão acumula 26 pontos e vem de um empate (0 a 0) contra o Corinthians, na Neo Química Arena; na última quinta-feira (16), bateu o Sporting Cristal, por 2 a 1, pela Libertadores. Já o Athletico-PR, por sua vez, tem 19 pontos e, na última rodada, venceu a Chapecoense pelo placar de 2 a 0, na Arena da Baixada. O Furacão vai em

busca da vitória objetivando entrar de vez no G4.

Bragantino x Remo

O Estádio Cícero de Souza Marques, em Bragança Paulista, recebe o penúltimo embate desta rodada, que terá transmissão do Premiere. O Massa Bruta chega ao jogo de hoje após vencer, na última quinta-feira (16), a equipe do Blooming, pelo placar de 3 a 2, em partida válida pela segunda rodada da fase de grupos da Sul-Americana. Pelo Brasileirão, no entanto, foi superado pelo

Cruzeiro, por 2 a 1, na última rodada.

Já o Remo vem de derrota (2 a 1) para o Águia, na última quarta-feira (15), que resultou na eliminação precoce do time na Copa Norte de 2026. Antes disso, o Leão Azul tinha empatado com o Vasco, em 1 a 1, no último sábado (11). A agremiação paraense precisa da vitória hoje para sair da zona de rebaixamento da competição, na qual acumula apenas oito pontos.

Flamengo x Bahia

O último duelo da noi-

te e da rodada contará com transmissão do Premiere. O Flamengo, que chega à partida após vitória diante do Independiente Medellín (4 a 1), pela Libertadores, busca a vitória para encostar cada vez mais no líder da Série A. Já o Bahia, que tem a mesma pontuação que o Rubro-Negro (20 pontos), chega ao jogo de hoje após bater o Mirassol na última rodada, também fora de casa. O Esquadrão quer o triunfo para conquistar vaga no G4 do certame nacional.



Foto: Rafael Rodrigues/FSC Bahia

Jogadores da Bahia na partida contra o Mirassol, em que venceram os paulistas por 2 a 1, na última rodada do Brasileirão

Jogos de hoje

■ Série A

11h
Internacional x Mirassol
16h
Santos x Fluminense
Coritiba x Atlético-MG
18h30
Grêmio x Flamengo
Cuiabá x Corinthians
19h30
Flamengo x Bahia

■ Série B

16h
Botafogo-SP x Atlético-GO
Londrina x Ceará
18h
Goias x Cuiabá
20h
Novorizontino x Athletic Club
Fortaleza x Criciúma

■ Série C

16h30
Guarani x Itabaiana
18h30
Figueirense x Botafogo-PB

■ Série D

16h
Maguary x Laguna
Central x Sousa
17h
Trezé x Sergipe

COPA NOS EUA

Bilhete de trem deve chegar a R\$ 500

Tarifa dos transportes sobre os trilhos aumentará em quase sete vezes em relação ao valor atual, que é de R\$ 64,59

Agência Estado

O bilhete de trem de ida e volta entre a Penn Station, em Nova York, e o MetLife Stadium, localizado em East Rutherford, em Nova Jersey, pode custar até R\$ 500 (US\$ 100) durante a Copa do Mundo 2026, avalia a companhia de transporte New Jersey Transit. A informação foi divulgada pelo site americano The Athletic. O estádio será palco da estreia do Brasil no Mundial, contra o Marrocos, no dia 13 de junho, às 19h (horário de Brasília).

“Os preços das passagens para viagens nos dias de jogos ainda não foram definidos e qualquer menção a custos seria mera especulação”, explicou em comunicado John Chartier, porta-voz da NJ Transit. Segundo o site americano, um representante do Comitê Organizador de Nova York e Nova Jersey manteve a mesma posição.

“Entretanto, como o governador deixou claro, o custo dos oito jogos não será arcado pelos nossos passageiros regulares. Podemos confirmar que o custo total para a agência é de aproximadamente US\$ 48 milhões (R\$ 240,4 milhões) para os oito jogos”,



Foto: Carlos Alcazar/Pixabay

Passageira aguarda a chegada do trem em estação que vai ligar torcedores à Copa

completou Chartier.

O novo valor representaria um aumento de quase sete vezes em relação ao preço praticado atualmente, que é de R\$ 64,59 (US\$ 12,90). Apesar das especulações, as tarifas do transporte sobre trilhos para o período da Copa devem ser

definidas nos próximos dias, ainda de acordo com o The Athletic.

Outras agências americanas também consideram aumentar o preço dos passagens antes do Mundial. Ainda segundo o site americano, a Autoridade de Transpor-

te da Baía de Massachusetts, responsável pelo transporte público na região de Boston, planeja cobrar R\$ 400 (US\$ 80) por bilhetes de ida e volta entre a South Station, em Boston, e o Gillette Stadium, em Foxborough, Massachusetts, nos dias de jogos.

EM 2022

Richarlison detalha depressão após a Copa

Agência Estado

O brasileiro Richarlison, atacante do Tottenham, afirmou que a eliminação da Seleção na Copa do Mundo de 2022 afetou negativamente sua saúde mental. Em entrevista à revista *France Football*, o jogador revelou que entrou em depressão após o Mundial do Catar.

“Após a Copa do Mundo de 2022, entrei em depressão. Todos os tipos de desgraças me atingiram: eliminação, traição do meu agente, problemas familiares, problemas físicos... Durante um ano e meio, sofri golpe após golpe todos os dias. Um dia, enquanto dirigia, pensei em jogar o carro contra uma parede. Hoje, quando penso nisso, digo a mim mesmo que não faz mais sentido”, disse o jogador.

Além da frustração com a queda do Brasil nas quartas de final da última Copa, nos pênaltis, para a Croácia, o jogador também teve que lidar com conflitos com seu ex-agente e uma sequência de lesões que o deixaram longe dos gramados por um longo período.

No entanto, segundo Richarlison, ter buscado terapia e conhecido a mulher contribuíram para que ele superasse os transtornos psicológicos. “Foi a primeira vez que tive que lidar com tantos problemas. Parecia um poço sem fundo. Em meio a todo aquele caos, conheci um advogado honesto, que colocou meus assuntos e bens em ordem. Trabalhei com um psicólogo e, o mais importante, conheci minha mulher”, contou o atleta, que já defendeu publicamente tra-

tamento psicológico. Nascido em Nova Veneza, no Espírito Santo, Richarlison faz questão de sempre falar sobre sua terra natal. À *France Football*, o atacante recordou alguns momentos da infância em que conviveu de perto com o crime e a violência. “Uma bala passou perto da minha cabeça. Tive medo de morrer”, disse.

Revelado pelo América-MG, o jogador ganhou projeção no futebol brasileiro durante a passagem pelo Fluminense. Após destaque na Inglaterra, no Watford e no Everton, o jogador transferiu-se para o Tottenham, onde foi

campeão da Liga Europa na última temporada

Segundo o jogador, o futebol foi primordial para que ele driblasse o contexto em que estava inserido e recusasse, inclusive, convites para praticar atividades ilegais. “Não é fácil resistir ao dinheiro fácil. Já manuseei armas, mas, graças a Deus, tive uma boa educação. Eu não queria acabar na cadeia. Alguns dos meus amigos estão mortos, outros estão presos”.

Apesar de ficar fora das últimas convocações da Seleção, Richarlison ainda sonha em ver seu nome na lista final de Carlo Ancelotti para

a Copa do Mundo 2026, que tem de ser divulgada no dia 18 de maio.

“

Uma bala passou perto da minha cabeça. Tive medo de morrer

Richarlison



Foto: Lucas Figueiredo/CBF

O atacante Richarlison ainda tem esperança de ser chamado pelo técnico Ancelotti

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Rua de Lá x Rua de Cá

Éis que o querido e perturbado(r) Felife vem com mais uma das suas no grupo de WhatsApp que reúne os amigos mais próximos dos tempos de faculdade de Jornalismo na UFPB. Dessa vez a mais importante tese irrelevante do dia é sobre os bairros de João Pessoa. “Lugares para mim que não existem: Cristo é Rangel, Jardim São Paulo é Bancários, Jardim Oceania é Bessa, Jardim Cidade Universitária também é Bancários. Cuiá para mim não é bairro. É um rio. Cidade Verde é Mangabeira. E é isso! Mudem a minha opinião”, disse o postulante a geógrafo tabajara, brincando. Porém, sério, que eu conheço a peça.

Meu amigo Felife parece mesmo que não tem o que fazer. E ainda chama os outros para que o convençam que ele está errado. Como se o restante dos integrantes do grupo “uatsapístico” não tivessem diversos afazeres mais importantes do que refutá-lo. Edgley, Coca e Iago, pais de família que são, nem responderam. Quem vai dar ouvidos a Felife e suas peripécias opinativas? Não indico!

Eu também tenho muito o que fazer, então jamais demandaria tempo para mudar a opinião do amigo Felife. Talvez, se eu tivesse uma coluna em um jornal, aproveitasse o espaço para contra-argumentar o amigo. Eu diria tanta coisa. Não para convencer alguém de coisa alguma. Só para discordar de Felife mesmo. Eu adoro discordar dele. Ainda que ele adore muito mais não concordar comigo. Mas eu não tenho tempo para isso, não.

Se eu tivesse, eu diria para Felife que alguns dos casos que ele enumerou poderiam até fazer sentido. Mas ele, como Valentinense, e eu, como nômade pessoense, não conseguimos ter a dimensão exata de poder compreender a existência ou não de possíveis identidades “bairristas” sem vivê-las. Imagina dizer que quem é de Tambauzinho é do Miramar. Ou do Expedicionários. Edgley logo pontuou, com sua calma tibetana e resposta daqui de nós, num raro tempo que teve: “Fala isso lá, e os parceiros de Tambauzinho te quebram na porrada”.

Cristo ser Rangel eu nem sei se faz sentido. Mas eu achei um sacrilégio. Agora Jardim São Paulo ser Bancários é demais. Toca o real sagrado para mim. Jardim São Paulo é um bairro, sim. Tem a sua identidade. Totalmente separada dos Bancários. No início deste século, o Jardim São Paulo era uma imensidão. Um mundo eterno a ser desbravado no auge dos meus nove anos. Eram quatro ruas eternas. Um lugar tão grande, que tinha dois times. Duas subidentidades fortes. Uma rivalidade antológica, daquelas que quem era do time da rua de cá não se misturava com quem era do time da rua de lá. As crianças de lá eram de lá. As de cá eram de cá. Nem mesmo num mundo com os diversos botões de trocas de realidades que só existem no controle remoto da infância a tuma se misturava.

Em campo, o duelo acontecia umas quatro vezes por ano: Rua de Lá x Rua de Cá. A essa altura, o leitor já deve imaginar que eu era jogador do Rua de Cá. Afinal, naturalmente, eu jamais seria do time da Rua de Lá, com aqueles meninos enjoados. Rua de Cá até morrer! Eu era o mais novo do quadro titular do time, escalado ainda com Ramon, Eric, Alyson e Rusiel. Eric era meu ídolo. Em tudo. Botei até um brinco com nove anos de idade para ser parecido com ele. Também achava lindo ele jogar. O craque do time era Rusiel. O mais velho. Era um ídolo para mim porque, com a moral que tinha, imposta pela bola que jogava e pela idade, permitia eu ser do time principal mesmo sendo uns seis anos mais novo. Mas lembro que ele tocava pouco a bola. E que isso me incomodava. Mesmo em um tempo que eu nem tinha opinião. Ou, se tinha, para o mundo, eu não tinha. Com nove anos, se existia opinião em mim, provavelmente ela era errada para os mais velhos. De modo que nem falava o que sentia. Só jogava. No entanto, cresci. E continuei tendo um tanto de desespero com quem não toca.

Não sei a razão de todos os jogos terem sido na nossa casa. No nosso campinho, que tinha um nome que eu achava magnífico: Campinho. Eles até tinham casa na rua de lá, mas os jogos eram sempre na nossa. Sou bom de memória. E nela consta que ganhamos todos os mais de 10 clássicos que aconteceram no início dos anos 2000, no campinho da Rua Lindolfo G. Chaves, entre Rua de Lá e Rua de Cá. O time deles era até arrumado. Mas nosso quadro era mesmo melhor. Sempre! O Rua de Cá do Jardim São Paulo era a minha maior identidade, meu povo, meus amigos e meus ídolos. Minha maior vontade de acordar. Era eu. Ainda sou eu. Nesse tempo eu tinha muito tempo e não sabia nem o que era Bancários. Talvez nesse tempo eu conseguisse responder Felife e mudar a sua opinião.



Jogadores do Belo vão tentar manter os 100% na Série C

SÉRIE C

Botafogo enfrenta o Figueirense

Alvinegro faz mais um jogo, fora de seus domínios, em busca da terceira vitória consecutiva na competição

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo enfrenta o Figueirense, hoje, às 18h30, no Orlando Scarpelli, em Florianópolis (SC), pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro Série C. Será o sexto encontro entre as equipes em toda a história. O duelo entre o Furacão do Estreito e o Alvinegro da Maravilha do Contorno registra duas vitórias para cada lado e um empate. A partida contra os catarinenses é a terceira consecutiva do Belo fora de casa.

O Botafogo joga com o objetivo de manter os 100% de aproveitamento. Na estreia, a agremiação venceu o Barra-SC por 1 a 0, no Almeidão. Na sua partida mais recente, o Alvinegro pessoense ganhou da Ferroviária por 2 a 0, em Araraquara (SP). Hoje, o Belo faz o penúltimo de uma sequência de quatro jogos longe de João Pessoa. A equipe já atuou contra o Sousa (Copa do Nordeste) e Ferroviária-SP (Terceira Divisão). Além dos catarinenses, atuará também contra o Itabaiana, pelo regional, na próxima quarta-feira (22).

Retrospecto na Série C

Os dois clubes jogaram uma vez pela Copa do Brasil, em 2002, quando se encontraram pela primeira vez. Naquela oportu-

nidade, o Figueirense eliminou o Belo depois de ganhar por 3 a 1. O confronto aconteceu no Estádio Almeidão. Os outros quatro jogos foram realizados pela Série C. No torneio, o Botafogo tem melhor retrospecto, acumulando dois triunfos, um empate, além de uma derrota, que ocorreu justamente no último enfrentamento entre os clubes. No dia 1º de junho de 2025, pela oitava rodada da fase classificatória, no Orlando Scarpelli, os donos da casa venceram por 1 a 0.

O adversário

Em dois jogos do Campeonato Brasileiro, o Figueirense somou um ponto. O time catarinense empatou na estreia, contra o Ypiranga (1 a 1), e perdeu por 3 a 1 para o Maringá, na última segunda-feira (13). Em 2026, o Furacão do Estreito foi rebaixado para a Série B do Campeonato Catarinense e vive uma crise histórica. O tradicional time da Região Sul jogava a elite estadual há 40 anos ininterruptamente.

O clube catarinense chega para a partida de hoje com novidade no banco de reservas. Com o técnico Márcio Zanardi demitido na última terça-feira (14), após a derrota para o Maringá, a diretoria anunciou Raul Cabral. O profissional chega do Ypiranga-RS, clube no qual estava desde o fim da temporada de 2025.

Treze

O Galo recebe o Sergipe, hoje, às 17h, no Amigão, pela Série D do Campeonato Brasileiro. O confronto é válido pela terceira rodada do Grupo A9. A partida é um teste de fogo para a equipe de Adriano Souza. Após a derrota por 5 a 4 para o Lagarto-SE, o sistema defensivo do Treze foi bastante criticado pela torcida e por parte da imprensa. Em casa, a equipe terá a oportunidade de repetir a atuação da estreia, quando venceu o Retrô por 3 a 0.

Durante a semana, o técnico Adriano Souza falou sobre essa situação e sobre o trabalho para ajustar o time como um todo, não apenas o sistema defensivo. "Vamos trazer exercícios e criar mecanismos de treinamento para buscar corrigir os erros. São as mesmas pessoas, o mesmo sistema defensivo, dentro do mesmo sistema de jogo, que funcionou perfeitamente contra o Retrô. Então, nem na vitória estava tudo correto, nem agora está tudo errado. Eu preciso entender os atletas, e eu faço isso, escuto para entender quais foram as dificuldades na aplicação do esquema", disse o treinador.

Para a partida desta tarde, Adriano Souza não contará com o lateral-esquerdo Léo Azevedo e o centroavante Dioran. O defensor sofreu uma contusão na perna esquerda, enquanto o atacante teve uma lesão na panturrilha da perna esquerda.

Será o primeiro jogo da história entre Treze e Sergipe.

Sousa

O Dino entra em campo, hoje, às 16h, pela Série D, em Caruaru (PE), no Lacerdão, onde joga contra o Central. O duelo é válido pela terceira rodada do Grupo A8, em que o Sousa está na quarta colocação, tendo três pontos somados. O Alvinegro perdeu na estreia (2 a 0), para o América-RN, e venceu o Maguary-PE por 1 a 0 na segunda rodada.

O retrospecto dos confrontos contra o adversário de hoje é favorável ao Sousa. Em seis jogos, o clube do Sertão da Paraíba nunca perdeu para o time pernambucano, tendo vencido duas vezes e empatado as outras quatro. As igualdades no placar aconteceram, justamente, nos duelos mais recentes, válidos pela Série D. Em 2025, as agremiações também estiveram no mesmo grupo. Naquela oportunidade, empataram em 0 a 0 no Marizão e em 1 a 1 no Lacerdão.

Depois da perda do título do Campeonato Paraibano, o Sousa parece viver um novo bom momento. Com Washington Luiz, o clube tem três jogos de invencibilidade. Desde a chegada do seu novo treinador, ainda não perdeu. No recorte, tem triunfos contra o Botafogo (Copa do Nordeste) e Maguary-PE (Série D) e empate com a Juazeirense (Copa do Nordeste).

Foto: Ágatha Luelma/SEC



Elenco do Sousa durante treino no Marizão para mais um jogo do Brasileiro

Das gavetas para as ruas: poesia feminina do Sertão ao Litoral

Na véspera do Dia Estadual do Poeta, mapeamos exemplos do talento das mulheres nos versos e rimas

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

“Hoje, eu escrevo para qualquer canto, menos para as gavetas”, sentença a poetisa e professora princesense Rosilene Leonardo. Desde os oito anos, quando escreveu seus primeiros textos, até a sala de aula, enfrenta desafios para firmar a sua trajetória e romper com os ciclos de violência estrutural impostos por sua condição feminina. “Hoje, eu alcanço estudantes, alcanço a mim mesma, a outras mulheres, porque também tenho um trabalho de feminismo muito forte. Eu alcanço homens, alcanço várias pessoas, mas eu não quero mais as gavetas. Eu não quero mais esconder o que eu escrevo”, completa.

As rupturas vêm desde o ambiente familiar, onde até então ninguém se dedicava à escrita, depois com um casamento violento e tóxico que, por 16 anos, a impediu de escrever ou, caso escrevesse, tinha que passar pela censura do marido. Mesmo sendo a primeira mulher da cidade de Princesa Isabel, no Sertão paraibano, a publicar um livro de poesia, ela ainda enfrenta aquele que considera seu maior desafio: a política interiorana. “A política aqui é violenta, porque, se você tiver postura política e não votar em quem está no poder, fecham-se todas as portas para você”, denuncia.

O primeiro refúgio que encontrou para dar vazão ao apreço pela poesia foi a sala de aula. Formada em Letras, Rosilene fez desse espaço seu laboratório. Como na cidade não havia espaço que reunisse os amantes da literatura, ela fazia projetos para as escolas onde lecionava, reunindo poetas locais — mulheres e homens — em busca de estimular as novas gerações para a escrita. “Eu não quero ser só ruptura, não quero ser mais a primeira mulher que lançou o livro. Eu preciso ser canal, ser a pessoa que só começou, para que venham outras”.

Os projetos escolares não foram suficientes, por isso criou um projeto chamado Mulheres que Pensam e Escrevem. Ligou para diversas companheiras que gostam de

escrever e começou a reunir um grupo. O projeto encontrou apoio, logo depois, na Academia Princesense de Letras e Artes (Apla), da qual Rosilene Leonardo também é membro.

“Nós tínhamos feito pesquisas para a academia e descobrimos que havia sido fundada aqui [em Princesa Isabel], em 1935, o Grêmio Literário Joaquim Inojosa, grande poeta e jornalista pernambucano, que estava levando para as cidades interioranas os ideais da Semana de Arte Moderna. A partir desse grêmio, do qual participaram muitas pessoas, inclusive pais de outras que nós conhecíamos, a gente resolveu resgatar o grupo. Só que a gente percebeu que só tinha homens. Como sou feminista, minha luta foi descobrir se havia mulheres que escreviam e por que elas não se apresentavam nas praças. Normalmente, elas só estavam inseridas na igreja e em casa, escreviam para as gavetas”, relata a poeta.

O grupo ressurgiu com bastante vida incentivando a participação das novas gerações, inclusive algumas ex-alunas e ex-alunos de Rosilene. As reuniões aconteciam regularmente no Palacete dos Pereiras, sede da Apla, e seus membros mostraram-se interessados em se apresentar nos saraus promovidos pela instituição, mas muitos ainda sentiam insegurança em relação a seus escritos, sobretudo as mulheres vítimas do machismo, pois não tinham espaço em casa para se dedicar à arte.

“Percebemos que precisávamos preparar essas pessoas para que elas se apresentassem no sarau maior, por isso que se chama ‘Sarauzinho’. Aí a gente começou a convidar as pessoas na escola, a comunidade externa, e começamos a fazer oficinas de escrita e poesia. Chamamos um mestre, que pode ser um dos jovens, eu ou outra pessoa, para conduzir esse momento. Levantamos temas para trabalhar o ano todo, como consciência negra, música, arte, dança e outros temas transversais”, explica Rosilene Leonardo, que, com Emmanuel

Conserva de Arruda, presidente da Apla, organizou a obra coletiva com as produções desse grupo chama-

da “Sarauzinho: a poesia do tempo”, lançada no início deste ano pela Editora A União.

A proposta de trabalho para este ano é trabalhar de forma mais sistematizada nas escolas, tanto com crianças quanto com adolescentes e jovens, utilizando-se do mapa poético, metodologia de ensino criada pela docente considerando aspectos como ludicidade e outras linguagens associadas à escrita. Num poema que fala, por exemplo, sobre feijão, frutas ou sorvete, ela apresenta esses elementos para trabalhar a criatividade, pede que os mais pequenos se expressem em cartolinas, que depois serão fixadas em uma das paredes históricas no palacete durante a visita da turma. O processo de criação vai variando conforme a idade, explorando a subjetividade a partir de uma frase, uma estrofe e, finalmente, uma poesia completa.

“Nossa maior preocupação é resgatar nesses estudantes o sentido da arte do poeitar que atravessa muitos eixos no ser humano e fazer com que eles consigam entender que ser poeta ou fazer poesia não é coisa somente de alguém famoso. É preciso trabalhar com estratégias didáticas de produção e leitura, para também conseguir quebrar o machismo, que é muito forte em todo canto, mas, em cidade interiorana marcada pelo coronelismo, é bem mais forte”, ressalta Rosilene Leonardo.

Poesia marginal

A poesia ganha contornos insurgentes na capital paraibana com o grupo Slam Subversivas, fundado em 2018 por estudantes do Campus Jaguaribe do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Isadora Palhano, uma das integrantes do grupo, conta que as batalhas de poesia falada com performance corporal, que caracterizam o slam, são realizadas mensalmente de maneira itinerante e constituem uma ramificação do hip-hop.

“O grupo nasceu para fazer com que os estudantes produzissem suas poesias e pudessem mostrá-las para o mundo. Um marco muito forte é que ele é organizado apenas por mulheres, por isso algumas edições são fecha-

das apenas para mulheres e pessoas não binárias, por entender que, muitas vezes, esse espaço do palco é reservado para homens. Então, a gente também tenta subverter essa movimentação, dando o destaque para essas outras pessoas, que normalmente não estão nos holofotes. É uma forma de democratizar a arte da palavra”, defende.

As batalhas são como saraus, que podem acontecer tanto numa praça como em algum espaço cedido em parceria, estimulados por um certo espírito de competição. O poeta inscreve-se na hora para recitar os versos, que pode ter, no máximo, três minutos, sob pena de haver desconto na nota caso ultrapasse esse tempo. Os jurados são escolhidos aleatoriamente na plateia, porque se supõe que qualquer pessoa pode julgar a poesia. Não estão em jogo critérios como métricas ou rimas e a organização do evento recomenda que os jurados não deem notas abaixo de sete, pois o intuito é incentivar os processos criativos.

Isadora Palhano começou a escrever aos 16 anos para expressar o que estava sentindo e não mostrava seus versos a ninguém. Conheceu o slam por vídeos do YouTube e passou a ouvir e decorar poesias de outras companheiras. Quando a expressão artística chegou à Paraíba, tomou coragem para recitar no chamado “Mic Aberto”, modalidade que acontece antes ou durante a edição do evento, mas sem jurados. Só depois ela começou a recitar suas próprias poesias.

“No slam não tem regra, a temática é livre, então você pode falar sobre sentimento, mas os exemplos que eu tinha me aproximaram da temática social, principalmente de questões que envolvem mulheres, o patriarcado, o machismo, o racismo, assédio etc. Foi um momento de muita descoberta, em que eu comecei a me enxergar como artista, a enxergar o meu espaço no mundo, a entender mais a fundo a produção de um evento, como é que funciona, tive mais relações interpessoais e consegui fazer muitas amizades, muitas relações com outras poetisas em momentos de intercâmbio cultural”, relata.



Hoje, eu alcanço estudantes, alcanço a mim mesma, a outras mulheres, porque também tenho um trabalho de feminismo muito forte

Rosilene Leonardo

A conquista do espaço dos palcos aconteceu aos poucos. Isadora lembra que era incomum ver alguma mulher batalhando ou se apresentando no slam. Primeiro se apropriaram do Mic Aberto, onde não existem julgamentos, e só depois enfrentaram as batalhas. No caso do Slam Subversivas, o grupo percebeu a lacuna no cenário paraibano e, considerando que sua composição era feita por mulheres que tinham um olhar mais crítico sobre as questões de gênero, resolveram adotar essa identidade.

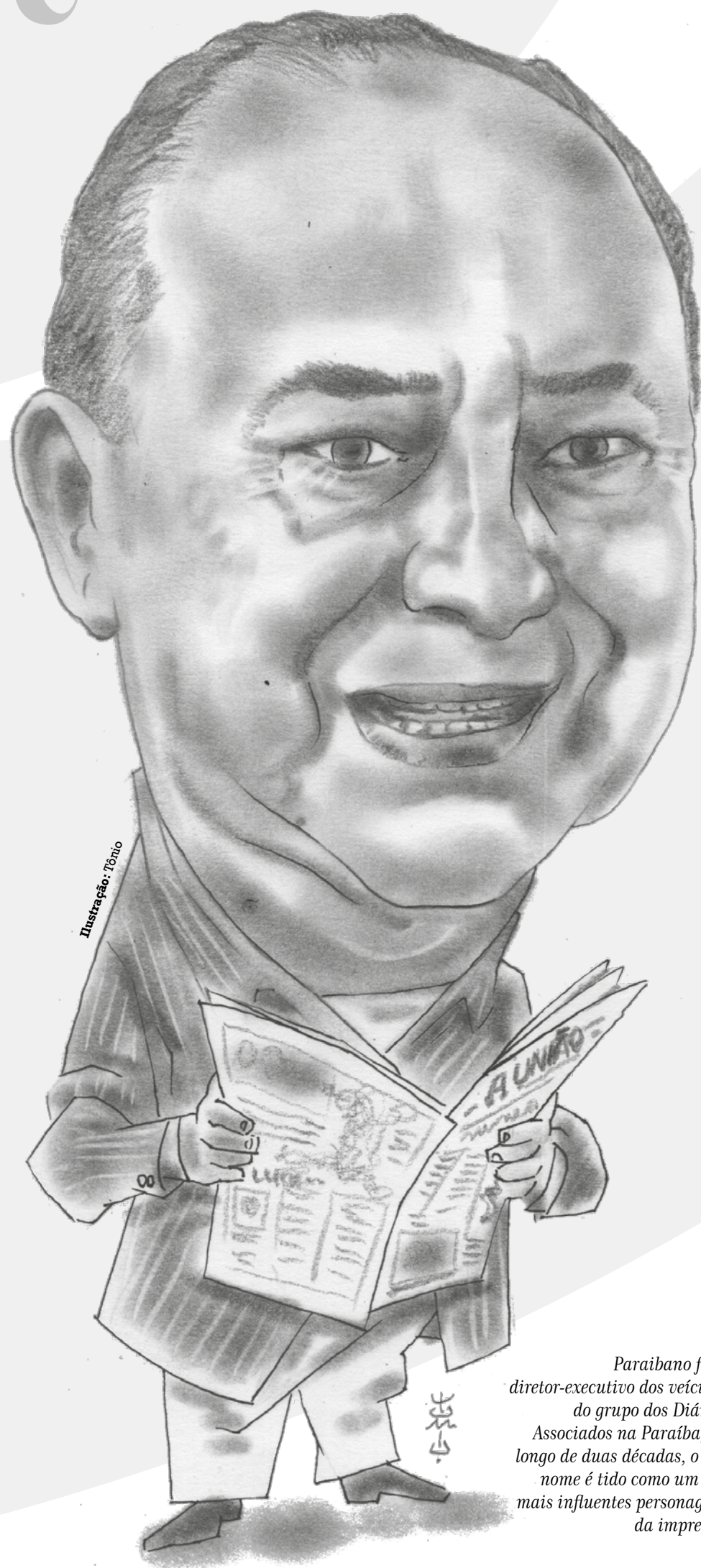
“A gente está pautando gênero quando a gente faz nossas poesias, independentemente do tema, porque, quando uma mulher está no palco ou na organização do evento, trazemos essa luta que é importante e que está no nosso nome”, enfatiza. As batalhas promovidas pelo grupo costumam acontecer no segundo domingo de cada mês, em diferentes locais, com divulgação pelo perfil nas redes sociais (@slamsubversivas).

As histórias de Rosilene Leonardo e Isadora Palhano mostram como a poesia vem ganhando novos contornos e sendo reapropriada pelas novas gerações para expressar seus anseios. Um motivo a mais para celebrar o Dia Estadual do Poeta,

instituído pela Lei nº 8.263/2007, em homenagem a Augusto dos Anjos, comemorado em 20 de abril, data de seu nascimento. A proposta da data pretende incentivar a divulgação das potencialidades dessa arte literária no estado, contribuindo para despertar novos talentos. A Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) lista, em seu calendário de comemorações oficiais, que a data é também o Dia do Escritor (Lei nº 4.541/1983).



Isadora Palhano (E) faz parte do grupo Slam Subversivas; (1) embaixo da mangueira situada no quintal da Academia Princesense de Letras e Artes, Rosilene Leonardo reúne estudantes para oficinas de escrita poética; (2) a professora Rosilene com os alunos na sede da Apla; (3) membros do Slam Subversivas no Voz & Risco, evento cultural em JP



Paraibano foi o diretor-executivo dos veículos do grupo dos Diários Associados na Paraíba; ao longo de duas décadas, o seu nome é tido como um dos mais influentes personagens da imprensa

Marconi Góes

Figura ímpar na história da comunicação da PB

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O protagonismo do jornalista e empresário Marconi Góes como superintendente de um dos mais importantes conglomerados de mídia regional fez dele uma figura ímpar na história da comunicação paraibana. Aliando investimentos técnicos e profissionais à articulação política, consolidou, ao longo de duas décadas, o seu nome como um dos mais influentes personagens da imprensa.

Marconi Góes de Albuquerque nasceu em 18 de janeiro de 1940, em João Pessoa. Com os pais, Nazário Góes de Albuquerque e Josefa Maia Góes, aprendeu desde cedo a trabalhar num fiteiro vendendo balas para auxiliar no orçamento doméstico. A sorte do garoto mudou quando o padre Pedro Serrão convenceu seus pais a levá-lo para estudar no Seminário de Olinda, em Pernambuco. Por lá permaneceu até os 16 anos, quando retornou ao seio familiar depois que seu mentor soube que o jovem havia participado de um *show* e, segundo a concepção da época, não serviria para ser padre.

De volta à Paraíba, seguiu para Campina Grande, sob a guarda de um de seus tios que era contador dos Diários Associados e o colocou para fazer alguns pequenos serviços na Rádio Borborema. Incorporado ao setor administrativo do grupo, trabalhava durante o dia e estudava à noite no Colégio Alfredo Dantas. “Papai sempre trabalhou nos Diários Associados. Quando ele tinha 20 anos foi convidado para trabalhar em Vitória, no Espírito Santo, porque ele começou a se destacar. Lá, aos 26 anos, ele passou a dirigir a TV Vitória”, relata Raquel Góes, uma de suas

três filhas com a esposa, Dizinha Góes.

Foi em Vitória, que Marconi encontrou, pela última vez, o fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, como recordou num documentário em homenagem ao também jornalista e empresário paraibano. “Ele perguntou: ‘O que você está fazendo?’. Ai, eu disse: ‘Estou implantando a televisão aqui, em Vitória’. Então, ele disse: ‘Mas guarde o dinheiro porque estes cabras daqui são sabidos’. Ele dizia isso para o próprio pessoal dele”, contou.

Em 1969, Marconi foi admitido como o mais jovem condômino dos Diários Associados, e nomeado como diretor-executivo dos veículos do grupo na Paraíba, transferindo-se para Campina Grande, onde ficava a sede do conglomerado composto pelos diários *O Norte* e *Diário da Borborema*, as emissoras das rádios Borborema e Cariri, e também a TV Borborema.

O jornalista Gonzaga Rodrigues integrava a redação de *O Norte*, veículo já consolidado no cenário da imprensa paraibana, quando Marconi Góes foi designado diretor do veículo. Ele destaca o quanto o quadro de profissionais, treinado por lideranças do jornalismo Associado, como Orlando Mota, de *O Jornal* (RJ), e Ari Cunha, editor que atuava no *Correio Brasileiro* (DF), tornou-se campo fértil para a gestão do novo administrador.

“Marconi soube multiplicar esse patrimônio, que terminou açulando a cobiça previsível do concorrente, este já agora nas mãos de dois experimentados industriais detentores da maioria acionária do *Correio da Paraíba*. Ao lado de Marconi Góes, de experiência feita, atuaram, somada aos já veteranos Evandro Nóbrega, Teócritto, João Manuel, Nathanael, Martinho, Crispim, Genésio de Souza, Barro-

sinho, Cabral e o veteraníssimo Juarez Felix, os já veneráveis de hoje, Frutuoso Chaves, Rubens Nóbrega e Abelardo Jurema Filho, quadro, com alguns lapsos assim de momento, que resultou nesse jornalismo de apuro e sensibilidade feminina que lidera, atualmente, a imprensa e a comunicação em todo o Brasil”, destaca Gonzaga.

O jornalista e pesquisador da imprensa paraibana Gilson Souto Maior, afirma que à frente dos Diários Associados na Paraíba, Marconi Góes destacou-se como o mais respeitado executivo da mídia paraibana nas décadas de 1970 e 1980, e foi responsável por mudanças nos sistemas de impressão da linotipo para *offset*.

“Adquiriu um moderno sistema que proporcionou uma grande melhoria de impressão aos veículos impressos de João Pessoa e Campina Grande, praticamente no início de sua administração. Fez investimentos consideráveis na melhoria da Televisão Borborema e das emissoras Borborema e Cariri, que lideravam as pesquisas em Campina Grande. Foi responsável pelo surgimento da segunda emissora de televisão da Capital, TV O Norte, em 1º de janeiro de 1986, cinco meses após a TV Cabo Branco, e, ainda, pela instalação da Rádio Norte FM”, escreve o pesquisador.

Recluso

O jornalista Frutuoso Chaves recorda que conheceu Marconi em 1980, quando havia acabado de deixar *A União*. Convidado pelo empresário para compor os quadros de *O Norte*, integrou a equipe como redator, sob o comando de Evandro Nóbrega, após obter a anuência de *O Globo* (RJ), do qual era correspondente contratado na Paraíba. Cinco meses depois, Chaves substituiria seu chefe na editoria

geral daquele que foi o veículo de maior circulação e influência no estado, e onde permaneceria até 1991.

“Marconi de pronto impressionou-me por sua simplicidade. Aquela simpatia, aquela afabilidade não correspondiam à figura de chefe durão e inacessível, de homem forte dos Associados, que todos faziam dele, antes de conhecê-lo. Relutei em aceitar a editoria do jornal. Intuí que o dinheiro não valeria a pena. Mas combinamos o salário e nos acertamos. Pedi carta branca para as contratações das quais eu precisava e a obtive”, pontua.

Apesar de tratar cada integrante da oficina, da Redação e dos quadros administrativos da empresa pelo nome, o dirigente regional dos Diários Associados não costumava atender prefeito e governador quando presumia suas reclamações sobre a linha editorial adotada pelos veículos sob sua direção, que incluíam além de *O Norte* e o *Diário da Borborema*, a Rádio Borborema e as TVs Borborema e O Norte.

“A secretária pessoal entrava no seu gabinete com o informe: ‘O governador está na linha. Deseja falar com o senhor’. Resposta: ‘Você disse que eu estava?’. Questão desnecessária, porque ela jamais confirmaria a presença do chefe na casa, antes de consultá-lo. Testemunhei muitas vezes o desvio do telefonema de autoridades sucessivas para subdiretores do grupo”, revela o editor, que admite os picos de mau-humor de seu superior, mas os atribui, quase sempre, à falta de pontualidade no pagamento dos anúncios governamentais.

Membro da equipe esportiva de *O Norte*, na década de 1980, Adamastor Chaves reforça os investimentos feitos por Marconi no veículo e a liberdade para coberturas, como a do amisto-

so da Seleção Brasileira realizado em 1990, em Milão, na Itália, contra a seleção de jogadores do resto do mundo em comemoração aos 50 anos de Pelé. “Ele abria muito espaço e dava condições para a gente fazer reportagens. Eu viajei pela Rádio Tabajara para transmitir o jogo dos 50 anos do Pelé, e ele abriu espaço para que pudesse fazer a cobertura para o jornal, em texto, numa época em que não era tão fácil enviar imagens”, recorda o radialista.

O magnata da comunicação paraibana não era muito acessível. Raquel conta que o pai era avesso a festas e badaladoes, e era muito recluso. “O tempo dele era dedicado ao trabalho e à família. Ou ele estava no jornal ou ele estava com a gente. As poucas pessoas que frequentavam nossa casa ainda lembram que ele almoçava e jantava assistindo as quatro televisões que viviam ligadas, cada uma em um canal diferente, para ele acompanhar tudo o que se passava”, recorda.

Em torno de Marconi Góes surgiram muitas histórias, que segundo o jornalista Rubens Nóbrega, torna-se difícil de distinguir se são reais ou não: “Dele diziam ‘de um tudo’, de bom ou de ruim. Tanto que sua figura, trajetória e carisma o elevaram ao patamar das lendas vivas da imprensa paraibana enquanto comandou os Diários Associados na Paraíba”. Conta-se que seu poder de fogo era tanto que seria capaz de derrubar governos. “Menos, menos... Chegava perto! Governador não derrubava, mas secretário de Estado... E mesmo o governante que, por qualquer motivo, se metia a encerrar a fera saía da refregenda com escoriações generalizadas”, para dizer o mínimo que diria o velho Juarez Félix da “página policial”, relatou Rubens em seu *blog*.

Marconi Góes foi testemunha ocu-

lar de um dos momentos mais tensos da história política paraibana, que ficou conhecido como “o atentado do Gulliver”. Estava à mesa, almoçando com o ex-governador Tarcísio Burity, quando o então governador, Ronaldo Cunha Lima, chegou armado e efetuou três disparos contra o amigo pessoal do empresário da comunicação. “Naquele dia, eu estive com ele e Burity minutos antes deles saírem para almoçar no Gulliver”, conta Raquel Góes.

No início da década de 1990, Marconi Góes foi destituído do cargo de diretor dos veículos e da posição de condômino. Naquela época, a jornalista Nara Valuska, que havia sido recém-contratada do periódico pessoense, assim como seus colegas e Redação, já percebiam certa desorganização da empresa, com salários atrasados, à espera de entrar dinheiro dos classificados para que fossem efetuados os pagamentos.

“Eu estava ocupando a função de coordenação de Redação no período da tarde e, de uma hora para outra, chegaram algumas pessoas para conversar com quem estava à frente da Redação, e eu era uma delas. Foi aí que a gente soube que Marconi Góes não estava mais no comando do jornal *O Norte*. Não tivemos mais contato com ele, e ficamos sob o comando do pessoal de Brasília”, relata Nara Valuska.

“Quando ele se afastou das atividades do jornal, ele continuou o jornalismo, porque a TV O Norte tinha sido uma conquista pessoal dele. A TV não fazia parte do conglomerado. Depois do acordo, foi passada a televisão para os Diários Associados e ele saiu definitivamente, passando a tomar conta das coisas pessoais”, conta Raquel. Marconi Góes faleceu em 20 de setembro de 2016, aos 76 anos de idade.

Angélica Lúcio

Violência recorrente contra a imprensa não pode ser naturalizada

Atentados, ameaças, agressões, ofensas, intimidações, injúria, censura, roubos/furtos, detenção, ato obscuro e decisões judiciais compõem o rol de ataques à liberdade de expressão no Brasil, conforme relatório divulgado, neste mês, pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert).

O Relatório da Abert sobre Violações à Liberdade de Expressão traz números de 2025, ano em que foram registrados 66 casos de violência não letal, envolvendo pelo menos 80 jornalistas e veículos de comunicação.

Ainda que tenha havido redução de 9,1% na quantidade de casos e de 5% no total de profissionais vítimas dos ataques, a estatística assusta: a cada cinco dias, a imprensa brasileira sofreu algum tipo de violência. Mais que números, por trás dos dados existem pessoas; profissionais que têm não apenas o exercício da profissão cercado, mas também a própria vida.

Paulo Motoryn foi ameaçado de morte e de violência física após a publicação de uma reportagem sobre um foragido dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. Sílvia Tereza sofreu ameaça de violência sexual após publicar uma matéria sobre o cenário político de 2026. Guga Noblat e Igor Borges foram empurrados por um deputado federal durante gravação sobre o tarifaço determinado por Donald Trump e a ocupação ilegal da Mesa Diretora do Congresso Nacional.



No relatório deste ano, foram registrados 66 casos de violência não letal, envolvendo pelo menos 80 jornalistas e veículos de comunicação

Heverson Castro e Wesley Costa foram agredidos por prefeitos, enquanto Jorge Toti recebeu chutes de um vereador. Henrique Neiva foi vítima de empurrões e chutes ao fotografar ato realizado por bolsionistas. Soane Guerreiro levou uma cotovelada na costela e precisou de atendimento médico, enquanto Débora Cardoso foi agredida com uma cotovelada no diafragma e chegou a perder o ar durante a cobertura de um protesto na Câmara dos Deputados.

Lícia Fontenelle foi ameaçada de morte enquanto fazia uma matéria em uma unidade de saúde da família. André Azeredo foi ameaçado de agressão durante reportagem sobre a morte de uma criança de dois anos por um cão pitbull. Rildo de Jesus foi ameaçado por um homem armado. Angélica Gomes foi agredida com um soco no rosto enquanto cobria um acidente de trânsito. Gustavo Ribeiro foi empurrado propositalmente por um homem enquanto participava de uma transmissão ao vivo. André Moura Muzell Faria foi agredido por traficantes armados.

Alexandre Carlos Nunes Madruga foi ameaçado de morte após denunciar um motorista que trafegava sobre a calçada. Emami Ogata, Marcelo Bonomini e Bárbara Botelho foram agredidos a pedradas. Bruno Assunção foi agredido com tapas na cabeça. Eihel Corrêa e Raimundo Feneira foram agredidos por catadores de lixo.

Widally Souza e Guilherme Goya foram agredidos por policiais militares, com golpes

de cassetete, spray de pimenta e empurrões. A violência da PM também tentou cercar o trabalho de Raimundo Carvalho e de Almir Santos, que foi agredido com uma pedrada na cabeça. Mateus Borges e Tarcísio Lima foram agredidos a socos enquanto cobriam um acidente ao vivo. Ronaldo Chaves foi agredido por um servidor municipal, com socos e um mata-leão, ficando com lesões no rosto, braço e joelho.

Jornalistas do Canal do Baldasso foram agredidos por torcedores do Inter. Duda Dalponte foi agredida por torcedores do Flamengo. Aline Gomes foi agredida enquanto comentava, ao vivo, a vitória do Santos sobre o Cruzeiro. Nani Chemello teve o fone de ouvido arrancado por um jogador do Internacional, durante a comemoração da permanência do clube na Série A. O jogador ainda intimidou a jornalista, gritando: “Fala agora, fala agora!”. A jornalista Raiana Lucas foi vítima de ofensas machistas e ameaças por parte de torcidas organizadas do Crato Esporte Clube.

Além desses, há mais e mais casos no relatório da Abert. Os atos de violência vão desde intimidações e ofensas, a agressões físicas e ameaças de morte. Envolvem não apenas repórteres, mas também apresentadores, colunistas, locutores, repórteres cinematográficos, cinegrafistas e produtores. Não podemos naturalizar tal situação. Garantir um ambiente democrático e seguro para o exercício do jornalismo é condição básica para o exercício livre da imprensa.

Tocando em Frente



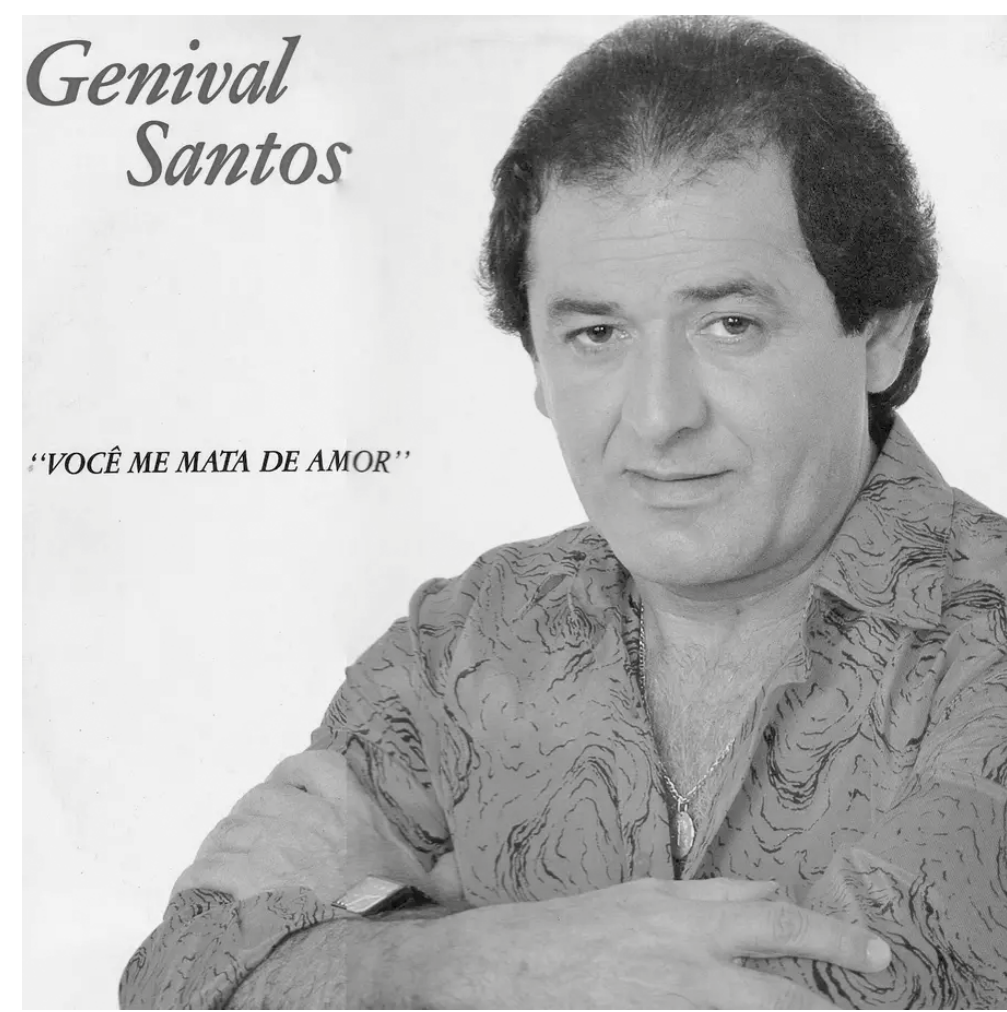
Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O romantismo brega... e por que não? — IV

Também catalogado na lista de cantores do estilo romantismo brega, Genival Joaquim dos Santos (Campina Grande-PB, 1943-Fortaleza-CE, 2014), de nome artístico Genival Santos, o cantor e compositor paraibano iniciou sua carreira musical na cidade natal, trabalhando com o Trio Nordestino, nos tempos de Ary Lobo e Genival Lacerda. O estilo ainda era o forró tradicional, autêntico arrasta-pé, na linha dos que compunham Antônio Barros e Cecéu, João Silva e Raimundo Evangelista. Do seu primeiro disco, o álbum *Morrendo de amor* (1973), consta uma faixa de autêntico pagode, partido alto, do pernambucano José Bezerra da Silva (Recife-PE, 1927-Rio de Janeiro-RJ, 2005).

Antes de seguir a carreira artística, ainda em Campina Grande, chegou a trabalhar como servente de pedreiro e sapateiro, o que não o fez desistir do seu intento.

O pontapé inicial de sua carreira nacional, certamente, deve-se às antigas apresentações que aconteciam nos programas televisivos, como o de Flávio Cavalcanti, no qual Genival Santos, em certa participação, alcançou a honrosa nota 10, que lhe foi concedida por ninguém menos do que a *socialite* Márcia de Windsor. Fato notório: naquela ocasião, a carioca Windsor chegou a afirmar que “ele [Genival] venderia mais discos no Brasil, do que Caetano e Gil”... Claro que



Produzido em 1988, Você me mata de amor é um dos 28 álbuns lançados por Genival Santos

a profecia não vingou. Naquela participação, o nosso paraibano nem sequer foi classificado. Mas, com certeza, aquela

nota 10 serviu de estímulo para que ele voltasse a se apresentar no programa de Flávio, para o que também valeram cerca

de 1.500 cartas de telespectadores assim o “exigindo”... Após interpretar o que se pode chamar de sua primeira canção romântico-brega, “Meu coração pede paz” (de Oseas Gomes), ele foi ovacionado e, ali, praticamente, ganhou o seu espaço junto ao mercado discófilo. As audições em emissoras de rádio aumentaram, e ele chegou a vender cerca de 85 mil cópias do seu primeiro sucesso no estilo que o consagraria (*LP* de 1972). O sucesso seria ainda maior, quando do lançamento do seu segundo álbum *Eu te peguei no flagra* (de 1977). Antes havia gravado dois álbuns — *Eu não sou brincado* (1975) e *Sendo assim...* (1976), sempre no mesmo estilo.

Entre outros sucessos, ressaltam-se alguns: “Livro aberto”, “Espelho fiel”, “Peço bis”, “Preciso pagar pra pensar”, “Minha Sede de Amor”, “Paz e amor”, “Vou cair na gaudaia”, “Se for preciso” e “Crucificado de amor”.

Em toda a sua carreira, Genival Santos sempre no mesmo estilo, lançou 28 álbuns (*LPs*), atingindo vendas em torno de cinco milhões de cópias.

Sua carreira musical desenvolveu-se com concentração no Nordeste, com residência fixa em Fortaleza, no Ceará, onde faleceu, vítima de câncer nos pulmões. Na capital cearense, está sepultado no Cemitério Jardim Metropolitano, no município de Eusébio, na grande Fortaleza.



Eita!!!!

“SUPERAGENT”

IA conduz conversas numa grande escala

Plataforma também lança o Superclaw, com maior eficiência no uso de memória

Agência Estado

A Gupshup, plataforma líder mundial em IA conversacional, anunciou o lançamento do Superagent, um agente de IA autônomo que conduz conversas entre empresas e clientes, em grande escala, em todos os principais canais de mensagens e voz.

O Superagent vai além dos assistentes de IA tradicionais, atuando como um orquestrador completo para experiências conversacionais. A partir de uma única interface conversacional, é possível criar e lançar campanhas, orquestrar jornadas do cliente, provisionar infraestrutura de mensagens e voz, processar transações, monitorar o desempenho e otimizar continuamente os resultados — permitindo que as empresas migrem rapidamente de intenção a receita.

Funciona em canais de mensagens populares, incluindo WhatsApp, RCS, SMS, Truecaller, Telegram, Instagram, PSTN Voice e WhatsApp Voice — na maioria dos idiomas do mundo. Você informa o que precisa; ele cuida de todos os detalhes — levando você do início ao fim do processo.

O que diferencia o Superagent é o seu profundo conhecimento do setor, enraizado na liderança da Gupshup em cPaaS e CX. O Superagent herda a robusta infraestrutura de mensagens e voz da Gupshup, construída ao longo de 15 anos, que processa 10 bilhões de mensagens por mês para 50.000 empresas em mais de 100 países, considerando as nuances

regionais e regulatórias de cada um.

Ele também aproveita estratégias comprovadas de engajamento em diversos setores e regiões geográficas, as melhores práticas específicas de cada canal e um amplo conjunto de métricas de otimização de desempenho. Essa inteligência integrada permite que o Superagent não apenas automatize fluxos de trabalho, mas também tome decisões autônomas e contextualizadas que melhoram diretamente a experiência do cliente e geram resultados para o negócio — algo que as ferramentas genéricas de IA não conseguem replicar. Isso permite que as empresas passem de conversas a conversões.

Com alguns comandos simples, o Superagent consegue configurar a infraestrutura, criar contas, construir jornadas, desenvolver agentes de IA, executar campanhas, analisar dados e se auto-otimizar de forma autônoma. Ele também entende o contexto e faz recomendações personalizadas para, por exemplo, uma *fintech* no Brasil, uma empresa de *e-commerce* nos EUA, uma imobiliária no Oriente Médio ou um banco na Índia — customizando as campanhas e as jornadas para cada uma delas. Usuários beta observaram uma redução de até 90% no tempo, esforço e custo para criar experiências conversacionais, e um aumento de mais de 25% nas conversões.

“Gerenciar conversas com clientes tem sido muito difícil por muito tempo. O Superagent não está apenas construindo os tri-

lhos para o engajamento do cliente com inteligência artificial; ele também pode operar a locomotiva. Ele atrai, atende e converte clientes de forma autônoma — em todos os canais, em todos os idiomas — sem precisar esperar que lhe digam o que fazer. Acreditamos que isso transformará o engajamento do cliente e estamos entusiasmados em colocar essa tecnologia nas mãos de nossos clientes”, disse Beerud Sheth, CEO da Gupshup.

A Gupshup está lançando simultaneamente o Superclaw — uma versão auto-hospedada e instalada no dispositivo do Superagent, construída sobre a plataforma OpenClaw, com segurança reforçada e maior eficiência no uso de memória e *tokens*.

O Superclaw roda em um computador local, mantém todos os dados de uso e do cliente privados e no próprio dispositivo, e conecta-se a canais de mensagens pessoais ou comerciais nas contas do usuário. Ele foi projetado para pe-

quenas e médias empresas que desejam executar um poderoso agente de *marketing* com IA sem custos de infraestrutura externa e para grandes empresas em setores regulamentados onde a soberania dos dados é imprescindível.

Além de utilizá-lo na *web*, os usuários também podem ativar o Superagent via WhatsApp, voz ou RCS, ou integrá-lo às suas ferramentas de IA existentes, como Claude, ChatGPT, Gemini etc. O Superagent já está disponível em versão beta.

Sobre Gupshup

A Gupshup é a plataforma líder mundial em IA conversacional, permitindo que empresas criem e implementem interações com clientes baseadas em IA em mais de 30 canais de mensagens. Com a confiança de mais de 50.000 empresas em mais de 100 países e uma rede global de mais de 3.000 parceiros, a Gupshup processa dezenas de bilhões de mensagens anualmente. Saiba mais em gupshup.ai.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Roedor noturno (2) paca + município metropolitano de São Paulo (2) = embu. **Solução:** estádio futebolístico (4) Pacaembu.

Charada de hoje: Em 365 dias (2), ela, de tão ruim (1), não soletrava (2) nada. Aquilo era uma irregularidade (6).



Ilustração: Bruno Chibossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Machado de Assis no audiovisual

Uma das figuras mais célebres da literatura brasileira, Machado de Assis ganha nova biografia escrita pelo jornalista e pesquisador C.S. Soares. Baseada em novas descobertas, a obra *Machado: O Filho do Inverno* (Ação Editora) traz, entre outras, a hipótese de que o autor pudesse estar ligado à maçonaria. Dono de algumas das obras mais debatidas de nossa literatura, o carioca também já teve suas criações transpostas para o audiovisual. Por isso, segue abaixo as adaptações de obras machadianas para mergulhar nesse rico universo. (Com Agência Estado)

Memórias póstumas (2001)

Inspirado em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o filme estrelado por Reginaldo Faria e Sônia Braga e dirigido por André Klotzel (*A marvada carne*) traz o protagonista revisitando os fatos de sua vida na tentativa de se livrar do tédio da eternidade. Boa parte do texto do filme é retirada integralmente do livro de Machado. Recebeu cinco Kikitos no Festival de Gramado. Onde assistir: disponível para aluguel.

A cartomante (2004)

Baseado no conto homônimo, o filme acompanha Rita (Deborah Secco), que se apaixona por Camilo (Luigi Barricelli), estando noiva do melhor amigo dele, Vilela (Ilyá São Paulo). Diante de um dilema, ela resolve consultar uma cartomante para decidir o que fazer de seu futuro. O elenco tem também Giovanna Antonelli, Silvio Guindane e Mel Lisboa. Onde assistir: Looke.

Capitu (2008)

A minissérie inspirada em *Dom Casmurro*, feita em homenagem ao centenário da morte de Machado de Assis, conta a história de Capitu e Bentinho em dois tempos. Leticia Persiles e Maria Fernanda Cândido interpretam Capitu, enquanto César Cardadeiro e Michel Melamed vivem Bentinho. Onde assistir: Globoplay.

A comédia divina (2017)

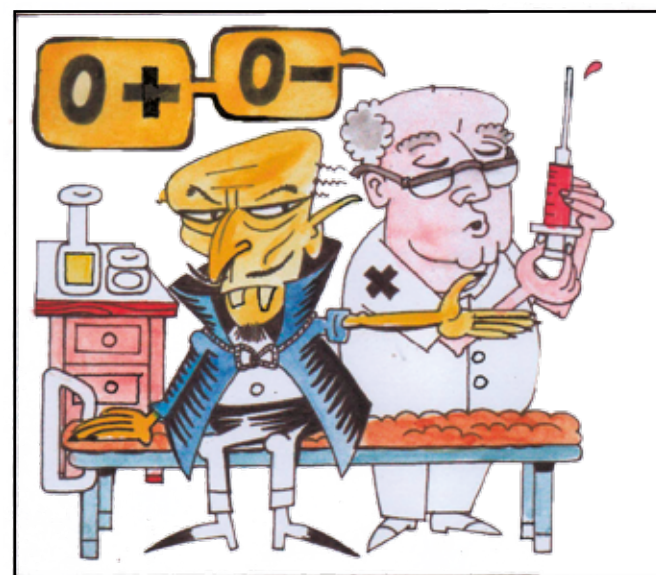
Baseado no conto *A igreja do Diabo*, o filme é uma comédia que traz Monica Izzi no papel de uma jornalista recém-formada, que é contratada para apresentar um programa de TV em crise. Sua sorte no programa vira quando o próprio Diabo começa a usar a televisão para propagar uma nova igreja, que ele veio à Terra para criar após ficar exausto da sua própria falta de popularidade. Onde assistir: disponível para aluguel.

Capitu e o capítulo (2021)

Adaptação mais livre de *Dom Casmurro*, o filme de Júlio Bressane é uma espécie de ensaio que não se prende aos moldes literários. No formato de capítulos curtos, o longa desvela o ciúme obsessivo de Bentinho (Vladimir Brichta) e a complexidade de Capitu (Mariana Ximenes), mais focado na atmosfera psicológica e na dúvida. Onde assistir: Telecine.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - ponto de sentença; 2 - gavel; 3 - dente do vampiro; 4 - "0+"; 5 - camisa do médico; 6 - orelha; 7 - tróvão; 8 - cabelo; 9 - pé da cama.

Às portas do segundo tempo do jogo da vida

Com a longevidade da população brasileira crescendo a cada ano, o que fazer quando o período de transição entre a idade adulta e a velhice está se aproximando?

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A longevidade da população brasileira deu um grande salto nas últimas nove décadas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que a expectativa de vida teve um aumento de 31 anos no período. Quem nasceu em 1940, viveria, em média, até os 45 anos, enquanto os nascidos em 2024 devem ultrapassar os 76 anos. Essa projeção vem se tornando visível no número crescente de idosos, que, segundo levantamento do mesmo instituto, ultrapassou pela primeira vez o número de jovens no país: nas duas primeiras décadas do século 21, a proporção da população brasileira com 60 anos ou mais quase duplicou, subindo de 8,7% para 15,6%.

Esse cenário tem colocado o tema da velhice como preocupação tanto dos governos, com políticas públicas voltadas para essa população, quanto dos mercados, que buscam alcançar essa nova fatia de consumidores. Pouco é tratado daqueles que se aproximam dessa fase da vida, os chamados “envelhecetes”, termo criado pelo sociólogo Manoel Berlinck para se referir a uma etapa específica entre a idade adulta e a velhice, situada dos 45 aos 65 anos de idade.

Do mesmo modo que mudanças sociais e econômicas impulsionam a reflexão em torno de que a segunda década de vida tratava-se de um período específico, a adolescência, que marca a transição entre a infância e a idade adulta e caracteriza-se por intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais, a ideia da envelhecimento pretende demarcar o período de transição entre a idade adulta e a velhice.

Para a professora aposentada e idealizadora do Instituto Vida Conecta 50+, Dilma Brasileiro, essa etapa da vida pode ser comparada a de uma cobra que se recolhe para mudar de pele. O grande perigo, segundo ela, é atribuir ao indivíduo questões próprias desse período, já que não existe um modelo socialmente construído de vivência dessa etapa que antecede a velhice.

“Pela primeira vez na história da humanidade, a gente vive tanto. Por isso, a gente tem que ressignificar esse segundo tempo do jogo da vida. Existem muitos problemas das pessoas não se encontrarem. No script da vida, não tem um lugar para o envelhecete. Tem para o idoso, mas eu não me sinto idosa. Tem para o adulto, mas eu também já não sou mais adulta. E onde é que eu me encaixo? É aí que vêm todas as reflexões, que muitas vezes leva à ansiedade ou à depressão. E a pessoa fica nesse limbo, querendo se encontrar”, ressalta a pesquisadora, autora do livro *Os tempos dos envelhecetes e idosos*.

Como não é possível determinar uma idade exata para o início desse processo, alguns sinais do corpo e da mente ajudam a identificá-lo. As primeiras rugas, a flacidez de parte do corpo e o cansaço ou a dificuldade em permanecer bem na manhã do dia seguinte, após ficar acordado até altas horas

da noite, são alguns dos alertas físicos. Percebem-se, também, mudanças nas relações emocionais e diminuição da participação nos círculos sociais, até então mais frequentes. Transição de carreira, mudança de papéis familiares e até fim de relacionamentos amorosos acontecem com frequência nessa fase, na qual muitos valores são redefinidos.

Se não existem parâmetros sociais voltados para esse público em crescimento, o mercado cria modelos para viver essa idade priorizando o consumo. O envelhecer passa a custar caro, quando na verdade deveria estar associado a um modo simples de vida e uma alimentação natural, por exemplo. De olho na estabilidade financeira de um percentual dos envelhecetes, o mercado investe em produtos que atendam às preocupações desse público com a saúde e a perda da autonomia na velhice.

Quais os desafios enfrentados pela geração dos envelhecetes? Como o modelo de velhice construído socialmente impacta nessa etapa da vida? Que relação ela mantém com a forma, própria da modernidade, de

organizar o tempo? Como se preparar bem para a chegada da velhice tanto psíquica quanto emocionalmente? Se repensar a vida é algo próprio dos envelhecetes, pensar essa etapa da vida torna-se ainda mais fundamental.



Arte do cartaz do documentário *Envelhescência* (2015), dirigido por Gabriel Martinez. Segundo o IBGE, nas duas primeiras décadas do século 21, a proporção da população brasileira com 60 anos ou mais quase duplicou, subindo de 8,7% para 15,6%

AUTOCONHECIMENTO

Tempo precisa ser ressignificado

Visão que associa velhice com decadência precisa ser mudada, reivindicando o bem-estar, a saúde e a autonomia

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Há três anos longe das atividades no Departamento de Educação Física, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde desenvolvia projetos e pesquisas, desde 2008, sobre envelhecimento humano, a professora Dilma Brasileiro está longe de pendurar as chuteiras ou se contentar em estar como reserva no jogo da vida. Para ela, a aposentadoria, uma das etapas pelas quais passam os envelhecidos, representou apenas uma mudança de campo — da academia para a chamada “economia prateada”. A partir de seus estudos, a especialista em envelhecimento e lazer idealizou o Instituto Vida Conecta 50+, onde são oferecidas atividades diversas voltadas para essa parcela cada vez mais crescente da população.

Para Dilma, é preciso modificar a visão que associa velhice com decadência e reivindicar sinônimos como bem-estar, saúde e autonomia. É nesse contexto que ela propõe experiências que ressignifiquem a vida das pessoas 50+ a partir da convivialidade e do compartilhamento de conhecimentos entre os que passam por essa fase de transição entre a idade adulta e a velhice, que pode até ser comparada à adolescência, mas possui características e momentos bem distintos.

Ao contrário do adolescente, que não tem a finitude da vida em seu horizonte, o envelhecido tem consciência de que se aproxima da última etapa, aspecto fundamental para pensar essa fase de mudanças. “Nas questões biológicas, o adolescente tem muitas transformações hormonais; quando a gente pensa no envelhecido, as questões hormonais

também estão muito presentes, só que ao contrário, influenciando toda a psique, a parte mental, emocional e fisiológica da pessoa. O adolescente está na fase de construir sua *persona* para se apresentar ao mundo, definir os papéis sociais que vai assumir. Quanto ao envelhecido, ele está revisando tudo isso e, ao invés de querer se projetar para o mundo, ele olha para o mundo que já projetou e quer saber quem ele realmente é depois de tudo que passou, depois de todos os papéis sociais que assumiu, como mulher ou homem, como mãe ou pai, como profissional... tudo isso passa a ser revisado”, explica a pesquisadora.

A ausência de modelos para viver esse período de transição, que até bem pouco tempo nem existia, tem provocado muitos desafios. Não são raras as crises de identidades, capazes de desencadear questões mentais como ansiedade e depressão, ainda que não seja possível atribuir à envelhecimento sua única causa. Para Dilma Brasileiro, um dos pontos centrais a se refletir é a mudança na relação com o tempo, que impacta na relação que se tem com a própria vida.

“A questão é o que eu faço com esse segundo tempo do jogo da vida, que é como eu chamo. Minha vida é um jogo e tem dois tempos. O primeiro tempo é esse que a gente viveu e o segundo tempo a gente está começando agora, e ele precisa ser ressignificado. Não existe fórmula para dizer que você vai se comportar assim ou que você tem que fazer isso, porque a gente está falando de histórias de vidas. Então a orientação é que a pessoa se autoconheça e descubra qual vai ser o seu caminho dali para a frente”, argumenta.

Conceber a existência dessa etapa torna-se fundamental para que os desafios enfrentados pelos envelhecidos não sejam compreendidos como pessoais, mas como próprios dessa fase, que também se constrói socialmente. Nesse sentido, é preciso recusar a visão negativa de velhice da sociedade moderna, que associa o que é velho àquilo que não possui mais uso, a algo que está caindo aos pedaços ou não tem mais vida. Ela alerta que estereótipos difundidos em provérbios, como o que diz que “pagaio velho não aprende a falar”, já não fazem sentido, pois a neurociência tem demonstrado que, quando há estímulo, novas sinapses são criadas no cérebro, permitindo não só o desenvolvimento cognitivo para aprender um novo idioma, como também exercitar nova competências corporais e emocionais.

“Quando uma casa é bela e que já tem algum tempo, a gente nunca diz que ela é velha, diz que é uma casa antiga. Por isso, adotamos o termo ‘idoso’ para se referir a uma pessoa que está numa outra fase da vida, na última fase da vida, mas ainda está na vida. O conceito do envelhecimento precisa compreender que é uma fase que está se alargando, por isso é importante o autoconhecimento”, enfatiza a pesquisadora.

Lazer eterno?

A seletividade, processo que se consolida a partir das experiências vividas, é uma das características dos envelhecidos que precisa ser considerada como ganho. Se na juventude a busca pela experimentação de ambientes e relações tem como fim o poder de discernimento, na maturidade essa competência tende a se tornar mais tranquila. Não se aceita, por exemplo, qualquer convite ou qual-

quer tipo de relação, razão pela qual muitos relacionamentos amorosos são revistos. Há um processo de avaliação mais criterioso tanto para sair de casa e participar de uma festa como para cultivar novas relações.

Ser seletivo, no entanto, não quer dizer buscar o isolamento social, comportamento que se tornou ainda mais recorrente após o período pandêmico e tem afetado especialmente os envelhecidos. A questão se agrava ainda mais porque é nesse período da vida que os envelhecidos se veem diante da mudança do tempo de trabalho — sobre o qual se estrutura grande parte da vida humana — para o tempo do lazer — idealizado pela aposentadoria. Dilma Brasileiro relembra que se estuda para ter uma profissão, e essa exigência é imposta também para a constituição de uma família. Mudanças de cidade e relações de amizade também ocorrem a partir do trabalho, tanto que há um certo medo da aposentadoria pelas perdas de vínculos sociais. O cerne da questão está, segundo a pesquisadora, na forma como a sociedade industrial se organizou, dividindo o tempo de trabalho e de lazer.

“Nossa vida foi estruturada com tempo de trabalho e tempo livre. Dentro do tempo livre, a gente tem um tempo de lazer. Durante a semana, se trabalha a maior parte do tempo, porque o trabalho é o centro da vida, e, no fim de semana, se descansa ou tem algumas atividades de lazer ou atividades sociais. A mesma coisa vai acontecer ao longo do ano: trabalha-se 11 meses para ter um mês de tempo livre. A mesma coisa acontece ao longo da vida, num macrociclo, no qual se estuda, trabalha e se aposenta. E, ao se aposentar, a ênfase é o lazer eterno”, explica.

Apesar das reconfigurações provocadas pelos avanços sociais e tecnológicos, as atuais gerações de envelhecidos ainda seguem esse modelo, enfrentando dificuldades com a chegada da aposentadoria. Tudo porque o lazer foi concebido a partir do trabalho. “É igual o dia à noite. Se eu tiro a noite, o dia vai junto. Se eu tiro o trabalho, esse momento de lazer eterno perde o sentido. É aí esse encanto do lazer, o sonho de se aposentar e ficar viajando o tempo todo, se torna uma ilusão”, exemplifica a professora.

Uma das possibilidades que ela sugere para superar essa dicotomia seria adotar modelos flexíveis de aposentadoria, como a redução voluntária e gradual da carga horária de trabalho. Outro estímulo interessante é o trabalho intergeracional, de colaboração e aprendizado entre pessoas mais jovens e os que estão entrando na velhice. Em qualquer dos casos, a principal orientação da especialista é a busca do autoconhecimento. Apesar da existência de alguns padrões sociais, é muito importante olhar para si e considerar a própria história de vida.

“Como é que eu me reconheço enquanto envelhecido? Quais são as coisas que eu preciso trabalhar para que esse envelhecimento seja um viver bem? Essas reflexões são muito importantes. Eu sempre digo: não existe receita, não existem ‘três passos para ser feliz’. A gente só se descobre quando está na relação com o outro e com formas de arte, como, por exemplo, a leitura, o cinema, e essa fase de ser envelhecido é muito propícia para pensar o viver, a finitude da vida e como tirar melhor proveito dela, que está chegando ao fim”, recomenda Dilma Brasileiro.

Foto: Leonardo Ariel



A partir dos estudos sobre o envelhecimento e lazer, a pesquisadora, professora e escritora Dilma Brasileiro idealizou o Instituto Vida Conecta 50+, onde são oferecidas atividades diversas voltadas para essa parcela cada vez mais crescente da população

PESOS DIFERENTES

O que faz parte do processo da seletividade socioemocional?

Método permite à pessoa que está no processo de envelhecimento avaliar as relações, os conflitos e os vínculos que deseja cultivar

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Alguns estudiosos preferem não utilizar o termo “envelhecimento” seja pela referência ao tempo da infância ou pela associação ao sentido de “velho” consolidado socialmente, mas não discordam da existência de uma fase específica que antecede os 60 anos, que caracteriza a pessoa como idosa. A professora Josevânia Silva, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vem pesquisando esse público desde seu mestrado e atua com projetos de difusão do conhecimento sobre práticas de longevidade.

“A gente está falando de pessoas adultas com disposição, com projetos de vida, se envolvendo em novos relacionamentos e resignificando a própria vida. Não há um consenso, porque, às vezes, o termo ‘envelhecimento’ dá essa ideia de não assumir efetivamente o processo de maturidade próprio dessa etapa, de fazer um balanço da vida, de avaliar o que eu tenho, o que é possível e o que eu ainda quero”, explica a psicóloga, destacando os pesos da balança são bem diferentes dos utilizados na adolescência.

Esse processo, que alguns costumam chamar de “seletividade socioemocional”, permite à pessoa avaliar as relações, os conflitos e os vínculos que deseja cultivar. Josevânia Silva recorda que é comum ouvir dos que estão nessa idade que não querem se desgastar muito, atitude fruto de um processo de amadurecimento baseado nas decisões que já tomou ao longo da vida. No campo socioafetivo, ela aponta alguns dos desafios mais latentes, sobretudo para as mulheres, tanto nas relações familiares como nas de amizades: “Há mulheres que estão, ao chegar aos 50, encerrando relacionamentos de décadas e iniciando outros. Nessas horas, os vínculos de amizade são um suporte. A gente tem visto, hoje, um movimento de mulheres que se organizam para morarem próximas umas das outras, em casas ou condomínios. A convivência com os filhos e o envolvimento afetivo com seus parceiros mudam. Elas passam a pensar se estão com alguém que, de fato, possa acrescentar à sua vivência, ao seu bem-estar”.

Envelhecimento heterogêneo

A especialista alerta que marcadores sociais e de gênero precisam ser considerados para se compreender as particularidades do envelhecimento. No caso das mulheres, elas passam pela perimenopausa, período que antecede a menopausa e é marcado pela oscilação e declínio dos hormônios como estrogênio e progesterona, que repercutem em questões subjetivas, como identidade e papel social. A cobrança pela estética é diferente entre

homens e mulheres, por exemplo. No quesito amizades, apesar de os homens terem mais facilidade para manter os vínculos de amizade, eles sentem dificuldade nas relações com suas parceiras e com as suas famílias.

“Há estudos apontando que há uma associação direta entre a qualidade dos vínculos afetivos e emocionais e as consequências disso para o bem-estar não só mental como físico. E, quando eu falo de qualidade, eu não estou falando do tempo nem do tipo de vínculo. Pode-se ter muitos parentes e muitos filhos, mas isso não faz necessariamente a pessoa se sentir emocionalmente segura. É nessa fase que, de fato, isso pesa muito na balança e são comuns questionamentos como: Quais vínculos eu quero? O que eu quero cultivar para a minha vida, não mais para aparentar ter muitos amigos, e sim relações significativas?”, exemplifica a docente.

Esse processo de resignificação, próprio do desenvolvimento humano, envolve tanto as relações afetivas quanto profissionais. É comum a transição de carreira nessa idade ou a revisão dos projetos de trabalho. Quando chega a apo-

sentadoria, por exemplo, repensar o próprio ambiente doméstico, que não era usufruído integralmente ao longo do dia, passa a ter sentido. Apesar disso, as estruturas e condições de vida, assim como os contextos específicos familiares, podem comprometer esse período de reflexão. Essa questão recai, sobretudo, sobre as mulheres que se dedicaram muito ao cuidado da casa e dos filhos, e tiveram poucas oportunidades de desenvolver a própria renda e, portanto, de investir na própria aposentadoria, impedindo-a de tomar determinadas decisões quando chega aos 50 ou 60 anos.

“Na psicologia, a gente diz que o envelhecimento é heterogêneo, pois não tem uma única velhice, mas várias velhices. Temos pessoas com 50 ou 60 anos que agora estão viajando, aprendendo outro idioma, fazendo música. Para outras pessoas idosas, a ideia da avosidade, a experiência de ser avó, se tornou algo compulsório, pois ela é obrigada a assumir isso com o pouco da sua aposentadoria que iria para a sua manutenção e a dos filhos, e agora passa a ser para os netos. Então, aquilo que era para ser bom e agradável passa a ser uma obrigação. São vivências completamente diferentes, e isso está muito ligado às condições de vida de cada pessoa”, enfatiza Josevânia Silva.

Nos atendimentos clínicos e investigações, a especialista identifica

também a dificuldade em se perceber subjetivamente com uma idade próxima da velhice. Muitos que estão chegando aos 60 anos relatam se identificar muito mais com uma fotografia antiga do que com o reflexo do espelho. Não se reconhecem envelhecendo porque a mente continua ativa e sendo produtivos, apesar de sentirem a diminuição do ritmo com que fazem as coisas habituais.

“Tudo passa pela resignificação do próprio processo de envelhecimento em razão do seu potencial. Se a gente observar, a maioria dos gestores e dos políticos, o próprio presidente da República, são pessoas idosas. Temos artistas incríveis que são idosos, como Elba Ramalho e Geraldo Azevedo. Mas parece que vemos somente o artista. São pessoas 60+, mas por que a dona Maria é idosa e não a sua profissão, o seu trabalho, o seu engajamento comunitário? Precisamos trabalhar o medo de envelhecer e assumir que existe todo um potencial que faz parte da velhice”, argumenta.

Cuidar da saúde mental nessa etapa da vida é essencial, e o sinal de alerta dado pela profissional para buscar ajuda é quando se começa a sentir tristeza e a falta de “apetite pela vida”. Acordar sem vontade de fazer aquilo que gostava, choro sem causa aparente, silenciamento ao longo do dia, alterações no apetite e no sono são alguns dos indicativos que merecem atenção. “Sofrimento psíquico não é coisa da idade, de nenhuma idade. Então, a gente tem que quebrar esse mito”, reforça Josevânia Silva.

Para a pesquisadora, é preciso olhar a velhice como lugar de potência, de criatividade, de vivência e de engajamento. Não se trata de romantizar esse período da vida, reconhecidamente marcado por mais limitações físicas em alguns aspectos, mas de reconhecer os ganhos com a longevidade. Compreender o envelhecimento como um processo que tem início desde que nascemos é essencial para os que se apro-

Muitos que estão chegando aos 60 anos relatam se identificar muito mais com uma fotografia antiga do que com o reflexo do espelho

Foto: J. Florio/Estadão Conteúdo

ximam. “Não o tem como chegar à maturidade sem ter passado pela infância, pela juventude e pela vida adulta, sem longevizar. Eu gosto muito da expressão ‘longevidade’, porque ela está muito mais associada a um processo de desenvolvimento humano e não apenas de declínio. As pessoas idosas estão avaliando agora muito mais positivamente a vida do que as pessoas mais jovens, porque elas olham com um filtro do passado, de quem já viveu tanta coisa e agora chega a dizer que está até melhor”, completa a professora.

Números no Brasil e no mundo



Eu gosto muito da expressão longevidade, porque ela está muito mais associada a um processo de desenvolvimento humano e não apenas de declínio

Josevânia Silva

LONGEVIDADE

Dilemas trazidos pela expectativa de vida

Além da faixa etária, é necessário considerar aspectos históricos, sociais e individuais, bem como as experiências passadas e as expectativas futuras em determinado contexto sociocultural

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Alongar a vida não significa apenas acrescentar anos à existência. O aumento da expectativa de vida traz consigo dilemas pessoais e também culturais, pois demandam reconfiguração de estruturas consolidadas socialmente como as relações com o corpo e o trabalho, a família, a política e o Estado. Historicamente, as diferenças etárias receberam variados significados ao longo do tempo, segundo as particularidades das culturas.

Já na Antiguidade Clássica, muitas civilizações atribuíram à velhice um lugar de honra, associado à sabedoria e ao respeito, tanto que chamavam os de idade avançada de “anciãos”. Desde Sêneca e Cícero até a contemporaneidade, pensadores ocuparam-se em equilibrar as perdas e ganhos do corpo e da mente nessa etapa da vida. O papel de destaque foi sendo diminuído e até ridicularizado com as transformações políticas e econômicas, marcadamente com a segunda Revolução Industrial, quando o dever de produtividade e criatividade coloca de lado aqueles que apresentam perdas físicas e o envelhecer ganha ares de dramaticidade.

As transformações ocorridas ao longo dos séculos 18 e 19 na medicina substituíram a compreensão das doenças vinculadas às forças cósmicas ou divinas pela deterioração dos tecidos e órgãos do corpo, de modo que o envelhecimento corresponderia a um processo de morte. As preocupações clínicas com esse grupo populacional introduzidas no início do século 20 com a geriatria foram fundamentais para delinear a velhice no campo científico. Na

segunda metade do século passado, ideias como idade de ouro e solidão associadas a esse período da vida ganharam força, assim como ações sociais como os centros de convivência para aquela que passou a ser chamada de “terceira idade”. Mais recentemente, o crescimento do número de idosos no mundo e da expectativa de vida das populações tem reacendido o debate em torno não só da duração da vida para além do normal, como também do modo como vivê-la.

“O aumento da chamada ‘longevidade’, que vem se constatando nas últimas décadas, muda padrões de estética, como se observa em produtos e serviços para esse público específico, assim como a concepção de bem-estar, que considera aspectos tanto físicos quanto mentais e emocionais, abrindo espaço para projetos de vida inovadores. Mas é preciso considerar que a responsabilidade pelo envelhecer não é apenas de quem envelhece, e sim de todos que estão no seu entorno: da família, da sociedade, do Estado”, explica Edilza Detmering, doutora em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com investigação na área do envelhecimento humano.

A pesquisadora alerta que a ideia de uma aposentadoria ativa, por exemplo, não pode existir sem que haja políticas públicas capazes de alcançar a população que vai avançando no curso da vida, termo utilizado pela Antropologia para criticar a noção de ciclos associados a um conjunto fixo de atributos inatos e imutáveis segundo a idade. O curso da vida aponta para um processo gradual que, para além da faixa etária, considera aspectos históricos, sociais e in-



Foto: Arquivo pessoal

A gente precisa ter em mente que não existe um corte abrupto na linha do tempo, como se hoje eu fosse uma mulher madura e amanhã, ao completar 60 anos, acordasse idosa

Edilza Detmering

dividuais, experiências passadas e expectativas futuras em determinado contexto sociocultural.

“Um dos grandes dilemas da maioria da população do nosso país é conhecer seus direitos e ter acesso a eles, entendendo que o futuro se constrói ao longo do tempo de vida. A gente precisa ter em mente que não existe um corte abrupto na linha do tempo, como se hoje eu fosse uma mulher madura e amanhã, ao completar 60 anos, acordasse idosa. Apesar do avançar da idade acontecer como algo natural, existe todo um processo que permeia a vida do ser

humano e ele não se dá de forma homogênea para toda a população. Há muitas variáveis que interferem nesse processo”, destaca Edilza Detmering.

Para a antropóloga, a envelhecimento integra a vida adulta, já que normalmente se assume tais responsabilidades até a morte, salvo alguns casos específicos. Ela critica nomenclaturas como a utilizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), agência da Organização das Nações Unidas (ONU) que classifica o envelhecimento em quatro estágios: meia-idade, de 45 a 59 anos; idoso, de 60 a 74; ancião, de 75 a 90; e velhice extrema, acima de 90 anos.

“Meu pai tem 94 anos e eu não o colocaria nessa caixinha de velhice extrema, por ele ser uma pessoa dinâmica, ter boa memória, responsabilidades, atividades que desempenha dentro daquilo que é esperado para chamada ‘velhice’, configurando-se de maneira muito diferente de outras gerações. Entendo que é uma tentativa para ajudar a entender e apoiar, mas essas categorizações não são tão positivas quanto se imagina”, pontua.

Forma de ver o futuro

Para Edilza Detmering, que realizou pesquisa com grupos de idosos, o que caracteriza os envelhecidos é a preparação para a velhice, tendo consciência dos limites do corpo e da mente, mas sem fixar necessariamente uma idade. A perda da autonomia, no entanto, vinculada à ausência da saúde e, muitas vezes, acompanhada da solidão do desprezo, foi uma das questões mais apontadas pelos participantes da investigação como indicadores de que a velhice se avizinhava.

Alargar o tempo de vida impacta positivamente e reconfigura processos. A saúde física e mental torna-se prioridade e, com ela, surgem novos projetos que envolvem o planejamento financeiro e a busca por aprender coisas novas ou até antigas que foram deixadas de lado em outros momentos da vida. Detmering cita o caso de Alice, uma das participantes de sua pesquisa, que, no auge de seus 71 anos, já viúva e aposentada, inscreveu-se em um curso de francês para continuar realizando seu sonho de infância de ser comissária de voo, profissão que já exerce.

“O aumento da expectativa de vida muda também a forma de ver o futuro. Outra coisa perceptível é que a possibilidade de ganhar mais tempo altera o ritmo da vida. Que bom que as pessoas estão se conscientizando de que é preciso desmistificar o avanço da idade, diminuir o preconceito e não achar que depois de certa idade a gente não serve mais para nada”, finaliza a antropóloga.

Aproximar-se do ocaso da vida pode ser visto como tirania ou conquista, depende dos óculos culturais impostos, mas também acolhidos por cada pessoa. Para quem olha para trás, os passos em direção à finitude costumam ser compreendidos como um caminho sem volta, um dever que exclui possibilidades. Os que olham para a frente podem ver o envelhecer como sonho, resultado de um esforço feito ao longo dos anos. Uma terceira possibilidade, no entanto, é de tornar essa idade uma dádiva. A ausência de referências sobre esse período específico ainda faz com que suas abordagens sejam muito voltadas para a velhice, para o vir a ser, e não para aquilo que já se é.



Foto: Hélio Romero/Estadão Conteúdo

Na história, diferenças geracionais receberam variados significados ao longo do tempo, segundo as particularidades das culturas